UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01199782 2

A TOTTA & MACHADO

Memorias da preta Fernanda

A. TOTTA & F. MACHADO

Recordações d'uma colonial

(MEMORIAS DA PRETA FERNANDA)

EDIÇÃO DOS AUTORES

1912
Off. da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
43 — Rua do Seculo — 43
LISBOA

CT
2648
V3A3

A ESCRITORA

PREFACIO

Duas redusidas palavras apenas. Aos leitores bondosos que se identificarem com as denegridas e alinhavadas *prosas barbaras* que ao deante seguem devo uma ligeira esplicação dos motivos que atuáram no meu deliquescente craneo para a sua produção.

Não me move, ao catalogar as remeniscencias aventureiras da minha mocidade, o odio negro da raça ou a alvura branca do rastejante reconhecimento pelo bem e pelas atenções que sempre tenho recebido d'aqueles a quem todavia não é facil conformarem-se com a minha côr. Move-me, sim, o desejo sincero, o anelo constante, acariciado sempre no meu espirito, de contribuir como sincera colonial para o resurgimento e resolução completa do

decadente problema da literatura intermetropolitana.

Aos caratéres puros, que creiam na bondade das minhas intenções, lanço-lhes um olhar, reconhecidissimo, de agradecimento, coruscante e fundivel, como só eu os sei produsir quando quero ser gentil e graciosa. Aos tolos, aos despeitados, aos dubios, áqueles que na puresa dos meus intentos não acredítem, deixo-lhes, com o despresivel cisco d'estas revelações, o meu maior vilipendio.

Fernanda do Vale

(Pseudonimo literario)

CAPITULO I

De como decorreu a minha infancia — O «Granzá» — Superstições — A «Cachupa»

Quem desembarcasse por uma calcinante e abrasadora manhã do mês de maio de 1859, na pitoresca e luxuriante ilha de S. Tiago, uma das que formam o ridente e aprasivel arquipelago de Cabo Verde e dispensando os requisitos da civilisação, em materia de meios locomotores, cavalgasse o modesto mas prestante costado de umilde jumento, e tomasse a estrada poeirenta que de Santa Catarina conduz ao Tarrafal, não deixaria, por certo, de ser impressionado pelos gritos lancinantes que enchiam uma acachapada palhota que ilustrava a berma concava do caminho.

Por muito apatico que fosse o temperamento do viandante não podia ficar indi-

ferente ao ruido angustioso que se escapava pela porta desmantelada da cubata e leval-o-hia, investigador, a inteirar-se do drama que se desenrolava n'aquele mediocre teatro de capim.

E então, ante os seus olhos orrorisados prepassaria o vulto avantajado do *siôr* Antonio Nascimento, meu pae, que carinhosamente comprimia o labio polpudo da *siôra* Sofia, minha santa mãe, afim de atenuar os estridulos e cortantes *Ai-ués*, que retumbavam no espaço, acompanhados do vascolejante rebolar de quadris, em que aquela bondosa creatura era perita. Havia vinte e quatro oras que durava o calvario!

Pulso energico de preto Antonio começára já de abrir-se pela violencia do esforço produsido. Oh! mas o sofrimento tem limites. A calma sucede ao periodo agitado do sofrer, n'uma reação logica e necessaria e o silencio estabelece-se lugubre e inquietador.

De novo um ultimo sobresalto agita aquele corpo asevichado e oleos[illegible] se um derradeiro lamento e a se[illegible] minusculos vagidos revelam ao [illegible] que eu acabava de nascer para t[illegible] estrada da dôr e da alegria.

*
* *

Sessenta dias eram decorridos e a redusida civilisação que infestava o arquipelago exigia que eu tomasse uma denominação nos respetivos registos paroquiaes. Assim se cumpriu. Andrêsa foi o nome inscrito no bafiento caderno, onde promiscuamente se alberga a natalidade branca e negra do arquipelago.

Omologado, mais tarde, esse soléne ato com danças e canções regionalistas, comecei desde logo a saborear a consideração publica, sendo passada de mão em mão pela seléta assemblêa que se estasiava perante os meus encantos infantis.

E tanto quanto as minhas confusas remeniscencias d'esses tempos recuádos pódem elucidar o leitor amigo, direi que foi notada a minha elegancia natural e o fulgôr do olhar, que ainda oje conserva o poder ipnotico que tantos estragos havia de faser pela vida fóra.

A minha infancia foi descuidósa e passou-se em brinquedos proprios da edade, de parceria com outros pretitos, na plantação de purgueira onde meu pae arrancava, vigorosamente, á terra o nosso sus-

tento, — o meu e o de minha santa mãe.

Devo aqui contar um pequeno facto que, simples na aparencia, devia mais tarde ter influencia decisiva na minha vida.

Ia eu nos cinco anos, quando uma tarde, dormitava, sonolenta, á sombra de uma grande *papaia,* digerindo o saboroso fruto d'aquela arvore, de que me havia atafulhado com a gulodice peculiar aos da minha raça.

Insólito ruido disperta-me bruscamente e na meia modorra que precede o acordar verifiquei que o estranho som se aproximava do sitio onde recostara as minhas preciosas carninhas.

Dir-se-hia o matraquear das antenas de um inséto gigantesco, n'uma insistencia isócrona, que me coava ao espirito o senso do *compasso,* que tão relevantes serviços me havia de prestar ao depois.

Plenamente disperta já, transportei-me ao local onde me parecia que devia residir a causa do estrepito e eis o que foi revelado aos meus olhos, divertidos: dois pretitos da minha edade, sentavam-se, de pernas crusadas, no chão, onde as folhas caidas formavam como que uma alfombra

natural, e empunhavam tróços de cana, em que artisticamente tinham entalhado sulcos profundos.

Com um movimento sacudido e regular fricionavam os pausitos um no outro e assim obtinham o ruido a que acima me referi.

Não é facil descrever o efeito que no meu espirito produziu o ritmo d'essa musica esotica. Passo a passo fui-me aproximando, a respiração suspensa, os labios entreabertos, os braços pendentes ao longo do corpo. Caminhava como n'um estasis.

Os negritos, ao verem-me, soltaram um *Ai-ué*, breve e entusiastico, e redobraram a furia do exercicio.

Então, não sei o que passou por mim.

Saltei para o meio da clareira e comecei a mover os pésinhos á cadencia da musica: um atrás, outro adiante, acompanhando essas [illegible] dos quadri[illegible] lingua de fora, [illegible] como os de u[illegible]

Era a bailarina que se [illegible]

Os garotos, encantados pelo espetáculo delicioso que eu lhes proporcionava, não abandonavam o compasso e continuavam a violenta fricção, cada vez mais repicada.

E eu seguia sempre, volteando, leve, subtil, quasi alada, mal aflorando o sólo com a ponta dos pés. Em certo momento um d'eles gritou-me: *toma terra!* Então é que foi o bom e o bonito. Alargando os circulos concentricos do meu bailado, fiz prodigios de equilibrio e de balanço, a ponto de um dos musicos não se poder conter e de arremeçar um *fuma cháruto!* que levou o meu entusiasmo ao paroxismo.

Cessei, porém, de dançar por duas razões: a primeira, é que a fadiga reduzira-me á situação de um corpo sem alma e a segunda, o não ter ali charuto nenhum para fumar.

Foi assim que travei conhecimento com o *granzá,* esse maravilhoso instrumento gentilico, que atravessou o Atlantico e chegou a ser apreciado na metropole.

Pela vez primeira eu reconhecia o seu poder magico, dançando o *rasga*, inconscientemente, transportada por aquela cadencia quasi divina, que me condusia a adivinhar, intuitivamente, os segredos do baile africano.

A minha fama como bailarina do genero espalhou-se rapidamente pelas ilhas do arquipelago e ao domingo, na nossa linda praia insular, varavam milhares de

pirogas condusindo os povos longinquos que vinham admirar o novo prodigio.

Estas assemblèas tinham a dupla vantagem de me impôr á admiração dos meus patricios e de me desenvolver as pantorrilhas por virtude de tão energico exercicio coreografico.

Sempre tive tendencia para ser despida de vaidades e até... de vestuario, mas devo confessar que nunca, entre tantos triunfos que mais tarde conquistei, nenhum me embriagou tanto com os fumos da gloria, como essa estreia de Arte no meio dos bosques.

Finalmente, aos cinco anos já eu era alguem.

*

* *

Ha pessoas que não acreditam em presagios.

Pela minha parte, sem ser absolutamente supersticiosa, não pude nunca eximir-me a encontrar uma certa correlação entre os fenomenos do espirito e algumas manifestações naturaes, que são como que o seu pronuncio.

Um exemplo servirá para demonstrar a minha tése. Não sei se o leitor sabe que a

religião dominante no arquipelago de Cabo Verde é o cristianismo catolico. A permanencia dos missionarios n'aquelas ilhas insuflou no espirito dos naturaes os misterios do Dogma e seus correlativos ritos. Na alma dos meus patricios, porém, conservou-se sempre latente o culto de Manitú, uma especie de deus do mal, como os indios adoram a deusa Kali, a quem sacrificam vitimas umânas em sangrentas écatombes.

Entre nós felismente o ritual é incruento e resume-se em cravar agudo prégo n'um manipanso ou imagem do deus, cada vês que ele nol-a préga, quero diser, sempre que se subtrae aos nossos votos.

Em minha casa, ou melhor, na cubata de meus paes, venerava-se uma d'essas imagens, cujo oratorio era situado na parte da palhota destinada a... como direi? a faser regressar á terra o que da terra viera.

Poderá á primeira vista parecer estranha e pouco respeitosa esta comunhão de funções, mas a necessidade não tem lei e a rasão de tal facto residia na precisão absoluta de conservar o manipanso longe das vistas indiscretas dos missionarios, que não deixariam por certo, ao terem conhe-

cimento de tal culto, de apontar meu pae á vindicta das autoridades locaes, interessadas em mostrarem ao governo central o zelo na defesa da religião que o Estado então protegia e subvencionava.

Como disia, pois, o deus Manitú mantinha-se acocorado sobre os calcanhares no logar mais recondito da palhota, com o corpo trespassado dos prégos tradicionaes, entre os quaes avultava um, de cabeça de tremoço, que se cravava justamente no meio do narís, esborrachado, como deve ser o orgão nasal de todo o bom deus de pretos, que se présa

Ora eu tinha por costume, todas as manhãs, antes de sair para o trabalho na plantação de purgueira onde meu pae me empregára, ir prostar-me perante o santo, rogando-lhe nas minhas orações que me protegesse e permitisse qne os meus quadris se desenvolvêssem e desengonçássem, cada vês mais, para gaudio e regalo dos meus concidadãos.

Depois aplicava o ouvido e por vêses parecia-me sentir uns estalidos sêcos, que eu tomava como aquiescencia do santo aos meus pedidos.

Terminadas as résas corria a esaminar a fisionomia do manipanso, que mal

se enchergava por entre o verdadeiro tufo de cravos que o desfiguravam.

E então o prégo, cabeça de tremoço, que o deus mostrava no narís era por assim diser a bussola que fixava o meu destino por aquele dia.

Se o prégo se inclinava para a porta do «water-closet» eu teria um dia fatidico; se porém, propendia para o lado oposto, o dia que ia seguir-se seria ridente e próspero.

Esta superstição arreigara-se de tal modo no meu espirito, que não havia argumentos que me fizessem convencer do contrario.

Meu pae empenhava-se em destruir a crendice, mas eu conservava-me renitente, como é proprio das almas que receberam ávidamente as primeiras impressões.

De uma vez em que eu, caindo, esfolára um joelho e com berros de vitélo a quem tiráram a mãe, punha em vibração as palhas da cubata, meu pae correu assustado e só socegou quando viu minha santa mãe a esfregar, com sal e vinagre, a parte contundida.

Com vóz entrecortada pelos soluços, espliquei:

—Vê, *siôr* paesinho, eu caí porque *siôr*

Manitú tinha esta manhã o prégo virado p'rá porta!

—Não *diser* asneira! retorquiu meu pae impacientado.

—Foi *si siôr*! gritava eu.

—Não faz *esbrincadeira* com coisa séria, disse o *siôr* Nascimento, já enxofrado, ámanhã eu *mostra* que Manitú não quer saber de você.

E virando costas voltou á purgueira,

Na manhã seguinte quando eu implorava do santo um dia propicio, ouço os taes barulhos subterraneos, que eu considerava como demonstração de que Manitú ouvia as minhas suplicas.

—Obrigada, *siôr* Manitú, disse eu, rojando a fronte no pó.

N'este momento ouço uma gargalhada que retumbou no silencio do santuario e me gelou de espanto. No mesmo instante uma luz intensa, de oleo de palma, inunda o recinto e eu vejo, imaginem o que? Meu pae.

Meu pae, sentado na especie de sofá que ficava ao fundo, sorria benevolamente, mirando-me com interessado carinho, emquanto os estalidos sêcos e brandos continuavam de fazer-se ouvir, como um rosario que se desfiasse no rebordo d'uma meza.

Estarrecida perante tamanho desacato esaminei a face sarrabulhosa do santo e então, ó milagre, eu vi, distintamente, o manipanso com ar colérico torcer as ventas para o lado da porta, como que a procurar um ar menos viciado.

O prégo fatal acompanhava a direção do narís!

N'um relance compreendi tudo.

Manitú, quando meu pae o desrespeitava, zangava-se, o prégo torcia-se e quem pagava as favas era eu.

Ao constatar o facto orrível fugí, correndo como louca, sempre em frente, dando apenas fé de que as arvores corriam em sentido contrario, como gigantes que fugissem a um perigo temeroso, e só parei quando o tronco de um grande eucalipto pôs uma barreira á minha impetuosidade, fasendo-me dar o maior carôlo de toda a minha vida. Perdi os sentidos.

.....

Quando voltei a mim, o sol mergulhava o seu disco de fogo para as bandas do Poente. Vagamente, recordava-me de que me sucedera algum mal.

Pudéra, Manitú tinha virado o bico ao prégo!...

*
* *

Por entre as diversões a que é costume entregarem-se as creanças da minha terra e o trabalho leve de catar os pés da purgueira, que meu pae me imposera, escoava-se, serena, a minha infancia.

N'essa tarefa ligeira esfolava eu uns vintens com menos dificuldade do que mais tarde encontrei, por veses, ao esfolar alguns cabritos que o destino se comprouve em lançar no meu caminho para as culminancias da arte culinaria, em que cheguei a ser esimia.

Mas não precipitemos os acontecimentos.

As recordações atropelam-se, ás veses, no meu cérebro, cuja lucidês os embates inquietantes do amor não conseguiram todavia obliterar. Devo, porém, contar, por não serem destituidos de interesse, os pormenores que patentearam a minha santa mãe, a vocação decidida, entre outras, que eu afirmava para a arte de Vatel.

Um dos pratos regionaes—se assim podemos chamar-lhe, pois ali é de uso comer-se em gamélas — mais apreciados, é a *cachupa*. Este precioso piteu prepara-se

pondo em demorada cosedura o milho, base da alimentação indigena, o feijão branco, a carne de porco e a de vaca, o chouriço, alem de outros temperos, que eu agora não digo, por constituirem um segredo, que me não ha-de acompanhar á cóva, mas que constituirá materia de um segundo volume, em que estou trabalhando e no qual desvendarei algumas receitas da cosinha selvagem.

Intítular-se-ha *Manual do cosinheiro indigena.*

O que, porém, tem cabida n'estas despretenciosas memorias é o despontar da minha vocação, de que tenho o mais legitimo orgulho e que entendo não dever calar.

Posto isto, cumpre-me dizer que minha santa mãe, — cosinheira escelente, —era perita na manipulação da *cachupa* e que aos domingos, quando as terriveis crises famintas não haviam devastado ainda o arquipelago, ela confecionava a saborosa iguaria com que se regalava a familia e alguns convidados.

E então era uma fésta!

Os convivas chegavam em bandos, como andam pelo mato, as senhoras envergando as suas tangas de côres berrantes,

com os altos penteados entretecidos de penas das aves canôras e os mimosos artelhos carregados de manilhas relusentes. Aqui abro um parentesis para perguntar porque rasão, chamando-se ás manilhas que se usam nos pulsos—pulseiras, não se chamará ás que se trasem nos artelhos — artilheiras.

Esta pergunta tem toda a oportunidade, atendendo a que essa moda do meu paiz se vae generalisando na Europa e que as nossas elegantes já a começam a usar, embora n'um pé só, o que, diga-se de passagem não acho bonito, pois lembram o papagaio fugido da gaiola.

Mas, deixemos este problema prosodico e prosigámos no relato fiel da minha acidentada e aventurosa esistencia.

Como ia disendo, as senhoras trasiam os seus trajos de gala e os ómens imitavam-nas, ostentando a tanga tradicional e comum dos dois sexos, emquanto na cabeça colocavam, galhardamente, com um geitinho brégeiro, o classico chapeu alto, tipo *harmonium*, cujo preço os armadores dos navios de cabotagem, barateavam pela compra, em segunda mão, nos mercados europeus e que se espalhava profusamente pelas cabeças masculinas da ilha, em

troca dos generos e especiarias tropicaes.

Os convivas, logo que chegavam, acocoravam-se em frente da cubata e metiam o dedo indicador pelo nariz acima—prova da mais requintada cortesia entre tribus visinhas.

A esse gesto correspondia meu pae gravemente, soltando um *ai-ué*, — o nosso grito nacional de guerra e que é a locução que nós outros, os fuscos, generalisamos ao amor, á alegria, á colera, á admiração e emfim a todas as singelas manifestações dos nossos espiritos tacanhos e incivilisados.

Ainda oje, época bem afastada em que estou dos usos indigenas, sempre que me assoberba uma emoção violenta eu desfiro esse grito, com energia. Lembro-me que ainda um dia d'estes o soltei ao queimar-me, cruelmente, na chama d'uma vela da conceituada marca *Navio*.

Bem sei que este uso poderá tornar-se reparado n'uma terra em que se costuma empregar uma locução bem diferente quando alguem se queima! Mas, que querem? o uso do cachimbo entorta a boca. O leitor complacente que me desculpe estas divagações.

E' tão doce o recordar...

Voltemos á *cachupa*. Reunido o conclave no terreiro da palhota, surgia d'esta a minha santa mãe, empunhando, aforçurada, a marmita do petisco que os convidados mamavam até lhe tocar com o dedo e em seguida esmoíam com monumentaes ingurgitadelas de *cachaça*, que se transformavam em heroicas camoécas, diluidas depois no desnalgar frenético do *rasga*.

Pois era quando minha santa mãe confecionava a sucolenta petisqueira, que as minhas faculdades de observação se concentravam n'essa complicada tarefa.

Observava e reociocinava.

Levantando a tampa da panela, eu quedava-me entretida e absorta na marcha continua dos feijões, fervendo. E admirava como eles desciam encostados ás paredes do recipiente, para tornarem a subir pelo centro, n'um movimento constante que, por vezes, impelia os nacos de carne que ferviam, de parceria.

E então, no meu cerebrosinho infantil fasia-se lús e uma pergunta formulava-se, precisa, no meu espirito:

— Seria a carne que arrastava os feijões ou os feijões que arrastavam a carne?

A essa pergunta só mais tarde a minha esperiencia da vida poderia responder:

— Era a carne que arrastava os feijões, como no mundo empucha os mortaes, n'um perpetuo movimento de atráção.

Foi assim, raciocinando, observando e tirando a lição dos factos, que eu aprendi a faser *cachupa*.

*

* *

Comquanto sejam indispensaveis a uma solida educação os uteis conhecimentos caseiros que minha santa mãe me inoculou, eu não podia, sem quebra e sossobramento completo do meu espirito aventureiro, restringir a minha ambição á esféra acanhada d'uma compositora mediocre de especiarias regionaes.

A minha aeroplanagem tinha que percorrer e cortar as nuvens asues celestes da estrada do amôr e procurar uma *atérrissage* condigna do meu temperamento aventureiro e fogoso, ardentemente espicaçado por uma solida vontade de progredir e trilhar caminhos que me levassem presta e célere a orisôntes desconhecidos.

O cinto asfixiante da puberdade amea-

çava envolver por longo tempo o meu organismo e, portanto, urgente se tornava, para evitar o estiolamento, alargal-o rapidamente e d'uma fórma energica. Assim se fês, como o leitor paciente verá, identificando-se com a vernacula narrativa que segue.

CAPITULO II

O amor em cena, ou o naufragio da virgindade — A viagem — Dakar — O casamento — Dez mezes perdidos!

A invernia decorria violenta e triste. Os caminhos encontravam-se revestidos de uma camada de poeira branca e sêca que contrastava, provocadoramente, com a côr dos naturaes.

As aguas do revolto e derrancado porto de Cabo Verde tinham sido levemente feridas pelo mergulho inconsciente da pesada ancora de ferro do lugre-patacho *Margarida II*. A bordo, a costumada equipagem encontrava-se debaixo das ordens e comando d'aquele que mais tarde deveria ser o meu capitão de navios.

A crise do milho no arquipelago desenhava-se com orrèndas, profundas e negras côres.

Meus pobres paes encontravam-se sem sombra ou esperança de massaroca previdente que os incitasse á continuação da concubinagem legal a que se entregavam, dôce e ternamente, havia bons desoito anos.

A desorganisação do lar era fatal, mas meu pobre pae reagia, com fé energica de preto musculoso, ao desbarato estupido e banal do que tanto tinha custado a edificar, colétivamente, com o auxilio d'aquela a quem por vicio precoce resolvi chamar sempre *a minha santa mãe.*

As retaliações sucediam-se; os ralhos, as zangas, constituiam o pão de milho nosso de cada dia e o proloquio antigo «casa onde não ha pão todos ralham e ninguem tem rasão» ia tomando fóros de verdadeiro axioma catedratico.

Para agravar sobremaneira este estado de coisas, que ameaçava um desenlace terrivel para a disciplina conjugal, concorria, não pouco, o estouvamento em que os meus ardentes e capitosos desoito anos me mergulhavam de uma fórma veemente e funesta, á qual não podia fugir nem sobrenadar.

Eu bem procurava ser a filha docil e acariciadora do lar, que ameaçava derruir.

Bem deligenciava ser o traço de união, carregado de côr, d'aquele infortunado casal que começava a palmilhar a estrada da desorganisação e do desvario, mas a minha ardencia, filha natural dos tropicos, a minha mocidade, impeliam-me como bóla de sabão para o sentimento puro e anelante do amor, que, afinal de contas, tem sido toda a rasão do meu viver.

O capitão do lugre, Jeronimo Antunes Martins, era creatura máscula e forte e de tal imponencia de fórmas que á primeira vista subjugava d'uma maneira martirisante quem d'ele tivesse a loucura de se aproximar.

O andar cadenceado, a tês, levemente tostáda pela frequencia das aguas maritimas, e a vóz forte e sonóra retiniam no fundo da minha negra e triste alma como persistente sereia de farol em dia de nevoeiro espesso, avisando o navegante de que pedra abandonada em fundo de rio se antolha á tranquila continuação da sua róta ou percurso préviamente estabelecido e disposto.

Eu lutava, mas a sua figura era imponente e fazia vergar o cavername da minha debil existencia, a ponto de, criminosamente, sem audiencia paternal, lhe con-

ceder as primeiras falas ternas de um sincero e delicado amor, misto de dedicação e da selvageria propria dos meus patricios.

Reagi, lutei, como digo, desesperadamente.

A tortura era completa.

De um lado, ao meu febril espirito perpassava a dorida situação insustentavel do lar conjugal paterno; d'outro lado divisava n'esse cavalheiresco e sadío capitão de navios o piloto do meu futuro aventureiro, em que eu não sossobraria, porque o seu braço musculoso, avesado á escôta grande das embarcações veleiras, viria em auxilio piedoso e consistente d'uma esistencia não costumada nem afeita aos grandes centros civilisadores.

A efervescencia das lutas caseiras estava no seu auge, agravada com o desequilibrio amoroso a que me tinha abandonado.

O meu piloto lançava religiosamente no seu diario de bordo os calculos matematicos da nossa longitude amorosa.

Eu, navegadora inesperiente, entregava-lhe a minha auto-embarcação com a fé, ardencia e desinteresse que sempre puz em todos os atos da minha acidentada vida.

Ele, como navegador pratico e espedito,

acorria pressuroso e energico ao leme da minha escura existencia e animava-me na faina ingloria e desassocegada do meu labutar quotidiano.

A situação, se não tomou um aspéto agúdo e desregrado, mantinha-se, comtudo, na espétativa dissolvente e açambarcadora d'um futuro de que nada havia a esperar. Jeronimo Martins era assiduo, carinhoso e d'uns ciumes tigrinos.

O brilho dos seus coruscantes olhos refletindo-se na espelhante péle do meu cólo produzia abundantes stalactites da lava que havia de, dentro em pouco, abrasar a minha dôce e imaculada puberdade.

*

* *

Meus paes, mais identificados com a minha situação amorosa, amorteciam os ralhos bilateraes e convergiam suas coleras domesticas sobre a minha debil cabeça, carapinhada por materia pilosa rebelde ao pente, que no futuro eu havia de conhecer como instrumento indispensavel ao percurso civilisador.

O arrulho era permanente e constante e o capitão chamava-me o seu negro ponto fi-

nal em assuntos amorosos, nos quaes tinha sido fertil e estouvadinho. Embaída e embalada n'esta dôce ardencia amorosa, a colisão impunha-se, tanto mais que o lugre não podia ficar eternamente fundeado na calorifera rada de ancoragem, nem a nossa amorosa simpatia devia naufragar com o natural e comercialista levantamento da ancora.

Proibída de proliferar no ateamento d'esta eruptiva e vulcanica cratéra, eu buscava todos os pretestos para acompanhar de perto aquele que tinha chamuscado tão violentamente o meu orgão propulsor.

Umas veses eram as colheitas do coconote, da purgueira e do mendobi os pretestos industriaes para me aproximar do meu másculo capitãosinho. Outras, os passeios pedestres e igienicos, se bem que tivessem o inconveniente de me gretar o saliente calcanhar, serviam egualmente de motivo justificativo ás ausencias que eu frequentemente praticava do lar paterno.

Balbuciando-me levemente ao pavilhão auricular frases e palavras d'uma ternura inaudita, esses passeios transformaram-se, pela continuidade e extensão, em verdadeiros *records* pedestres, dos

quaes, orgulhosamente, ainda me sinto, n'este lucido momento, a verdadeira e unica detentora.

Tudo decorria soporificamente, contribuindo para este estado de coisas o calôr escessivamente centigrado que quasi todo o ano avassala o modesto e ridente arquipelago.

Telegrama espedito e ferós, a que a minha inteligencia precoce não sabia dar o valor real e verdadeiro, ordena em breves palavras ao meu Romeu que apreste o aparelho e a equipagem, pois os altos interesses da navegação de cabotagem não podem prescindir por mais tempo do seu valoroso e dedicado concurso.

Ele ainda tenta reagir qual tufão violento e destruidor, mas a ordem é sêca, como sêco foi o ano fatal em que estes acontecimentos se deram, para a agricultura indigena.

A civilisação cruel a esmagar um coração metropolitano e a lançar a semente desvastadora da rebeldia n'outro de origem indigena, mas tão puro e dedicado como o de Colombina!!

Ah! a dôr alanceou-me e as pulsações do meu coração tomaram um andamento vertiginoso e desordenado, só com-

paravel áquele espetáculo magico que mais tarde meus olhos haviam de contemplar, pasmados, verificando de perto o poder e a marcha magestosa e isócrona das maquinas elevadoras do grande reservatorio dos Barbadinhos!!!

O sentimento rebeliativo impunha-se-me, agravado com as tendencias guerreiras que sempre constituiram a fé inquebrantavel de meus avós.

O desejo, a ardencia de me lançar em novos horisontes aonde o meu temperamento fogoso pudesse esvair-se em crepitantes aventuras, encorajavam-me até ao delirio!!!

A visão do desconhecido, a romper com os redusidos preconceitos familiares, aligeirava a faina estenuante do meu dragão maritimo, por fé e por profissão.

Ele já não era o balbuciante amoroso; era, sim, o marinheiro rude que ordenava a manobra eroica da salvação da creatura fadada para afirmar ao mundo, absorto, o temperamento d'uma raça esquisita na côr, mas natural e completa na fórma de procurar identificar-se com os progressos universaes.

O meio era restrito e acanhado a tanta precocidade e o meu marinheiro, como

creatura bastante viajada, tinha compreendido que o momento não era para delongas.

As minhas minusculas esitações foram assim, pouco a pouco, abeberando na calda rude d'esse erculeo temperamento de ferro, galvanisado pelo ábito continuo de saber comandar.

O desenlace era fatal; a ordem não se fês demorar, e ao meu arguto e avantajado ouvido passou como tromba marinha a palavra «rapto», desferida pelo labio salitroso do meu energico comandante.

O modesto e pobre tugurio onde esta avesinha poisava ia, pois, ser abandonado por ela em imitação fraudulenta de pombo correio, que não cultiva para viagem rapida o comum bilhete de ida e volta.

Não e não.

Eu abandonaria todos os carinhos paternaes, abandonaria todas as recordações fagueiras e infantis da minha mocidade, desde o modesto artefacto que dá pelo retumbante nome de *tanga* até ás peninhas de inocentes aves silvestres, com que era composta e ornada a multicôr corôa, ornamento da testa larga e desenxovalhada que constitue o marco afirmativo da minha intelectualidade, mas

não voltaria jámais a reverter junto d'aqueles que com o seu álito tropical aqueceram as tenras carnes da minha infancia.

*

* *

Assim se fês. Por uma luarenta noite de julho o meu espirito encontrava-se incandescente e perplexo e as arterias pulsavam com estrépito, como se fôssem agitadas por furacão rapido e consistente.

Cá fóra, á beira da estrada, um bando patricio entoava uma dôce e quente melopêa que, infiltrando-se no meu cerebro, produsia uma atmosféra xaroposa e peganhenta, da qual era dificil desprender-me.

Eram as *mórnas,* canção prediléta da localidade.

Nunca me pareceram tão carinhosas e tão subtis e o meu ouvido, sempre rebelde ao culto de Santa Cecilia, ia amolecendo com facilidade comparavel áquela com que o fogo lento derrete a cêra quando se lhe adiciona a agua-ráz.

Tudo, pois, era poesia e dissolvecia quando a minha atenção foi solicitada e distraida para o ruido familiar ao meu timpano, e que era produsido pelo revesti-

mento de cabedal e sola que envolvia as avantajadas pernas do meu dragão, e ao qual mais tarde ouvi chamar redusidamente *botas de agua* ou *de embarque*.

Era ele que junto de mim vinha para me canalisar no tubo grande e aventureiro do futuro.

Rastejando e transpondo facilmente o orificio que servia de janela á modesta casa paternal, por ele foi envolvida minha retinta pele em truculento casaco de encerado, o qual constituiu para mim n'esse momento o primeiro degrau transposto do longo calvario civilisador que me propunha subir sem cansaço, esforço ou hesitação, a amortecer á minha audaciosa fuga.

Não entibiei e antes, resoluta, o acompanhei em peregrinação silenciosa até junto da praia, onde escaler posto por mão previdente nos havia de conduzir em conjunto a bordo d'aquela particula civilisadora que dava pelo nome de lugre-patacho.

Aí, a equipagem, afeita á obediencia, constituia a população flutuante d'esse ninho aquatico onde a minha corôa de mirtos iria mergulhar. Devo confessar que pouco ou nada me assustava este

mergulho, pois entendia e entendo que tudo se deve sacrificar á idéa generosa e altruista do desenvolvimento colonial.

O meu profundo torpôr foi simultaneamente sacudido com o meu vicejante corpo, ao sentir a vóz grossa d'um marinheiro alentado que comunicava ao meu Martins que o ferro se encontrava a pique. Referia-se, certamente, á ancora fatal á qual o telegrama intempestivo tinha, já ha dias, ordenado o levantamento. Áto continuo, Jeronimo ocupa a ponte do comando, empunha ora uma ora duas malaguetas do leme e ordena, labirinticamente para o meu espirito, que alguem da equipagem tome conta das adriças do *pique* e da *boca*.

Esgaziei o meu olhar metalico misericordiosamente sobre o hercules e ele, com aspéto misto de carinho e de orgulho, diz-me tranquilisadoramente: «Não te assustes, trata-se da *boca da carangueja*» Se mal estava, peor fiquei, pois no meu espirito começou a estabelecer-se a duvida de que eles falavam lingua cifrada para sacrificarem a minha vida em olocausto ás desmedidas ambições que sempre tinha revelado nos coloquios amorosos que mantive com tão valente marinheiro.

A lua amortecia o seu brilho pelo adeantado da óra noturna e a terra mãe, a sotavento, ficava mergulhada na sombra negra dos esfomeamentos permanentes dos habitantes. Vergada ao cansaço febril de tão fortes e esgotantes acontecimentos, acordei na manhã umida do dia seguinte deitada em fôfa cama, servindo-me de companhia, á cabeceira, as inseparaveis botas d'agua d'aquele que desinteressadamente colaborava com o seu esforço dedicado para o grau educativo que atualmente possuo.

Do que se teria passado n'essa noite tremenda e fria não póde o meu espirito oje fazer uma reconstituição fiel e completa; mas d'uma cousa tenho absoluta certeza e essa é a que a bordo de tão minuscula particula navegadora se obteve a confirmação irredutivel e jámais contestada do sacrificio a que na minha patria os fétichistas recorrem, degolando um inocente galo e espargindo com o seu sangue fresco e palpitante o lençol verginal da noite de nupcias. Estava pois percorrido o segundo degrau civilisadôr e o lugre conforme me ciciou ao ouvido marinheiro amavel e atenciôso, singrava galhardamente de rumo feito ao comercial porto de Dakar.

*
* *

Havia 24 horas que navegávamos. Durante a noite o vento rondára uma quarta para N. E.

Desfiseramos o rumo e navegávamos em longos bórdos para atingir Dakar, com vento ponteiro. Admirar-se-ha o leitor, talvez, dos meus conhecimentos nauticos.

Não ha razão para espantos.

E' que as impressões da minha lua de mel gravaram-se profundamente no meu pensamento e as ordens de comando do meu valente capitão Martins, comentadas pela minha ardente curiosidade e esplicadas pela sua carinhosa ancia de me ilustrar, inseriram-se indelevelmente na minha memoria.

Não quero com isto dizer que eu seja capaz de comandar um navio, mas as noções de navegação que adquiri com Martins e a pratica do manejo da piroga que contraí em Cabo Verde, dão-me certa autoridade nautico-maritima para falar de cadeira sobre o assunto.

Dada esta breve explicação, para arredar toda a idea de que eu seja pretencio-

sa e, ainda, para melhor inteligencia da narração, continuarei.

Contávamos, pois, uma singradura.

A brisa fresca de N. E. continuava a soprar. O homem do leme, impassivel, conservava o navio em bom andamento aproveitando tanto quanto podia as boas qualidades que o barco possuia para *puxar de bolina*. O meu Martins por momentos deixava-me no castelo da pôpa, reclinada indolentemente n'uma *cocha* de cabos e subia á ponte com passo firme, afeito ao balanço. Depois dominando todo o convés, d'aquele logar elevado, lançava-me um olhar benevolo e agradecido, que em seguida mergulhava, sagás, nas profundêsas da bitácula, tranquilisando-me do alto com um gesto aquietador. Pela minha parte sentia-me felís e vogava em pleno azul.

Por sorte não enjoava e o meu robusto e bem organisado estomago resistia ao balanço, como um catita.

O apetite, aguçado por desoito anos de crises famineas em Cabo Verde, manifestava-se constante e o meu Martins exultava ao ver a minha voracidade, que ele na sua esperiencia de navegadar comparava á do tubarão. E tinha então requintes de amabilidade que eu adorava.

Ao ver-me devorar e deglutir grossos nacos de carne, enternecia-se e dando-me fórtes palmadas, com a mão espessa, cujos dedos lembravam bananas, na anca roliça, disia entusiasmado—Arre, chama-se a isso comer bem!

Em seguida ao que, bebia meio litro para aconchegar.

Com tão bons pronuncios a viagem fêsse sem incidentes nem incomodos e ao fim de 7 dias fundeavamos em Dakar.

Não desejo alongar as minhas memorias com largas divagações e por isso pouparei o leitor á descrição do magestoso porto, que constitue o entreposto de todo o comercio da Guiné Franceza, do Congo e do Gabão.

Bastará que lhe relate as minhas impressões ao contemplar, admirada, aquele mundo completamente novo para os meus olhos abituados ao orisonte estreito da plantação da purgueira natal.

O movimento do porto entontecia-me. Nos vastos caes acostavam vapores de grande tonelagem, cujos guindastes arrumavam constantemente as mercadorias nos vastos flancos de aço. Pelas ruas que a esses caes conduziam circulava uma multidão eterogenea por entre a qual se distin-

guiam trajos de todas as regiões do globo, incluindo muitos identicos ao que eu n'esse momento ainda envergava e que parece-me já ter insinuado, atrás, era a modesta *tanga*. A verificação d'esse facto criou-me alma nova pois afastava para longe o receio de dar nas vistas ao desembarcar.

Felismente aquele vestuario tropical era bem conhecido na importante cidade, onde stagiam muitos indigenas da Liberia, que com o nome de serviçaes vão prestar trabalho nas esplorações agricolas inglezas, com uma liberdade tão redusida que tem grandes resaibos á escravatura que eles, por interesses inconfessaveis, nos pretendem assacar.

Cá estou outra vez a divagar. Espero, porém, que o leitor benevolo me perdoe esta delonga na relação das minhas aventuras, pela demonstração do espirito patriotico que a ditou.

O meu Martins depois de haver ordenado á tripulação as manobras necessarias para a ancoragem, intimou-me brandamente a que o seguisse.

Desembarcámos. E se ainda a bordo me entontecia o movimento incessante do porto, agora em terra sentia-me perfeitamente aparvalhada, o que é para ad-

mirar n'um espirito que tantas provas tem dado de atilado. Martins, porém, velava e condusia-me n'um verdadeiro reboque atravez da multidão e como ábil pratico, que era, levou-me a salvamento, que no caso sujeito se representou para mim no vestibulo do *Hotel Universal.*

Instalada n'um amplo quarto cuja vista se espraiava pelo vasto porto, onde o aparelho dos navios recordava, vagamente, as florestas da minha terra, o meu bravo capitão anunciou que me ia enviar uma modista para me ataviar á moda europeia, mais consentanea com os altos destinos que eu era chamada a preencher. Esta nova encheu-me de alegria. Sem ser uma alma frivola, tive sempre grande tendencia para o luxo e para os trajos custosos, que tanto fasem realçar a belesa, quando realmente se possue, como eu me orgulho de a ter.

Martins não me iludira. Pelo meio do dia chegou a modista, acompanhada d'um mestiço que transportava grande caixa de papelão. Tive um sobresalto de alegria e recebi-a com grande civilidade, introdusindo o dedo fura-bolos no narís, como tantas vezes vira fazer a meu pae.

Esse gesto pareceu surpreendel-a imensamente e tanto assim que, em vez do *aiué* que eu esperava, correspondeu oferecendo-me um bocado de tecido branco, a que chamou lenço, e o qual na minha santa ignorancia eu julgava ser a bandeira da pás. Em seguida passei a examinar as maravilhas da caixa misteriosa.

A modista, simpatica franceza que, ao diante, sube ser artista de grande merecimento, começou por apresentar um chapelinho de tule preto com fitas que vinham tormar a laçada por baixo do queixo, e em cuja cópa se empinava uma pena de ganso, no genero da que o átor Carlos Machado trazia no *diabo* da revista *Preto no Branco.* Depois mostrou-me um espartilho, instrumento de tortura cujas vantagens vim a conhecer mais tarde. Seguidamente fez-me ver a saia, toda em ramagens; o corpete de mangas justas, como então se usava, do mais belo merino preto; saias de baixo; calcinhas de renda até o meio da perna; um par de botas de elastico com puxadores de seda branca que caíam garbosamente sobre o cano; meias encarnadas de algodão; mitenes do mesmo tecido e finalmente um lindo leque com varetas de chifre de rangifer e um

formoso mantelete. Eu batia as palmas, pasmada, n'um deslumbramento. Ia, finalmente, ser branca. Pelo menos vista de costas. Isto é, meio branca, portanto, mulata.

Era metade de caminho andado para as raças superiores.

A' tarde, enfeitada com tão lindos atavios, esvoaçando-me no rosto uma suspeita de pó de arrôs *Veloutine,* saí pelo braço de Martins a pavonear-me nas ruas frequentadas da cidade.

*

* *

D'esse passeio, conservo inolvidaveis recordações. A tarde, amenissima, apenas entrecortada por uns bons sôpros de brisa, envolvia a cidade, que a essa ora apresentava um aspeto tranquilo, cessada a asáfama dos caes.

A população, em ranchos, passeava descançando das fadigas do dia. Eu acompanhava orgulhosa o meu valente navegador, se bem que ainda um pouco estranha á indumentaria que me selava o costado potente. O leque atrapalhava-me e o ventinho fresco da tarde levantava-me

as abas do mantelete, que flutuavam como as asas d'um morcego.

Ao dobrarmos a esquina de afastada rua, Martins teve um sobresalto. Em sentido contrario, mas na mesma direção, caminhava um transeunte, que, de braços abertos, avançava para o meu lobo do mar, com um largo sorriso a iluminar-lhe o rosto prasenteiro. Jeronimo apresenta-nos:

—O meu amigo Kremps, o alemão mais divertido que ha; a minha *pescada!*

—Muito gosto em conhecer *vóscencia*, disse eu, a abanar-me toda e estendendo-lhe a mão á ingleza.

—*Muita* praser, *fraulein,* respondeu o sr. Kremps

E, logo, ali se combinou passarmos a noite no *Botequim da Marinha,* onde se reuniam todos os embarcadiços de passagem em Dakar.

O sr. Frederick Wilhelm von Kremps acompanhou-nos no passeio e durante todo o tempo contou istorias que me fasiam rir.

Devo confessar que sentia uma certa inclinação para ele. Aquela figura enorme impunha-se-me, e o desejo que mostrava de me apraser tornava-me simpatica a sua pessoa.

Em certo momento, não pude duvidar de quanto eu lhe agradava, pois, aproveitando um instante de distração de Martins, deu-me um beliscão em parte carnuda e com tão desusada violencia que, se por um lado me maguou, por outro revelava-me a intensidade dos seus sentimentos a meu respeito.

Ao anoitecer, chegámos ao *Estaminet de la Marine,* onde a nossa entrada fez sensação.

Em todas as mesas os frequentadores cochichavam e as senhoras mordiam-se de inveja por me verem tão luxuosamente trajada e flanqueada pelos meus dois atleticos companheiros.

Um criado apresentou-se solicito, muito correto na sua jaqueta de casemira, que se destacava com elegancia do avental branco.

—Cerveja! comandou o meu capitão.

—Tres? perguntou o criado.

—*Ya!* regougou o sr. Kremps.

Emquanto o criado dava esecução á ordem recebida, eu, mais familiarisada com o que nos rodeava, espraiei a vista pelo café.

Era uma vasta sala com této de abobada, apoiada sobre colunas, ornadas de

espelhos, que, de resto, ornamentavam tocas as paredes, o que multiplicava os aspétos por uma fórma bisarra, aumentando as proporções da quadra de uma maneira grandiosa.

Ao fundo, sobre um estrado soltava os seus acordes melodiosos um sestêto, que me causou grande espanto e perturbação, acostumada como até então estivera á musica gentilica e selvagem da minha ilha.

O criado trouxe as cervejas pedidas, que os meus companheiros se apressaram a ingerir, ao passo que eu, aos primeiros goles, fiz uma careta orrivel e desatei a cuspir.

Parece-me, porém, que o fiz por uma fórma tão graciosa, que todo o café se torcia ás gargalhadas.

Kremps e Martins riam tambem e pediam mais cerveja. Como em quasi todas as coisas a questão está no começar. Bebidas as primeiras, nunca mais deixaram de ingorgitar o alourado liquido. O criado passou a estar ao serviço esclusivo d'estes senhores e emquanto singrava em róta para o balcão, transportando os copos vasios, eles chupavam o conteúdo dos que havia pouco trouxera e isto com tal insis-

tencia que pareciam empenhados em resolver o problema do motu continuo.

E, emquanto se entregavam áquelas ininterruptas libações, conversavam n'uma algaravia que nem o diabo os podia entender.

Todos estes elementos de distração e alem d'isso o uso de um vestuario a que eu não estava acostumada, começavam a produsir os seus efeitos.

O sono, a pouco e pouco, começava a pesar-me nas palpebras e eu principiava a ver o quadro do café como se estivesse a grande distancia.

Por outro lado a cerveja, a que me ia abituando, começava tambem a atuar em mim. Martins e Kremps encarniçados no seu duélo cervejal viam crescer desmarcadamente as duas pilhas formadas pelas rodelas de feltro em que eram transportados os copos.

A certa altura adormeci e sonhei que os feltros cresciam até o této, que perfuravam, saindo pelo telhado, como duas chaminés de fabrica. Depois acordei sobresaltada, com grandes picadas no ventre.

O suor escorria-me abundantemente pelo rosto, abrindo sulcos profundos no pó

d'arrôs das faces, que a angustia zebrára.

Eu bem sabia o que queria, mas o pudôr emudecia-me.

Em certo momento a violencia da dôr arrancou-me um grito.

Martins interrompeu a lenga-lenga monótona que o outro não escutava, absorto na contemplação da espuma no copo, e começou a olhar para Kremps, desconfiado, julgando que ele me tinha pisado os pés, por baixo da meza.

Eu não podia mais. Perdi a vergonha e inclinando-me para o ouvido do bravo capitão, disse-lhe:

—Estou muito incomodada; isto *ser* da cerveja...

Martins, já tranquilisado por ver que não perigava a sua honra conjugal, sorria brandamente, sem parecer ouvir o que eu lhe comunicava.

—Estou cada vez peor, suplicava eu.

—Grande cerveja! amigo Kremps, disia o lobo, dando estalinhos com a lingua.

—Mas, Martins, olha que eu não posso mais!

—Não pódes, não bebas. Eu logo vi que eras fraca bebedoura, arrotou-me o meu carrasco.

Então tomei uma resolução eróica — eu fui sempre muito decidida — e levantando-me dirigi-me ao creado.

—O sr. póde-me dizer onde se...

—Onde se?... perguntou ele interessado.

—Sim, onde se...

—Não entendo.

—O' senhor, onde possa tirar o espartilho!

—Está muito enganada, nós aqui não temos gabinetes reservados, diz-me o rapaz, colérico.

—Então quando se bebe cerveja e se quer devolvel-a, não ha onde o faser.

—Ah! sim senhora, porque não disse logo isso, responde-me ele, já a sorrir, atencioso,—venha por aqui.

E condusiu-me por entre as mesas, com solicitude.

Eu caminhava atrás do criado em passos curtos, apertando as pernas, pois sentia redobrar a minha angustia.

Finalmente, o serventuario abre uma porta e afasta-se para me deixar passar.

N'um pronto a fecho, mas não contava com o espartilho que eu não podia tirar e d'aí a pouco, a espera prolongada dava os seus frutos, demonstrando-me a inutilidade de vir tão longe.

Era sair d'uma angustia para cair n'outra mil veses peor.

Mas lá me arranjei como pude, pois não devia ficar eternamente no acanhado recinto e decidi vir procurar o meu comandante.

Para isso tratei de refaser o caminho percorrido, mas então é que foram elas.

Ao passar por entre as mesas, parece que deixava um rasto envenenado, pois não via senão consumidores de mão no naris, emquanto aos meus ouvidos chegava, vagamente, o côro de maldição das vítimas.

Quando me aproximei da mesa onde estavam os meus companheiros, apenas vi o sr. Kremps, cuja barba emergia triunfante por detraz das pilhas de feltro, mas os olhos haviam perdido grande parte do brilho.

—E *siôr* Martins? perguntei eu.

—Martins ser *pouca* bebedor. Estar *bebeda* e *voi* otel. *Bediu* para eu acompanhar *bescada*, que ele não estar *estada*.

Surpreendeu-me esta falta de atenção do meu valente comandante, mas compreendi que podia ter-se sentido incomodado como eu, tambem, o havia estado ha pouco.

Kremps pediu-me licença para beber a cerveja *do pé no estribo*, e esecutada essa grave operação, ofereceu-me o braço e saímos do café em direção ao otél. Pelo caminho eu sentia o seu braço comprimir suavemente o meu, emquanto dava o seu bórdo e se eu não correspondia á pressão comunicativa dos seus desejos, é porque receiava os ciumes felinos do meu Martins e não porque a ardencia do meu temperamento não estivesse a cocegar-me para essa correspondencia.

Chegados ao otél dirigi-me ao quarto e, qual não foi o meu espanto quando verifiquei que Martins ainda não regressára á ospedaría concubinal.

Kremps, a quem o ar da noite havia restituído algum aprumo, começava a interessar-se pelo incidente.

Chamada a creada que servia o pavimento onde nos alojáramos, confirmou a ausencia do destemido embarcadiço, o que me lançou na maior das perturbações. Não que eu duvidasse da ternura do bravo maritimo, mas já minha santa mãe dizia que os ómens são falsos e embusteiros.

N'estas circumstancias, meia ora passou, pausadamente.

O susto começava a assoberbar-me.

Pois Martins, um ómem que eu conhecera tão ponderado e possuidor de bons costumes, nos longos dés dias em que vivemos juntos, seria capás de esquecer os seus deveres conjugaes a ponto de ficar fóra do této que abrigava os nossos amores ilegitimos, mas dedicados?

No auge da inquietação, insinuei a Kremps que ele se poderia ter transviado, na miragem que os fumos alcoolicos lhe deviam ter produsido.

Muitas veses na minha ilha eu vira os convivas de meu pae, depois de terem libado numerosos *canudos* de cachaça, dirigirem-se para o sul, quando as suas palhotas ficavam situadas ao norte e só darem pelo engano quando se desvanecia a *ensopadela*.

Que admirava, pois, que Martins se desviasse do rumo conhecido?

Kremps não perfilhava a minha opinião. Conhecia muito bem o seu companheiro, pois estavam ligados por uma amisade que se cimentára em vinte anos de garrafa, e sabia que Martins não era ómem para se perder por muito carregado que estivesse.

Reflétindo profundamente no caminho que o desaparecido poderia ter levado,

surgiu-lhe ao espirito a ideia de que poderia ter-se dirigido ao caes a fim de verificar a amarração do navio, e n'estas circumstancias propôs-me acompanhal-o ao porto para ver se se confirmavam as suas suspeitas.

Aceitei, apesar de sentir grande necessidade de repousar das fadigas de um dia tão bem preenchido e ainda de me isolar, para apagar com agua fresca os vestigios do precalço que me sucedera no *Estaminet de la Marine.*

*
* *

Saímos do otél, tal como entráramos, isto é, de braço dado, e caminhámos em direção ás dócas.

A noite estava d'uma suavidade encantadora, como só é costume observar-se sob o torrido céu africano. As estrelas derramavam uma claridade intensa que vinha aumentar o brilho dos bicos de gás, dispostos a distancias regulares.

Kremps debruçava-se para mim e ciciava-me sons inarticulados, de mistura com frases proferidas n'uma lingua para mim desconhecida, deixando por veses

escapar uma ou outra palavra portuguesa em que eu descortinava, vagamente, um perfume de carinho.

Agora, por perfume: como o juiso dos ómens varía de individuo para individuo, segundo as impressões colhidas!

Deve o leitor lembrar-se que a minha passagem pelo café fôra sublinhada por gestos de repulsa dos consumidores, que se obstinavam em conservar o narís apertado entre o polegar e o indicador.

Pois a opinião de Kremps, era diametralmente oposta á d'esses individuos, destituidos de gosto. Por tres vezes me disse:

— A senhora cheirar *pem*, deita um perfume muito *pom*.

E á terceira vez, entusiasmado com o meu *odor di femina*, chegou, mesmo, a confessar-me:

— Se não fosse Martins, eu casava com negrita.

Esta declaração encheu-me de legitimo orgulho, por partir d'um ómem d'aquela envergadura, em quem eu presentia o grande industrial, destinado a ocupar os ácumes mais elevados da escala social.

Entretanto, chegavamos ao porto.

A'quela óra, os caes jasiam imersos em silencio, que contrastava, solenemen-

te, com o estrépito ruidoso do dia, quando os guindastes chiam átivos, as zorras rolam pesadamente nas calhas e os carregadores praguejam roucos, na labuta aspera de uma jornada rija de trabalho.

A tranquilidade da bela noite africana era apenas cortada, de espaço a espaço, pelo ranger de algum cabo, no atrito intimo do cabeço a que amarrava.

Kremps condusia-me para o local onde costumava acostar o *Margarida II*, mas com grande espanto nosso, o navio não se encontrava no seu ancoradouro abitual. Proximo, á popa d'uma escuna, destacava-se um marinheiro, fumando socegadamente.

O meu companheiro perguntou-lhe se não tinha visto o lugre do capitão Martins.

O ómem do mar, com gestos lentos, volveu a cabeça para terra, tirou o cachimbo da bôca, conchegou as calças na cinta, por duas ou tres veses, e respondeu n'uma toáda cantante, que denunciava a origem algarvia:

— O *Margarida II?* Onde ele irá com o ventinho que sopra; largou ha de haver uma hora.

— Largou?! bradei eu assombrada.

— Sim, senhora, respondeu-me o mari-

nheiro. O capitão chegou ao porto ha coisa de cinco quartos de óra. Por sinal que dava cada bórdo que parecia que se ia afundar. Apitou para lhe mandarem a canôa e embarcou assim que ela chegou ao caes. Logo que se apanhou no convés do lugre, ordenou a manobra para levantar ferro e mandou içar os panos da prôa. Depois mandou *picar* a amarração da pôpa e fez-se ao largo. Antes de partir, porém, pediu-me para entregar esta carta se alguem perguntasse por ele.

E dizendo isto, agitava um rétangulo de papel branco, que se destacava na meia claridade do caes, sinistramente, como a minha sentença de morte.

— Eu lh'a vou entregar, gritou ainda o marinheiro, e deixando-se escorregar pelo costado, até ao pau da sorriola, saltou na canôa de serviço.

N'um pronto chegou junto de nós e entregou a carta a Kremps, que o gratificou com uma moeda de prata.

— Obrigado e boa viagem, agradeceu ele, afastando-se á força de remos.

Kremps recebeu a carta e quedou-se, estupefacto, a remiral-a por todos os lados.

Por fim decidiu-se a abril-a, ao rever-

bero de um candieiro que a previdente municipalidade de Dakar ali colocára.

Eu seguia anciosa, na sua fisionomia, os efeitos que a leitura ia descobrindo.

A pouco e pouco, os traços d'aquele rosto bonacheirão ensombravam-se e iam-se carregando a ponto de que, ao terminar a leitura, eu admirava a sua ferós catadura.

— Então? interroguei anciosa.

— Então, grita ele, furioso, Martins *ser uma canalha!* Vae ouvir!

E leu-me a carta:

«Ingrato Kremps. Percebi tudo. Não imagines que estava bebedo. Convinha-me passar por tal, para melhor perceber os teus manejos, na conquista da *pescada.* Bem vi tu passares-lhe um bilhete por baixo da meza e ela pretestou uma necessidade a fim de o ir ler para o «water-closet». Porca! A consolação que me resta, é que me vingo deixando-t'a á perna. E não a has-de comer sósinho. Eu conheço-lhe o temperamento de fogo e tu com as tuas enfrascadelas permanentes, não tens capacidade para a manteres na *performance* que os seus nervos de aço reclamam. Quanto á nossa velha amisade, unta-te. (a) *Jeronimo.*»

Frederik, raivoso, passeava no caes, como leão na jaula.

— Canalha! canalha! rugia de vez em quando.

— E agora? arrisquei eu, timidamente.

— Não ter *receia*, responde-me n'um tom paternal Frederik Wilhelm, a quem a minha umilde pergunta começava a conciliar a mansidão natural, eu *tomar* conta de você.

A proposta não me agradou por completo.

Pois não acabava eu de ter uma prova bem evidente da deslealdade fementída dos ómens, com a fuga d'aquele a quem chamava o meu bravo capitão Martins, mas que procedera agora como um covarde?

Uma ligação com Kremps podia reservar-me identica e desagradavel surpresa. Eu refletia e Frederik esperava com impaciencia o fruto das minhas locubrações. A previdencia, indicava-me que deveria dar ás negociações uma feição pratica e utilitaria, como era proprio do meu carater calculista.

Fiz então a seguinte fala, que tão indelevel influencia haveria de ter na minha vida futura e que marcou o inicio d'uma

nova época, n'essa noite memoravel, tendo, além d'isso, a vantagem de me revelar aos meus proprios olhos como oradora, qualidade que me tem prestado notaveis e assinalados serviços:

—Senhor Kremps! O seu oferecimento lisongeia-me sobremaneira. Não poderei esquecer nunca a nobresa dos seus sentimentos, estendendo, o cróque salvador ao desconjuntado casco da minha esistencia.

«O motor que palpita no meu caverna-me, esecuta n'este momento o batuque propulsor das grandes comoções. O meu reconhecimento confeciona n'esta ocasião a *cachupa* das maiores dedicações, que eu lhe servirei no prato boleado do meu corpo delicioso.

N'este momento o colossal alemão, acabrunhado pela minha oratoria, sentou-se sobre um cabeço, espremendo a fronte com as mãos.

E eu continuava:

— E' preciso que *vóscencia* se convença de que em mim encontrará uma companheira docil, carinhosa e fiel, sobretudo fiel, em cujo seio poderá derramar as lagrimas acrimoniosas do aborrecimento, quando as coisas lhe não correrem bem. Mas devo tambem diser-lhe que sou muito

grossa para palito e que quem me fiser uma, não me préga segunda. Quero com isto diser que, se *vóscencia* intenta desvendar os arcanos misteriosos do meu corpo sedutor, ha-de casar comigo, pois não estou disposta a ir outra vês no *fóle*. Convem-lhe?

Respondeu-me um ronco portentoso.

Pasmei.

Frederik adormecera pelo poder embalador da minha palavra inspirada.

Sacudi-o com força e depois de disperto tomámos lentamente o caminho do otél.

Da minha arenga, Kremps apenas compreendera que eu tinha alguma reclamação a dirigir-lhe e por isso só disia de momento a momento:

— Tudo o que quiséres.

Eu estava satisfeitissima por presentir que ia emfim ascender ao logar a que tinha direito pelas minhas eminentes qualidades.

Já na ospedaría, tivemos um pequeno desacordo. Frederik Wilhelm queria, por força, insinuar-se no leito que eu compartilhára com o traidor Jeronimo Martins.

Embora o meu temperamento vulcanico me estivesse impelindo para o amor

germanico, não esquecera a situação e compreendia que um passo em falso podia comprometer-me irremediavelmente. Que seria de mim em Dakar, só, sem amigos, sem proteções? O menos que me poderia suceder era ser engajada para trabalhar nas plantações e ter de regressar ao uso da tanga natalicia e do penacho ornamental. Nada d'iscas!

— Juisinho, senhora Andrêsa, disse eu com os botões do meu mantelete e, terminantemente, declarei a Kremps que só lhe franquiaria o tálamo nupcial depois de cumpridas as formalidades liturgicas do matrimonio religioso.

Frederik, admirado da persistente recusa, acabou por se conformar com os meus desejos, entrando no quarto fronteiro, e resolveu-se a passar a noite em claro, mandando subir cincoenta garrafas de cerveja para o auxiliarem n'esse intento. Eu não pensava em me deitar, contentissima com a realisação dos meus projetos.

Kremps dispôs que o casamento se efetuásse ao romper d'alva, para o que mandaria prevenir o padre que paroquiava a freguesia em cuja área era situado o otél e não duvidava da sua aquiescencia desde que empregasse n'essa deligencia o

capciosos argumentos do Banco de França, que, se exercem uma influencia irrecusavel nas zonas temperadas, muito mais peso possuem nas regiões tórridas, onde a permanencia é pautada pelo desejo louvavel de fazer *um pé de meia,* possivelmente, de contrafortes reforçados.

Efetivamente emquanto Frederik, a quem eu já chamava o meu Fritz, esgotava concienciosamente as suas cincoenta garrafas, o dono do otél, mr. Philipps, intentava junto do prior a dificil tarefa, que foi coroada do melhor esito, desde que a natural e prévia relutancia do padre foi vencida por tão poderosas rasões.

O casamento aprasára-se para as seis óras da manhã, devendo servir de paraninfos mr. Philipps e a nossa criada de quarto, por minha parte, emquanto que a Fritz prestaria identico serviço um patusco casal de franceses, óspedes do otél, pela promessa de retribuição, que se tralusiria n'um opiparo almoço.

Devo diser, de passagem, que o simpatico par percorria, á noite, todos os cafés de Dakar, acompanhado de um *mops* côxo, ervejando ininterruptamente, e só recolhendo, quando nos botequins se aparafusa o ultimo taipal.

N'essa marcha para casa, como, tanto *monsieur* como *madame*, pareciam estar divorciados das leis do equilibrio, eram bisarras as suas atitudes, que afinavam pelos movimentos claudicantes do cão, dando a impressão de que os três se iam deitar bebedissimos.

*

* *

A's cinco e meia, Kremps gritava-me:

— Quarenta e nove! Só falta uma!

Referia-se ás cervejas que embutira.

Então, preparei-me para o enlace. Escovei o mantelete e a saia. A criada, que se apresentou com o fato domingueiro, esfregou-me a cara com *Kaloderma* e depois aplicou-lhe densa camada de pó de arrôs, que quasi me fasia parecer branca.

Frederik, que tinha as malas no *Universal*, onde tambem estava ospedádo, envergou a casaca, que lhe ficava a matar, sobre a calça clara, a qual não quís substituir, apesar dos rogos dos padrinhos.

Na cabeça pôs um elegante chapeu alto, com a sua boa meia dusia de reflexos, que d'aí a pouco não reflétiam coisa alguma, porque, segurando-se o *penante* com dificuldade, o voluntarioso prussiano sujeitáva-o á força de grossas punhadas,

que quasi o transformavam no armonio que meu pae usava nas grandes solenidades.

Os padrinhos compareceram tambem preparados para a cerimonia com os seus vestuarios de gala. Até a criada fasia um figurão com o talento que as francesas teem para se vestirem bem.

Depois de tudo em ordem, pôs-se o cortejo a caminho, indo eu á frente, de braço dado com Frederik, que seguia triunfalmente, vaidoso da sua conquista, se bem que esmaltasse a marcha de arabescos, que tinham, decerto, origem na grande massa liquida que lhe ocupava a bojuda e piriforme barriga de subdito do Kaiser. Atrás de nós seguiam indistintamente os convidados, que, n'este caso, se resumiam aos nossos padrinhos.

Em todos os rôstos se divisava a mais franca alegria, embora determinada por causas diversas.

Assim, mr. Philipps estava satisfeitissimo por poder prestar a Kremps um serviço de tal categoria, que o obrigava a permanecer no seu otél; a criada mirava a uma grossa propina que Fritz, generoso, não deixaria de lhe canalisar; os dois franceses, marido e mulher, antegosavam

as delicias de um almoço, que deveria deixal-os debaixo da mesa. Em mim nem é bom falar.

Apenas a minha satisfação era moderada pela suspeita de que Kremps se resolvera a dar aquele passo, influenciado pelos vapores alcoolicos que não deixára, em toda a noite, de acumular no seu cerebro de teutão cabeçudo.

Confesso que receava, um pouco, o despertar d'aquela consciencia.

Que poderia eu responder se meu marido me lançasse em rosto o haver-me aproveitado, cavilosamente, do estado de meio coma em que estivera imerso durante tantas óras, para o condusir, não direi manietado, mas embriagado, aos pés do altar?

Rápidamente, porém, me passou o receio, pelo encontro fortuito que o meu espirito, fértil em espedientes, travou com uma desculpa, que se me afigurou abilissima.

Se me recriminasse pelas minhas manobras tendentes, a cercear a sua liberdade de celibatario impenitente, eu contestar-lhe-hia que não fôra a embriaguês alcoolica que ali o levára, mas o enebriamento produsido pelos meus naturaes encantos.

Não era uma ideia genial?

Percorrida a curta distancia que nos separava da egreja, deu-se começo á cerimonia, que decorreu encantadora, na sua tocante simplicidade.

Não devo omitir que o padre se não esqueceu de proferir uma ligeira prédica, da qual, no meio da minha impaciencia, apenas retive a passagem que invocava o inevitavel *crescite et multiplicamini* e que se embrenhava depois n'uma dissertação na qual se demonstrava que do precipitado proveniente da mistura do café com o leite, resulta um prodúto que participa dos dois componentes, e em que nos incitáva a precipitarmo-nos com frequencia.

De todo o arrasoado, foi esta a unica parte a que prestei mais atenção, reclamando no futuro, constantemente, de Kremps o leite que o meu ardente café esigia para a consecução do tal *multiplicamini*.

Efétuada a cerimonia, que o meu Fritz pagou com lingua de palmo, tanto mais que o egrêsso fisera vista grossa á falta de certos documentos indispensaveis, em geral, para a realisação de um casamento, voltámos ao otél, onde se desenrolaram os acontecimentos que precedem e onde

se cumpriu o programa que fôra anteriormente gisado, sem faltar um unico dos pormenores previstos.

Depois do almoço, em que Mr. Philipps se esmerou, e para cuja irrigação concorreu a bem provída *cave* do otél, passámos ao salão, onde os óspedes nos cumularam de felicitações, que Kremps agradecia distribuindo profusamente o Champagne, distribuição em que era secundado por sua espôsa, a modesta autora d'estas linhas, a qual fasia as onras da sala, operação em que se sentia á vontade, como peixe na agua.

Improvisou-se um baile e o dia passou-se, alegremente, em libações e danças para que eu concorri com o meu *rasga,* que foi apreciadissimo por todos esses coloniaes, sempre ávidos de bailados indigenas. Quando nos despedimos dos nossos convidados não estavamos em estado de distinguir as nossas respetivas côres.

Foi assim o meu casamento.

*

* *

Que mais poderei diser agora sobre esse facto, notavel entre todos os da minha vida?

A lua de mel, passei-a em Dakar, acompanhando meu marido nas suas peregrinações atravês de todos os cafés, botequins e tabernas, onde ele se encarniçava em faser um estudo comparativo entre as cervejas de varias côres e procedencias, com um fim que só mais tarde me sería revelado.

Eu era relativamente felís.

Kremps, se bem que não fosse dotado do temperamento que eu idealisára e que seria justo supôr em ómem de tão avantajadas proporções, cumpria regularmente comigo as atenções que são devidas a uma senhora, gerada, nascida e batisada nas regiões tropicaes.

Gradualmente ia-me abituando áquela vida facil e comoda e adquirindo, a pouco e pouco, as tinturas de civilisação que me faltavam.

Fritz servira-se para isso de um *truc*, que depois compreendi ser falso, mas que não deixou de produsir os seus beneficos resultados e que oje, ao recordal-o, me enternece profundamente, pela delicada e carinhosa intenção que revestia.

Dissera-me ele que, á medida que me fosse civilisando, iria esclarecendo-se a minha côr até ficar branca. Foi assim que

conseguiu que eu deixasse de comer com as mãos e de meter o dedo no narís, emquanto comia.

Foi por esse meio, ainda, que obteve de mim o aprender a vestir-me á europeia; a tingir o cabelo com agua oxigenada e finalmente a aquisição das maneiras corrétas e delicadas, que tanto fazem realçar a minha natural distinção.

Vivi dés meses em Dakar e se o *siôr* Antonio do Nascimento e minha santa mãe vissem, decorrido esse periodo, o frúto dos seus amores, dificilmente o reconheceriam, tal a transformação que se operára na bisonha selvagem, que a tornava apta a imiscuir-se na complexa esistencia da alta sociedade.

CAPITULO III

A chegada — Cataratas de cerveja — Divorcio forçado — Entrego-me ao esército — O meu ingresso na vida publica — O mel do louvor — Derrocada

O tranquilo *Hotel de France,* sito no coração do bairro de S. Paulo, encontrava-se movimentadissimo pela chegada do vapor de dois canos *Saint Joseph,* no recheio do qual vim consignada a Lisboa, conjuntamente com meu esposo, Frederik Wilhelm von Kremps.

Ele, não me canço de o diser, era uma figura germanica imponente e o seu rosto escessivamente rosádo, emoldurado por uma barba alourada clara, fornecia de antemão aos estranhos os elementos necessarios para fixarem d'uma fórma certa e determinada, a edade de quarenta e nove anos, que efetivamente possuia.

Eu vivia resignada, tranquila e felís, pois apesar de não perceber o que ele pronunciava, tinha a convicção irredutível, motivada pela confiança que me inspirava o seu empolgante aspéto físico, de que se tratava de pessoa inteligente e séria a quem estava reservado logar importante no mundo industrial e financeiro.

A persistente compressão que, contínua e nervosamente, fasia sobre o bolso direito do *paletot* de magnifico *cheviot* alemão, representava para mim o balsamo acariciador d'um porvir desanuviado, cheio de prosperidades e alegrias.

Continuamente me disia na sua pastosa e aspirada pronuncia, insistindo no gesto abitual:

—Nossa felicidade, nosso futuro está aqui.

Eu já trasia em mim a desconfiança de que se tratava de um segredo ou específico incógnito para a fabricação e desenvolvimento de uma nova marca de cerveja.

As abundantes catadupas d'aquele refrigerante que ele tomava ameudadamente, esquentavam-lhe o cérebro e deixavam-no prostrado durante óras e óras n'uma exsudação contínua, como tubo rôto, que

deixasse escapar o vapor acumulado na caldeira mãe.

A's primeiras invétivas da minha parte por estes escessos de produção de vapor, avassalou-me pressurosamente com a esplicação correntia e docil de que era um sacrificado, um dedicado, um estudioso, que n'esses esageros de comercio procuraria simplesmente encontrar e descobrir o fermento filosofal que lhe abrisse um caminho seguro e firme ao desenvolvimento da industria cervejeira.

Era pela onra do seu país, e com a vontade firme do trabalhador inconcusso que procurava, ainda que com sacrificio da propria saude, afirmar ao mundo inteiro o poder d'uma raça empreendedora. Desde logo assim o compreendi, e, como n'um misticismo religioso, admirava silenciosa e intimamente tanto stoicismo, tanto sacrificio e, sobretudo, tanta resistencia física.

O segredo que constituia o futuro e a prosperidade basilar da nossa sociedade conjugal já nos tinha obrigado á fatigante viagem de Dakar á capital de Portugal.

Tudo sacrificaria como esposa modelo pela felicidade do regimen matrimonial.

Era o meu dever e o consequente res-

peito pelas leis da minha nação. Obediencia céga ao meu esposo, auxilio mutuo ao progresso do par, foi o lema que eu esculpi na minha larga fronte, ao apertar o nó cégo que me ligou ao interessante subdito de Sua Majestade Imperial.

Quando estas poderosas rasões não bastassem, sobrelevaria como maior de todas a desconfiança vaga que avassalára havia dois meses o meu espirito, dando-me a esperança de que dentro em bréve a *entente* luso-germanica seria consolidada pelo aparecimento d'um mulatinho, que viria com a sua pequenina presença sobresaltar os patriotas ardentes, confirmando d'uma fórma irrecusavel os justificados receios e perigos da absorvente influencia alemã junto das nossas colonias.

Era o principio fatal da politica dos factos a que eu, umilde creoula, não podia fugir, pelo inesoravel destino de colaborar com alguma coisa, de real utilidade, nas relações político-diplomáticas d'esses dois belos países que se chamam Alemanha e Portugal.

*

* *

Meu esposo, absorvido diaria e noturnamente no consumo esperimental das melhores marcas de cerveja, obsecádo pela idéa persistente de melhorar dia a dia o seu segredo, pouco ou nenhum tempo se demorava junto de mim. A tendencia para o aperfeiçoamento da marca que no mercado obedecia ao rotulo *Pilsener*, dos acreditados Jansen & C.ª, acentuára-se e absorvia-o em luta paralela com o gasto que a tão especioso liquido dava.

A's 8 da manhã, o meu languido despertar era sobresaltado pelo ruido impertinente e arrastado do desrolhar de um d'esses vulgares receptáculos que dão pelo nome de «meia garrafinha» e que se vendem ao prudente e modesto preço de cem réis.

Era ele que produsia o seu primeiro contacto de sacrificado com a tentativa de melhoria do seu invento.

Durante o dia, até cêrca das 9 da noite, o combate continuava a empenhar-se irredutivelmente, em amplo salão que a firma Jansen franqueava bisarramente aos seus estudiosos consumidores.

A essa óra, meu marido operava galhardamente a retiráda, mercê da alta pressão que no seu fisico tinha concentrado a abundante ingestão do fluido percursor do nosso futuro desafogado.

O declive que vae da rua do Alecrim a S. Paulo era patinado e percorrído pelo meu Fritz com certas esitações, mas o lastro bem acondicionado n'aquele estomago rijo e bojudo, dava-lhe uma soberba estabilidade, a qual, aplicada a construções navaes, faria sólida reputação a mr. Croneau, o construtor de fama falida pelo abuso do robalete subsidiario.

Decorria, pois, nossa mutua esistencia n'uma soporifera atmosféra, sentindo eu a aproximação do maravilhoso dia em que pudésse ser classificada com o dôce nome de mãe. Fritz, adscrito ao melhoramento da sua invenção, era um autentico aparelho destilatorio e caminhava constantemente para o laboratorio da rua do Alecrim.

Eu incitava-o á apresentação da Fórmula, base da nossa felicidade conjugal, aos fornecedores diarios e inesgotaveis que ele de preferencia tinha escolhido, mas dado o torpôr em que o seu espirito sempre se encontrava, não me ouvia, não me escutava, e d'aí a permanente

aflição em que a minha alma quotidianamente se mantinha, pois receava vêl-o sucumbir, flagelado e absorvido pelo seu invento.

Oh! só eu sei os momentos dolorosos que sofri ao pensar que a cerveja havia de ser o liquido corrosivo e derruidor da nossa prosperidade.

Ele tinha crises terriveis; a espuma aflorava-lhe com facilidade aos labios carnudos, como se fôsse soprada pelos espansivos aparelhos que dão pressão aos barris aonde ela é fornecida para revenda ao publico, guloso de saborear a beberagem espumante e comprimida. Tentava chamal-o á realidade, mas a essas terriveis escitações, sucediam-se torrentes de suor môrno, que terminavam sempre por uma letargica e emoliente sonéca, que só encontrava o *terminus* no dia imediato.

O nosso leito conjugal era perfeito banho russo, a que urgia pôr termo, tanto mais que a ospedeira não se comprometia, por mais tempo, a albergar em sua casa quem, devido a estes fatores desorganisantes e dissolventes, se olvidava com facilidade do estipendio mensal, unica base apreciavel para o progresso financeiro da ganancia oteleira.

Uma manhã, após o saltar ruidoso do meu quotidiano despertador *Pilsener*, eu senti que era chegada a ocasião de não deter mais o frúto das minhas relações germanicas.

Em contorsões dolorosas que no meu espirito evocaram as selvaticas recordações desnalgantes dos meus *rasgas* infantis, despejei na corrente enórme da abundante população da capital um casal de rochonchudos mulatinhos que, no alourado da sua penugem pilosa, me vinham lembrar a traiçoeira côr da cerveja, cavilosa origem da ausencia permanente do meù consorte.

*

* *

O meu arcaboiço resistiu inquebrantavel ao duplo esforço produsido e uma léve e subtil melancolia arrastáva-me, ao entardecer, para a janela do meu quarto d'onde contemplava interessada as carreiras loucas e desordenadas dos Riperts e Jacintos da época que á compita com a Carris de Ferro, abusivamente, se utilisavam dos seus *rails* de aço no estenso perimetro da capital, no qual se encontra

compreendida a popular e concorrida carreira de Santos, pelo Conde Barão.

O torpôr acentuava-se, agravado pela naturesa tonificante do clima e todas as manhãs repetia a minha distração visual que era agora animada com um novo elemento espétaculoso que ao meu espirito tomava proporções d'um colossal diafanorama.

As côrtes geraes da Nação reclamavam para guarda e pompa de seu prestigio um batalhão diario de infantaria ou caçadores, á escolha, gosto ou ordem do respétivo comandante da divisão.

Em plena e completa observancia d'estes principios representativos da autoridade, o batalhão, que tinha de observar esta praxe social, avançava garbosa e disciplinadamente pela arteria de S. Paulo, caminho de S. Bento, banda musical á frente esecutando estridulos e bem compostos passos dobrados os quaes caindo no ouvido patriotico dos arregimentados os incitavam ao cumprimento do sagrado dever militar.

Este espetaculo era diario e matinal e a minha retina ia-se fixando pouco a pouco em infantaria 5, não só pelos vivos encarnados que guarneciam ardentemente a

escura fazenda das fardas, como tambem por no meu escaldante cérebro se ter esculpido a figura rígida e imponente d'um oficial escessivamente agaloado que, em logar áparte do nucleo da força, se impunha pela rapidês e disciplina com que esecutava os varios manejos e esercicios da ordenança. O bigode espesso e encrespado, ornando-lhe o rosto, ostentava um par de guias cuja rigidês ameaçava a pala do boné, que lhe revestia a encaracolada cabeleira.

Era um verdadeiro tipo de militar e o meu coração, afeiçoado ao imprevisto, pulsava energicamente ao contemplar figùra tão marcial.

Dia a dia ia convencendo-me de que era impossivel a regeneração do meu Fritz e que ele, d'um momento para outro, desapareceria subvertido pelas cataratas de cerveja que diariamente ingorgitava.

Os mulatinhos por seu lado, seguiam derrota resolúta para o desenvolvimento da especie, dada a robustez da sua organisação fisica.

Sentia-me acabrunhada com os escessos investigadores do meu consorte e com os seus permanentes sacrificios para a re-

solução do que ele intitulára o seu problema.

As minhas alegrias eram, apenas, triplecemente semanaes, ao sentir na rua o resoar dos metaes da banda de infantaria 5. Pouco a pouco ia no meu espirito fixando-se a idéa de que aquele gentil militar iria, em lúta patriotica, defrontar-se com o aperfeiçoador da *Pilsener*. Eu não podia mais resistir ás alfinetadas com que aquele bigóde ia dilacerando a pregadeira sensivel do meu coração. Impunha-se um áto valoroso e energico de emancipação, tanto mais que o escesso de divisas que ele esibia nos braços davame a tranquilidade necessaria para faser o que a sociedade pelintra convencionou chamar um mau passo. Pois què? Então eu, abandonando a cubata progenitora em conquista de ideaes europeus, deixando a familia entregue ao desespêro pela minha ambição de vêr ôrisontes novos e civilisados, havia de morrer asfixiada n'uma atmosféra escessivamente carregada de lóbulo de cerveja, quer ela fosse Pilsener ou Bremen?

Nunca! Nem o passado dos meus avós autorisava semelhante estiolamento, nem os meus conterraneos veriam, como

oje, efétivamente, vêem em mim, uma sólida esperança para resurgimento do arquipélago que tão despresado tem sido pelos poderes publicos.

O caminho estava pois traçado e definido e a minha vulcanica e indómita paixão tinha gostosamente de assentar praça no 5 de infantaria.

Se esitações havia no meu cérebro, derruiram-se estrondosamente, ao recordar-me, com saudade, que o invento ou aperfeiçoamento do fabríco de cerveja tinha absorvido por completo o meu Fritz com os abúsos continuos da sua ingestão, quando pela lei natural das cousas deveria ser este quem criteriosa e cronológicamente o deveria ter feito ao seu invento ou descoberta.

Confirmando-se, assim, d'uma fórma irredutivel que a ordem dos fatores, n'este caso especial, não podia ser arbitraria, eu deixei Fritz, acompanhado dos dois chibos, entregue á sua deusa Pilsener e confiei-me resolútamente ao meu garboso e gentil Marte.

*

* *

Não podia nos meus destinos albergar-se partícula ou parcela de felicidade.

A lei cruel dos desenganos atirava-me enrodilhadamente na sua engrenágem torturante para o caminho das desilusões.

Esse militar tão altaneiro, tão carregado de emblemas, tão abundante em preciosa materia capilar, não passava d'um modesto oficial inferior!

Os seis distintivos que garrida e abundantemente lhe ornavam os dois braços não eram mais do que umildes divisas de segundo sargento, estipendiado a 460 réis diarios ao serviço do País.

Era mais um incendio devastador que nas suas ediondas e crepitantes chamas consumia e redusia a cinzas a terceira esperança amorosa a que me tinha entregado n'um preguiçoso ataque de melancolia indigena. Não porque eu ambicionasse aváramente ómem de largos recursos monetarios mas, sim, porque o meu anelo constante era o encontro de individuo que aliásse á belesa Apolinea o preconceito d'uma boa e desafogada categoria ou situação social e, como conse-

quencia d'este estado, me podésse lançar no turbilhão rodopiante dos gosos e praseres aristocraticos do *grand mond*.

Ao sacrificio nautico do meu esperançoso capitão de navios, sucedeu a borrasca tempestuosa do naufragio de todas as minhas ilusões n'um balseiro de cerveja, que asedou por completo o meu *ménage* adquirido e consolidado nas costas do, para mim, infeliz porto de Dakar.

Na conquista do imprevisto, entrego-me á força armada do meu país e decáio na sórte da guerra, tendo de operar vigorosamente uma retirada afrontosa e precipitada sobre um modesto redúto de abrigo, cujas janelas constituiam um 2.º andar da rua dos Cordoeiros.

O meu Marte, para compensar talvês o escesso de imobilisação permanente do regimento, entendeu dever empregar os seus parcos conhecimentos de tática aplicada n'um doloroso movimento envolvente do meu pobre pescoço, e com as suas grandes mãos, misto de tenás e de tornilho torturante, produsia-me compressão orrível e dolorósa em volta d'ele, a qual só terminava quando eu, esgaseada e dorida, lhe apresentava, qual dinamómetro, vinte centimetros da solida lingua que

armaseno, entre os meus carnudos labios.

Então o sargentóla soltava gritos de terror e de espanto e, como militar pouco afeito a combates africanos, abandonava o campo, covardemente, esclamando de uma fórma vexatoria para mim:

— Irra, parece um jacaré!

Começaram, para mim, a indecisão e o sofrimento a desenhar-se no aspéto tremendo d'uma futúra miséria, d'uma futúra sordidês ou carencia de elementos com que alfim triunfassem as ambições legitimas e louvaveis que terpsicormente evolucionavam no meu pensamento.

Fenix, porém, tinha renascido das proprias cinzas e eu antevia a sua figura esbelta e chamuscada ordenar-me com o indicador o *surge et ambula* de milagreira memoria.

Nos modorrentos serões que a minha velha ospedeira dava, debatia-se com vigor a solução do meu problema.

Paredes meias com o tabique da minha alcòva pousava um casal de bons velhotes. Ela, ortaliceira durante o dia, ele, guarda da Fundição de Canhões durante a noite.

Por essa época, os patriotas esaltavam a figura viril d'esse desmembrado marechal

que se chamou Sá da Bandeira. Na Fundição o trabalho era estenuante e o diretor propunha ao nobre ministro da marinha, de então, a importação das colonias d'uma graciosa e elegante negra que servisse de modelo ao escultor encarregado da modulagem d'aquela simpatica figura de mãe que no sóco do monumento parece esplicar, ao pretinho minusculo que tem no regaço, os sofrimentos dolorosos por que passou tão denodado cabo de guerra, ao sentir a amputação da importante partícula do seu corpo, com que subscreveu o notavel diploma abolidor do nauseante trafico da escravatura.

Em dado e felís momento os meus companheiros de ospedágem, na posse de tão precioso segredo, consultaram-me, subjugados pela brilhante esbeltês das corrétas linhas do meu busto, se eu daria a minha aquiescencia para o oferecimento patriotico e remunerante de todo o meu fisico em prol da resolução d'uma dificuldade que ameaçava derrubar o ministro por não encontrar verba orçamentária que o autorisasse a dispender os réditos do Estado, com o transporte e demorada manutenção d'um modelo que, por mais impecavel que fôsse, lutaría, sempre, com a

falta sensivel dos conhecimentos civilisadores da complicada ciencia de pousar!

Acedi por dois motivos: resolvia uma situação dificil, que ameaçava fazer naufragar um ministro ao qual, pela indole natural da sua pasta, tal facto estava vedádo, e, patrioticamente, concorria com o meu modesto esforço de colonial sincera para o tributo de gratidão que urgia prestar a tão grande e memoravel figura.

Em derradeira analise, tinha finalmente encontrado o estintor automatico da chama que ameaçava consumir os meus nobres sentimentos de emancipação, abandonando, sem perda de tempo, a cooperação absorvente do orrendo e ingrato animal a que sociologicamente se convencionou chamar — ómem.

*

* *

Quarenta e oito óras decorrídas após tão patriotica solicitação, eu comparecia acompanhada pelos meus co-abitantes n'um casarão situado junto ao local onde se desenrola a vetusta Feira da Ladra e ao qual dava ingresso grosso portão de

ferro, vedando das vistas indiscrétas, canhões ferrugentos e obúses intransportaveis, que tinham feito as delicias dos nossos guerreiros avós produsindo a devastação sanguinolenta de muitos individuos da minha especie, nas campanhas indispensaveis á afirmação da nossa suserania nas inóspitas plagas africanas.

O gabinete era parco em mobiliario e abundante em espadagões e pistolas velhas.

A uma secretaria de tampo enegrecido, revestida de esfiada baeta asul, encontrava-se, sentada, a figura decrépita d'um antigo coronel reformado, cujo rosto varonil, adornado de bigode e espéssa pêra, lhe dava um aspéto que o impunha ao respeito de qualquer triste paisana que, como eu, estivesse dependente das suas fortes vózes de comando.

A minha desenvoltura, a franquesa espréssa no brilho do meu olhar, a fronte rasgada com que me apresentei, adicionadas ao espirito patriotico que o meu sacrificio representava, dominaram-no imediatamente e entre amavel e sorridente regougou na sua vóz aspera de fumador impenitente de pacotes de tabaco americano, picado, de quarenta réis a onça:

—Admiro o seu gesto; a metropole precisava que as colonias lhe ministrassem a lição que o seu áto representa. Sua Ex. o Ministro, nobilita-se a si e á grandiosa corporação de que é chefe supremo, aceitando o seu generoso oferecimento. Ações abnegativas d'esta naturesa teem duplo valor quando são, como a presente, praticadas por creaturas a quem os poderes publicos sistematicamente despresam e vilipendiam com o seu esquecimento.

Os olofótes de intensa penetração com que a naturesa me dotou operaram um movimento rotativo na placa giratoria da respetiva orbita e esboçaram um duplo movimento de terna gratidão e regosijo para tão ilustre fragmento do esército português pela elevação das suas palavras amistosas.

Mais o oferecimento gentil d'uma comoda cadeira aonde instalei os quadris arruinados pela subida ingrata da ladeira que de S. Vicente condús a S. Clara e eis-me em plena comunhão de sentimentos generosos com aquele que, a meus olhos, estava tomando as proporções grandiosas do nobre marechal em olocausto do qual eu me sacrificava, a ponto de esibir em completa nudês as carnes

rígidas, frúto do amor sincero de dois pretos, aos quaes eu, como filha ingrata, tão cruamente deixei imersos em dôr desesperante, na modesta palhota de S.ta Catarina do Tarrafal.

A entrada intempestiva d'uma ordenança pôs termo ao nosso coloquio o qual, modestia á parte, ia subjugando, pouco a pouco e d'uma forma perigosa para a inteiresa da nossa burocracia militar, o velho coronel.

Precipitadamente e em vós de comando que teria mais cabimento na ordem rapida e energica d'uma carga de baioneta, dispara-me esta afirmativa disciplinadora e terminante:

— Sua Ex.a o ministro, meu nobre chefe militar, vae ser informado detidamente do generoso e patriotico oferecimenfo de Vossa Senhoria.

— Ele com o seu espirito esclarecido resolverá o assunto, com a precisa urgência que a ultimação do fabrico da estátua reclama e o gesto nobre, espresso por maneira tão galharda, terá a compensação e o auxilio que merecem da parte da Nação.

Ato contínuo a sua mão tremula arranca os meus volumosos e atleticos quadris

do estojo onde tão bisarra e oportunamente se tinham albergado e impéle-me dôcemente, n'uns indecisos compassos de masurka madrilena para a porta de saída. No vestibulo dóbra duas ou tres vêses a curva espinha, segredando-me docemente:

—Vá tranquila.

O que se passou nunca ninguem o soube, mas 24 óras decorridas vóz amiga e filantropica comunicava ao meu coração alvoroçado de portuguesa que o Diario Governamental inseria a seguinte Portaria:

Atendendo ao espirito patriotico e alevantado de que deu provas a indigena de Cabo Verde, Andresa do Nascimento, oferecendo-se para servir de modêlo ao escultor encarregado de modelar as figuras episódicas que deverão ornamentar o pedestal básico da estátua consagratoria dos merecimentos do eróico marechal Marquês de Sá da Bandeira;

Manda Sua Magestade El-rei, louvar a referida indigena, devendo ser-lhe abonado, a titulo de compensação, o subsidio diario de 560 réis, o qual deverá ser liquidado e pago pela verba das despesas eventuaes.

O que, pelas Secretarias d'Estado dos Negocios da Guerra e da Marinha e Ultramar se comunica a todas as autoridades a quem a ob-

servancia d'esta competir, para seu conhecimento e fins convenientes.

Paço, em 3 de março de 1880.

(aa) *Conde de S. Marcelino*
Julio Mario de Vilhegas.

Visto

O Chefe da 5.ª Repartição da Contabilidade Publica

Francisco Antunes Correia.

(Diario do Governo n.º 65 de 4 de março de 1880).

Isto representava a consagração oficial dos meus merecimentos e a modesta compensação a quem tantos sacrificios tinha passado com a infelís aliança alemã, a que se tinha ligado.

Estava, n'este momento, percorrído o terceiro degrau da escala social, ou melhor ainda, encontrava-me em pleno patamar tranquilisador do meu futuro, ambiciosamente desmedido.

Mas, lei fatal e perseguidora do meu destino cruel e amovivel, as sessões de *póse* no *atelier* do construtor tinham-se sucedido e á quinta ou sexta, ele, não poupando o meu pudor, inflinge-me uma catilinaria umilhante por, em sua opinião, eu possuir, na parte lateral dos pés, dois promontorios esagerados a que dava o nome deprimente de *joanetes*.

Baldadamente lhe espliquei que o uso do traiçoeiro calçado a que os meus principios civilisadores tinham recorrido, era o unico responsavel por essa pequenina deformação que tantos engulhos lhe causava, mas ele, sêca e torturantemente, silabava-me:

— A senhora não passa d'um modelo sem pés.

Vexada e aturdida, caminhava dias e dias, como o estridente pavão, contemplando os pés disfórmes, e as topadas dolorosas sucediam-se nas pedras das ruas e calçadas que o esforço patriotico me obrigava a percorrer.

O cansaço avassalava-me já a imaginação quando pensei em destruir aquelas protuberancias com o uso d'umas botas apertadas que, com sacrificio, adquiri.

O mal, porém, redobrou de intensidade com os movimentos descompassados a que o apertão das palhetas me constrangia. O agitar dos quadris e da sombrinha, que carinhosamente me preseverava a carapinha dos raios solares, produsiam meneios desencontrados que davam a impressão, aos transeuntes, de que eu era a bela Fátima nos seus trabalhosos treinos de arame oscilante.

Isto, conjugado com a martirisante descompostura que o arquitéto me esculpia diariamente, representava um sacrificio inquisitorial a que era urgente pôr termo.

Recorri para as estações oficiaes em nota confidencial, mas elas despresáram as minhas dôres moraes e fisicas.

Tentei acolher-me á pera, que eu julgava salvadora, do coronel comandante da Fundição de Canhões, mas ela revelou-se-me áspera e avinagrada, só propria para consumir em compóta, escessivamente assucarada.

Tive a tentação de recorrer á imprensa, espondo-lhe a perseguição de que era vitima, mas recuei perante a publicidade que os meus defeituosos *joanetes* iriam ter e os consequentes prejuísos que de futúro lhes viriam adstritos.

Divagava meu ensombrado espirito n'esta luta tremenda, quando fui dispertada pela seguinte mefistofélica decisão insérta na Ordem do Esercito:

— Março 10. Andresa do Nascimento, esonerada, por conveniencia do serviço, da comissão que esercia junto da Fundição de Canhões, para que fôra nomeada por Portaria Régia de 3 do corrente mez.

Essa semana de patrioticos esforços tinha atingido o seu termo fatal n'essas minusculas cinco linhas publicadas na férrea ordem militar.

Esses sete dias representavam para mim os verdadeiros sete pecados mortaes em que havia incorrido.

A *soberba* de querer ser a melhor indigena que o meu arquipélago possuia tinha tido o justo castigo das estações oficiaes. A *avaresa* demonstrada desde a minha mocidade na ambição de pertencer a uma sociedade moderna, devidamente organisada, lá tinha egualmente encontrado o seu naufragio. A *luxuria* a que prestei o meu corpo, entregando-o á consagração d'um falecido marechal de guerra, concorria com a *ira* que me tinha causado a ofensiva apreciação do escultor aos meus membros locomotores para o desencadeamento da *gula* a que o meu estomago faminto estava entregue, mercê do abandono despresivo a que o elemento burocratico me votava. A *inveja* que me causavam as pessoas a quem a sorte bafejava, empurrava-me sacudidamente para a *preguiça* modorrenta e desesperante em que me encontrava ao subir a ingreme e lodosa escada d'um 1.º andar da rua da Trindade, onde se en-

contrava instalada a *Nova Agencia de Creadas de Servir,* da firma Freitas & Ventura.

Sobrecarregada ao peso d'esses enormes pecados que eram os unicos sete volumes da minha modesta bagagem, eu sentia sob a carga do meu avantajado corpo o estremecimento doloroso dos carcomidos degraus que constituiam a escarpada ladeira do meu calvario.

Rapida e filosoficamente o sr. Freitas dispara-me o informe de que na rua do Poço dos Negros, frente ao antigo solar da Flôr da Murta, familia aceada e séria reclama serviçal de côr, limpa de maneiras e de pórte.

Sinto renascer a esperança no futuro e sofregamente sacrifico um modesto vintem á Nova Companhia dos Ascensores Mecânicos, dando ingresso escandaloso no proceloso elevador Camões-Estrela.

— Poço Novo! berra o condutor, despejando-me sobre o empedrado da calçada.

Ao tomar a artéria que condús grossa legião de aguadeiros ao pitoresco chafarís da Esperança e que havia de levar-me ao que eu, de futuro, intitularia o meu manancial, a minha fonte de felicidade, sentia-

me trémula e envergonhada relembrando a estensão enorme que tinha descido, desde o dia em que o meu ingrato Marte me abandonou, e comparava intimamente esse grande percurso descendente ao que acabava de faser, desde os altos da plebêa rua da Trindade até á aristocratica rua do Poço dos Negros, que albergou a Flôrsinha da Murta.

CAPITULO IV

Do serviço do Estado ao serviço domestico —A atmosféra dos salões—Padeiro ou magarefe? — A Semana Santa — Do Nyassa ao Ultimatum — Paço d'Arcos, a bela —O regresso do "pionneer" — A Bucelas! —O primeiro degrau para a celebridade.

Mais uma vês obtinham sucesso e completo triunfo os meus dons naturaes, as maneiras distintas e discretas do meu garboso porte e a linha fielmente pneumatica do meu fisico.

D. Ernestina Cavalcantti, senhora de origem piemonteza, abitava, com estrondoso luxo e dois filhos menores, um artistico rés-do-chão e primeiro andar da indicada artéria. Seu marido, ausente ha anos na conquista do ouro em S. Francisco da California, fasia frequentes remessas d'este mineral, o qual era distribuido e emprega-

do bisarramente em solénes recéções, que ameudadas vezes estasiavam os olhares dos transeuntes, com os jorros abundantes de lús que emanavam das graciosas janelas.

Declinada ligeiramente a minha apresentação, sua escelencia, com um gesto respeitavel e vóz meiga indicou-me minhas funções, as quaes se resumiam ao fabrico e condimento dos varios manjares de que eu tão orgulhosamente possuía o segredo, e bem assim á prévia cersidura e respetiva passagem a ferro, de vapor, da roupa de uso domestico.

Acrescentou que os seus sentimentos religiosos esigiam de mim uma correspondencia equivalente e que todos os domingos teria de assistir, em companhia d'ela, ao santo sacrificio da missa. Eu, creatura de indole afeiçoada á obediencia e ao respeito, prontamente acedí ás bases do contrato bi-lateral, o qual selei com frequentes e bréves *si siôres*.

Afetivamente impressionada pelos meus atributos, chamou-me junto a si, pedindo-me que lhe contasse os principios da minha vida.

Dolorosamente, recordei toda a acidentada estrada percorrida até o ponto de

vir encontrar no meu caminho aquele fortúito desfiladeiro dos Paulistas, que me condusiu ao que eu considerava, já, a minha Via Lactea.

Ouviu, enternecedoramente, o desfiar imenso de tanta amargura e uma lagrima teimosa ameaçava bailar «cake-walk» destrambelhado no seu olho claro e franco, quando eu, chamando a mim todas as reservas, n'uma felís passagem de conversação, lhe começei revelando os segredos basilares do fabrico do rescemdente pitéu que dá pelo nome de *alcomonia*.

Meu coração, em transportes de flagrante reconhecimento por tanta atenção auditiva, indicava-me que nada d'aquele misterio culinario lhe devia ocultar quando, de repente, sou assoberbada por violento formigueiro na cana acachapada que protege o meu pobre nervo olfático e tíve de interromper as sensacionaes revelações com o orrêndo estampído de cinco espirros monumentaes, que afirmaram d'uma fórma categorica a minha qualidade reátiva em identico numero de *atchins* corroborativos e arrelientos.

D. Ernestina, amedrontada e tímida, levantou vôo, como pomba assustadiça, para trás d'um movel negro que mais

tarde compreendi ser um piano de cauda.

Refeita do susto que lhe tinha causado o meu inconvenientissimo defluxo arremessa-me entre amavel e energica o voto sacramental de que Deus me ajudasse e áto contínuo embrenha-me por um labirintico corredôr interno, pelo qual me condusiu á minha alcôva.

As imponentissimas festas eram d'um deslumbramento asiatico. Convidados de farda, musicos de casaca, senhoras de cauda cuja enormidade e côres me relembravam as ruidosas aráras, serviço de gelados magnificos, meninos bem vestidos mas d'um atrevimento pouco vulgar e que redusidamente tinham convivido, porque ao mais leve defrontar comigo escancaravam assustadoramente a bôca em invejosa competencia com as carrancas do proximo chafarís de S. Paulo.

Emfim um *brouhaha* permanente, festivo e capitoso a que a intervenção dos primeiros raios solares punha termo imediato.

Então recolhia aos meus aposentos, confusa, e fasia esforços terriveis para pôr em ordem o turbilhão de idéas grandiosas que se agitávam sob a massa pi-

losa e carapinhada do meu pobre cérebro.

Que de ideaes futuros a resolvêr se eu um dia pudésse receber com tanto fausto e garridice. Que de ideaes futuros a disciplinar se um dia pudésse encontrar-me em contato com tantos elementos que constituiam o *pourri chic* da sociedade moderna.

E o meu espirito estasiado e perplexo quedava-se em óras de continuáda insónia na contemplação de tão maravilhoso futuro.

Então eu, que tinha obtido um sucesso completo perante os convivas pela fórma delicada e gentil como oferecia a ingestão de qualquer componente dos serviços de beberete e que havia atingido a gloria de a maioria dos circunstantes só preferirem o sorvête de café em omenágem á minha côr, poderia ter grande dificuldade, relacionada como já estava, em encontrar uma dusia de bons convivas que guarnecessem os salões que a minha imaginação esaltada me fasia antever?

O futuro estava limitado a encontrar o segredo da formula de me instalar n'uns aposentos confortaveis e elegantes, onde eu pudésse dar márgem desafogáda ao

meu temperamento vulcanico, de creatura gerada em terreno cálido e fecundante.

Ao meio dia, pontual, de todos os domingos e dias santos, a aristocratica patrôa comparecia acompanhada da minha pessoa e de seus filhos na egreja do Loreto, onde todos nos punhamos em contato com o Creador, por intermedio d'um sacerdote de origem italiana que ali celebrava o rito católico da missa.

Estas afirmações de caráter evangelico distraíam-me imenso e a nossa presença na artéria concorrida do Calhariz ao Loreto provocava estraordinaria sensação entre os transeuntes, a qual era revelada por continuos ahs! esclamativos, de admiração pelo garridismo das minhas *toilettes* vistosas e berrantes, restos de maiores posses, que tinham escapado aos inclementes e assoladores temporaes amorosos de que eu havia sido vítima.

Minha ama cultivava devotadamente o coquetismo e servia-se da esuberancia da minha apresentação para concitar a curiosidade e atenção publicas sobre a sua pessoa.

Eu, tratada com tanto aféto e amisade, considerava-me felís e amimada e a minha fogosidade encontrava n'essa atitude,

o chuveiro acalmador do meu febril temperamento, sentindo-me felicissima por concorrer com os meus dotes naturaes para a consagração geral d'aquela que me tratava, não como serva ou escrava, o que era natural, mas, sim, como confidente dama de companhia.

O meu salario de tres mil e seiscentos reis mensaes, decorridos os primeiros 18 meses de bons e efetivos serviços tinha assumido as propoções gigantescas d'um aumento de 1:400 réis, o que, tudo junto, prefasia uma totalidade não despresivel de cinco mil réis, os quaes eram pagos religiosamente no prefixo dia 30 de cada mês.

O trabalho não me avassalava e só por ocasião de *soirée* ou recéção periodicamente semanal, eu era obrigada a desdobrar os meus nervos, multiplicando os esforços na dificil arte de me tornar sempre interessante e agradavel para com todos os convidados.

Em certos momentos recebia o influxo natural de que a verdadeira dona da casa, a verdadeira *menagère*, era eu e só eu. Os requintes graciosos que punha ao cumprimentár os assiduos frequentadores, a facilidade com que fasia aflorar aos meus polpudos labios um sorriso fres-

co e discréto tornavam-me a *bonne* querida e reclamada por todos.

O meu nome de Andrêsa era consumido insistentemente n'essas noites de deliciosa confraternisação:

— Oh! Andrêsa traga-me a salsaparrilha! e eu célére corria, qual gaselinha, a condusir rapidamente o liquido refregirante ao labio sequioso que da porta do salão de musica invocava o meu nome, em auxilio de pronto rescaldo.

—Oh! Andrêsa traga-me um chá bem adocicado! gritava uma espinafreta de desoito anos incompletos, acrescentando enlanguescida:—é para escitar os nervos que estão deprimidos com o calor abrasador que oje se tem sentido.

Coleando-me atendia a tudo e a todos, sempre com o etérno sorriso acrobatico a bailar no beiço, o qual, arregaçando as grossas prégas, mostrava uma complicada e engenhosa fieira de brancos dentes que pela sua abundancia e espessura deixavam a perder de vista as magnificas pedreiras de Pero Pinheiro e Montelavar!

Durante a semana o meu esforço era tambem reclamado para o ferro de engomar, o qual, espevitádo pelo sopro saudavel dos meus robustos pulmões, tomava

as proporções d'um verdadeiro navío de guerra ao aprontar-se para comissão de serviço urgente, acendendo as suas possantes caldeiras. O meu braço forte e musculoso empunhava-o então com arreguenho e decisão e comprimia vigorosamente de encontro á táboa de superficie polída e estensa a delicada e alva roupa branca.

Tudo decorria sem canceiras de maior, pois eu sabía disciplinar a fórma de trabalho na passagem a liso de todas as minuciosas peças de vestuario domestico e quando esta situação era agravada pela necessidade do que, caseiramente, se chama meter em goma, eu, prática e espedita no assunto, impunha a mim propria um serão adeantado, o qual só terminava noite fóra, por entre esclamações de gratidão da minha patrôa que me dizia efusíva e amistosamente:

—Tu matas-te! tu esfalfas-te minha Andrêsa e eu não quero para mim essa responsabilidade!

Enternecida por tanto reconhecimento, limitava-me a descerrar silenciosamente sobre os olhos brilhantes o toldo previdente e casto das minhas abundantes palpebras.

Mercê de tanta bondade derramada em

torno de mim sentia-me rejuvenescer para o empreendimento de lutas futuras e a minha naturesa, transbordante de seiva reclamava o influxo vigoroso d'alguem d'outro sexo que atenuasse, um pouco, as recordações esaustivas e crepitantes do meu passado.

Assim e em perfeita concordancia de idéas eu mantinha um *flirt* veemente e prolongado com o fornecedor de pão, da casa. Matutinamente, corria pressurosa á porta a tomar na respetiva condeça os pãesinhos indispensaveis ao sustento diario d'aquela distinta familia e o amor, alimento necessario ao meu coração!

Passados eram bons oito anos d'esta permanente e patriarcal vida e se algumas alterações se tinham produsido eram elas restrítas, tão sómente, á duração dos meus *flirts* amorosos.

*

* *

Rebelde por indole e temperamento a longas e estiolantes permanencias nas regiões dissolventes do amor, detinha-me o menos possivel na fixidês d'esses contactos e, obedecendo a este agradavel principio, constituí uma bem organisada rêde

de verdadeiros apeadeiros ao longo da, para mim, estensa zôna amorosa.

Assim o meu *flirt* com o freguês do pão rapidamente se desdobrou em caricias com o marchante do talho, o qual muitas e repetidas veses entre o quilo e meio de alcatra diaria, e a encomenda para o dia seguinte, do tutano indispensavel á fabricação do *pudding* civilisador, balbuciava-me frases carnivoras d'este jaês:

—E's uma preta de trús.

Não me repugnava a sua estampa saudavel, afirmada na emaranhada teia capilar que lhe guarnecia o braço roliço e curto com que, rijamente, aplicava o cutelo assassino á bondosa especie bovina e não desdenhei, em taes circumstancias, de elevar este apeadeiro ao grau de estação de primeira classe, detendo a bagagem do meu coração, por mais algum tempo, em companhia d'aquele que saciára o meu espirito pela monumentalidade do seu fisico atarracado e grosso.

A fé cristã que constituia o lema da casa continuava sendo rigorosamente observada e por essa epoca de 1889 era chegado e ensejo de lhe prestar a maior soma de consagração atendendo á proximidade da festiva e dolorosa semana santa.

Conservadora nos seus gentis ábitos minha afetíva patrôa preparava-se, como secretária das Escravas do Senhor Jesus do Piemonte, para a elaboração e brilhantismo do respetivo programa das festividades a realisar na catedral do Loreto.

Agora, as reuniões solénes tinham sido mais espaçádas e o tempo consumia-se em cavacos preparatorios para o sufragio pungitivo e reincidente da paixão e correspondentes martirios, com que nós sacrificavamos, anual e incorregivelmente, o Cristo sofredor.

As assembleias eram renhídas e a elas presidia um padre baixinho cujo corpo redondo e apionado era agitado com dificuldade por duas pernas talhadas em arco de pipa, as quaes, ao moverem-se, davam a impressão do abrir e fechar d'uma pequena tesoura de bicos recurvos, propria para aparar as unhas dos pés.

Discutia-se com calôr e o programa era sempre confécionado com os pratos obrigatorios dos demais anos e consistia na repetida morte de Cristo á quarta feira, que eles intitulavam de trévas, o que os confeiteiros, associados á festa, se apressavam a desmentir dando a maior lús e

garridice ás suas montras; seguiam-se-lhe as tranquilas quinta e sesta feira santas em que o pobre martir descançava de tanta fadiga anual.

Servia de cupula a este interminavel martirologio o sabado de alelúia que era como que o despertar ruidoso da pobre creatura a qual, se fosse feita de carne e osso, teria fatalmente de sofrer dos olhos, dada a impetuosidade e rigor com que de repente se fasia inundar de lús o recinto escuro onde as almas visionarias o albergavam, para mal ou remedio dos seus periodicos pecados.

Seguiam-se mais dois domingos, a que davam o nome de Pascoa e Pascoela, e que tradusiam sempre um resultado prático e económico para a bolsa do chouriceiro onrado, o qual dava pelo nome de Coradinho e possuia um laboratorio quimico-alimentar inserido n'uma velha propriedade, ali em pleno Loreto.

De prático, para mim, cifrava-se todo este santo sacrificio, no culto fervoroso d'um mocetão que á missa domingueira envergava a opa e empunhava na destra a retumbante campainha que, embirrantemente em luta com o progresso do espartilho, nos obrigava ao flagelo inaudito

de curvarmos a espinha ciliciada por tão prestante artefacto.

As nossas divagações amorosas tomavam, n'essa epoca do ano, o aspéto d'uma aproximação perigosa e a tal ponto as cousas chegáram, que os meus olhos pareciam ofuscados por intensa neblina de incenso queimado e o cérebro deliquescia em espiraes de fumo asfixiante.

Tudo se resumia, afinal, ao rescendente aroma a mirra com que o meu Adonis andava permanentemente perfumado e não atribúam os leitores maldosos, mais este insignificante incidente, ao poder dissolvente da Egreja.

Cultôra fervorosa do poder espiritual não quero, n'este momento dificil para a Santa Sé, crear-lhe tão pesado embaraço.

Este livro tem a feição rigorosamente narrativa e não pode albergar nas suas folhas a saramantiga venenosa do combate sem tréguas, a uma entidade que só vem ha seculos cultivando o sofrimento e as dôres fisicas e moraes de individuos que felísmente, para o meu sensivel coração, não cheguei a conhecer.

*

* *

O ano seguinte, de 1890, apresentava-se d'uma fórma trágica para o meu coração de patriota ardente.

A minha sincera fé colonisadora ia toda, em espirito, para esse Serpa Pinto que não abandonava com duas rasões a sua áção na região do lago Nyassa e afirmava d'uma fórma perentória e decisíva que a minha forte raça lusitana não era coisa com que, impunemente, se fiséssem malabáres diplomaticos e absorventes.

O meu estasis, a minha sucumbida admiração pelas tropas de terra e mar transformavam-se em desenfreadas *retraites* militares, de parceria constante com parte das bisarras companhias da Municipal, aquarteladas nos Paulistas.

Esta arregimentação momentanea concorria um pouco para o periclitante abandono a que votava a casa de meus amos, mas a minha superiora, creatura costumada ao perdão e ao conhecimento esáto do meu temperamento, tudo tolerava e, n'um amistoso encolher de hombros, disia-me:

—Crê, Andrêsa, que egualmente sôfro

a desventura do teu país, pois não esqueço que a minha generosa Italia tem o seu sangue ligado á tua terra, pela via fraternal do rei glorioso que se chama Humberto I!

Quedava-me durante segundos interminaveis absorta em tão generosas recordações e o meu ásco pelos ingleses datava da edade em que comecei a compreender o que era mundo.

Os destinos tinham que se cumprir, e em casa aprestavam-se as bagagens para seguirmos o esilio anual da temporada dos banhos de mar em Paços d'Arcos, que bem necessarios se tornavam na sua aplicação, pois o grau intenso de patriotismo ameaçava descambar em sarampelho impertinente e rascativo.

Tratava-se, pois, de cobrir e envolver o mobiliario em amplos panos e cobertores, preservativos do daninho pó. Oje, era a cauda do piano que chamava as minhas atenções, outro dia era a *dunkerke* que, plantada no meio do salão, me intercetáva o caminho, reclamando o envolucro protetor, e assim iam decorrendo os dias n'um trabalho persistente e insano, a que o meu metódico e acertado emprego de tempo dava unidade. N'uma ancia

sôfrega, mas ao mesmo tempo resignada, eu avàramente ia acumulando, dia a dia, os capitaes ganhos mensalmente para, n'um futuro ridente e deslumbrante, poder realisar a grande ambição de possuir o que eu intitulava os meus salões.

N'uma sesta-feira do encalmante e agitado agosto d'esse ano todo o bando levantou vôo em direção ao pombal refrigerativo dos banhos de mar.

Instalados atabalhoadamente n'um compartimento de 1.ª classe, a proverbial tranquilidade do apeadeiro de Santos, onde tomámos o comboio, era perturbada pelos gritos estridulos da Fifi, filha da patrôa, que me acoimava de pouco cuidadosa no acondicionamento do *Ponche*, estimado felino, com três anos de casa, que constituia sua pertença esclusíva. Agastáda com os impropérios, reagi, e a mãe, conciliadora, acudíu justificando, esplanadoramente, o quanto eu era carinhosa para com todos os bichos.

Partía felís e contente; só o meu coração sangrava ao relembrar a dôr intensa que se teria apoderado da caserna dos Paulistas, quando a noticia da minha ausencia ali chegasse, comunicada ao cabo quarteleiro, em carta de papel rendilhado, a

que servia de brasão, inocente pombo correio de papelão lustroso.

Era a confirmação do velho aforísmo de que não esíste no mundo felicidade completa.

Divagava enternecida n'estas militares recordações, quando o meu ouvido foi ferído por vóz roufenha e impertinente que anuncía a chegada ao *terminus* da nossa viagem.

A minha senhora ordena-me que salte no caes da estação e, apressádamente, despeja-me sobre a cabeça uma aluvião de caixas com chapeus, uma rêde de malha com dois borrachos de estimação, uma montanha de casacos e peles para o frio e quando eu julgava asfixiar envolta n'esta onda, vem célere em meu auxilio a figura bisarra do Roque banheiro, gritando:

—Ah! D. Andrêsa, então cá a temos outra vez; eu não lhe disia que estas aguas valem mais que as das Caldas? e lançando as suas disformes mãos á *pète-mèle* que me ia envolvendo, ajuda-me obsequiosamente a sair da critica situação em que estava.

*

* *

Serenamente decorriam os meses, quando em pleno e outoniço outubro a tranquilidade da nossa vilegiatura é interrompida por telegrama comunicativo, no qual se afirmava o regresso para os fins de novembro do meu patrão, especie de Judeu Errante, que ha longos anos jasia encalhado nas sáfaras e auriferas regiões da California.

Produsiu esta felís nova o efeito que o raio produs em castanheiro velho, adormecido á sombra dos seculos; despertou tudo e todos da monotonia torturante dos ultimos tempos e fês convergir todas as atenções futuras para a recéção festiva ao recem-chegado.

Estimei que assim sucedesse, pois á intensidade amorosa a que eu estava abituáda por parte de quasi toda a guarnição de Lisboa, sucedia-se, em contraste, um torpôr dormente e pouco acariciador d'aqueles sentimentos, proveniente da falta de galantería dos elementos militares que constituiam a guarnição da Escola de Torpedos Fixos instalada n'aquela vetusta viloria.

O unico refrigerio que tinha era, de manhã, na praia, acompanhando ao banho a morgadinha da casa. E, emquanto ela revoluteava nas salinas ondas, eu recebia confidencias do Roque banheiro ácêrca do estado provavel do tempo. Na sua diaria preleção atmosférica reclamava a minha atenção para os ôrisontes carregados, indicando-me com o dedo anelar, de anzol piscatorio, os *cirrus* que se acastelavam sobre a baía da Crus Quebrada e cluía sempre por me informar, sentenciosamente de que tudo aquilo, para a tarde, se resolveria em vento; então era certo e fatal que, em desabono do preságio, caía calma pôdre, capás de torrificar um bom naco de *roast-beef*.

Tudo se aprestava para o esodo e a liquidação da conta dos banhos da Fifi tinha sido como que a guarda avançada da marcha sobre a capital.

Posta em sólida carroça a mobilia campestre que tinha guarnecido a casa estival, operou-se a retirada com entusiasmo, tendo o nosso aquatico Roque aljofrado o amplo bigode, de coronel reformado, com algumas lagrimas de reconhecimento, pelas atenções cuidadosas que lhe dispensei durante a época balnear.

O sarrabulho na casa do Poço dos Negros era agora ruidoso e trabalhento.

O descamisar do mobiliario, o espanejar dos lustres e espelhos, adicionado ao enceramento escorregadio e gorduroso do *parquet* dos salões, transformaram todo aquele ambiente confortativo em loja de antipatico ferro-velho.

O dia desejado estava proximo e o vapôr galgava com sofreguidão as ondas que ante um bom par de anos tinham separado aquele casal, do viver comum e amistoso.

Finalmente, eis chegado o nobre e desempenado chefe d'aquela interessante familia. O seu olhinho asul e investigador, crusou seus fogos admirativos com os meus farramalhudos projetores visuaes.

D. Cavalcanti, porém, subjuga rapidamente a curiosidade do esposo esplicando-lhe que eu constituía mais um embutído n'aquele dôce lar categoria a que os meus assinalados serviços me tinham elevádo. Entre medrosa e confusa, agradecí tanto aféto e timidamente arrisquei:

—*Estar* muito contente com *siôra* e meninos e *serem* para mim mais que *minha gente*.

Seguindo rapidamente para casa, o

jantar decorreu intimo e tranquilo n'uma sonolencia peganhosa de revelações que pouco ou nada me interessavam, mas que o meu patrão afirmava serem inéditas e muito engraçadas.

As minhas aventuras amorosas seguiam sua carreira costumada, chegando agora a vês a um onésto e onrado cidadão natural de Orense, de nome José Barral y Barral, o qual dispendia a sua atividade no emprego oficial de capatás da estação de incendios n.º 18.

Era um tipo forte e alto; a cara redonda e avermelhada revestida por duas espessas suissas, davam-lhe a figura empolgante do grande general Weyler, heroe discutivel das campanhas cubanas, que eu me tinha abituádo a contemplar, com anceio, nas vastas paginas gráficas do escitante periodico *La Campaña de la Isla de Cuba y sus vitimas inocentes.*

Barral possuia o inconveniente de ter o tempo quasi todo ocupado, pois raro era o dia em que não saía á mão com a sacrilega carroça da apanha de cães e gatos, aparelho mortificador com que a Camara Municipal citadina, permanentemente, arranhava meu sensivel coração, e rara era a noite em que o esforço dos seus rins e bra-

ços vigorosos não tinha de ser aplicado á tráção desordenada do carrinho de escadas Fernandes, antipático veículo que nos dava a impressão esmagadora de ampla estancia de madeiras trasbordante de tão precioso material de construção.

Resignara-me, porém, a ser privada muitas e ameudadas vezes do contacto de tão alentado representante da colonia galaica e compensadoramente recordava-me de que os dois serviços absorventes que ele desempenhava eram de indole e naturesa filantropicas, andando sempre ligados ao Bem e á salvação publica.

D'um lado, tinhamos a carrocinha detentora dos cães e gatos, praticando a caridosa absorção d'esses animaes, a fim de evitar a proliferação da terrivel e espumante raiva.

D'outro, a condução do engenhoso e estensivel carro de escadas que, levando a agulheta e a mangueira refrescantes ao local do sinistro, evitava muitas vêses que o fogo, rebelde, assumisse as proporções de braseiro infernal e devastador.

Poucos momentos livres, como já digo, ficavam a este eróico mocetão para se dedicar ao meu aféto, e a maioria d'eles ainda era absorvida pelo trabalho de,

ameudadamente, recheiar com agua um tôsco e pesádo barril que valentemente condusia ao ombro, soltando uns angustiosos e prolongados *aüs!* que lhe rendiam a modesta quantia de vinte réis, mas que o fasiam suar as estopinhas, calcurriando interminaveis pilhas de degraus, antes que despejasse o seu branco e liquido conteúdo.

*

* *

Estes contratempos aborreciam-me e o meu espirito amoroso, tentava reagir, mas a lembrança dos desenganos que tinha sofrido e passado detinha os meus impetos e obrigava-me a mergulhar asfixiantemente n'aquela atmosfera tranquila e bemaventurada.

Resignada estava a sofrer as faltas de continuidade de Barral, quando o meu coração de pomba ferida é sangrado por violenta punhalada, d'esta vês despedida desapiedadamente pelo braço audás do meu patrão, ordenando-nos a definitiva transferencia domiciliaria para a fertil região de Bucelas. O meu espanto foi enorme, pois a ferida crudelissima atingira-me em ocasião péssima e intempestiva.

Sangradoramente meu coração e afêto encontravam-se subjugados ao modesto capatás da 18, o qual, apesar da nunca desmentida perícia no ataque dos incendios, ainda não tinha conseguido dominar a minha ardencia, apagando-me a chama consumidôra que, inclemente, lavrava no meu peito.

A ordem era sêca e cruel e o segredo da sua génese resumia-se á circunstancia, por mim averiguada, de meu amo vir absorvido com a ideia da resolução imediata do problema da creação de galinhas e consequente aproveitamento dos seus derivados.

Como indispensavel ao esercicio de tão peregrina idéa, adquiriram-se muitos ectares de terreno na região de Bucelas e precipitadamente se fês o encerramento completo d'aqueles salões onde tanto brilhei e vivi, transportando-se em sucessivas galeras todo o seu rico e abundante recheio para a bisonha e pouco animada terra na qual os nossos destinos e a minha juventude sossobrariam, se gesto viril e emancipadôr não começasse de novo a esboçar-se no meu cérebro.

Para ali fui e durante um bom par de anos a industria das galinhas seguiu

seu cacarejante curso, mas em minha opinião os resultados práticos colhídos por meu amo não eram invejaveis.

D'uma vês eram os pintos que assustadoramente morriam na casca; d'outras a carestia do milho e das semeas agravava e redusia os interesses da industria a qual tinha de encontrar seu presagiádo fim com o aparecimento da traiçoeira episootía da gósma, que atacando o monstruoso rebanho, de 350 bicos, deu morte afrontosa aos galinaceos.

Estes, desfasendo-se em acessos de tósse e de roncos, despresavam, na fébre da doença, o remédio salvadôr ditado pelo ferradôr da terra e que consistia na ingestão de gamelas sucessivas replétas de agua de sóla.

Como se vê, era impossivel, para a minha educação e para os meus dotes artististicos, a prolongação d'este dissolvente viver. Meu patrão, entristecído com a morte dos galinaceos, andava carrancúdo e insuportavel e a pobre da D. Cavalcanti embranquecia a olhos vistos, a ponto do marido, na obcessão aviadora, lhe chamar a sua Minorca.

Eu, por maiores e mais apertados que fossem os laços do nó que me estreitava

tão afetivamente a esta bôa gente, sentia a impossibilidade de permanecer por mais tempo no poleiro periclitante, d'esta capoeira monumental.

A acicatar os meus acalentadôres projetos de fuga encontrava-se a recordação persistente do avultado pé de meia que eu possuía, forrado sovinamente durante os 18 anos de esercicio das minhas funções de serviçal onésta e prôba, a quem a estrela da bôa sorte tinha iluminado, ardentemente, com os seus fulgurantes raios.

Nada de indecisões, porque eu, além do capital pecuniario acumulado, avesáva outro de valôr incalculavel, o qual era constituido pelo arrôjo do meu temperamento e pelos átos inteligentes que ele ditava.

Para não tropeçar na estrada que ia percorrer ainda contava com um inédito mas valioso elemento que representava, para mim, a maromba auxiliativa das evoluções futuras a realisar.

D. Isabel Réco, senhora de porte donairôso e distinto, mantinha comigo relações amigaveis, que se haviam solidificado com a permuta do cartão postal, ideia febríl que então fasia a sua estreia.

Eu tinha, com os meus modestos conhecimentos da arte de saber agradar, conquistado a sua inalteravel amisade e com uma precisão matemática enviava-lhe, dia sim dia não, a *cartolina* ambicionada e estreitante.

Tinhamos cultivado nossas relações, com esméro e galhardía, nos lausperénes do Loreto e para isso havia concorrido a proximidade e ligação das cadeiras privativas onde nos instalávamos por ocasião d'essas celebrações.

Pouco a pouco, D. Isabel compreendeu em mim creatura a quem facil sería a emancipação da subalternidade a que ha tantos anos me tinha adstrito e, sacudindo-me o espirito, incitava-me brandamente a que organisasse com modéstia a minha casinha, o meu ninho e então, ali, com facilidade, dados os dotes da minha educação, encontraria certamente campo facil e fértil á conquista do futuro, ao desabrochar dos meus talentos e, quem sabe? talvês mesmo, não fosse impossivel constituir o meu *ménage* definitivo com cavalheiro que soubesse apreciar tantos encantos, tanta arte, tanta vivacidade e tantos primôres de carater.

Impelida por estas paixões, reclamei de

meus amos, a libertação e bati ásas, do estagnante aviario Bucelense, cortando o espaço que me separava da capital, n'um vôo amplo, de franga acossada por milhafre que quisésse aspirar-lhe o sangue...

CAPITULO V

D. Juan de Luñiga — Os meus salões — Entorse fatal — A penhóra — O cenáculo da Barroca — A casa sinistra — Mais "Pilsener"! — Vestiario modelo — "Un balo in maschera"

Quem, partindo do velho edificio do Conservatorio, encaminhar seus passos pela ingreme calçada dos Caetanos, a meio da ladeira e do lado direito, encontrará uma comprida via, a que a edilidade, de então, deu o nome estenso e rescendente de rua Nova do Loureiro.

E' caminho triste, estreito e banal e, olhando sempre para a direita, o leitor curioso encontrará essa parte do arruamento toda edificada e, paralelamente, na esquerda oposta revelar-se-lhe-ha uma desafogada clareira, através da qual se avista o panorama deslumbrante de todo o aristocratico bairro da Estrela, ao qual ser-

vem de cupula os bojudos zimborios confirmativos do cognome da fundadora, D. Maria I, a Piedosa.

Era a meio d'essa rua que residia, instalada em amplo e luxuoso 1.º andar, a minha estimada amiga D. Isabel.

A casa, desafogada e d'um aspéto nobre e imponente, era pertença d'um capitão carlista, alto e fórte, o qual, usando calças de bombasina espipadas nas coxas e contraídas nos artelhos, cobria o amplo torax com um casaco de grossa astrakan, nos bolsos do qual armasenava uma infinidade de frascos pequenos, contendo amostras de vinho, que ele classificava e consumia com desembaraço e vós grossa.

Este original individuo, durante o dia cavalgava um corcel branco de desproporcionadas dimensões e se, pelo entardecer, alguem lhe quisesse falar, encontral-o-ia de certesa, com o carão avinagrado, revestído de espessos bigode e pêra branca, que davam a impressão dos inseparaveis leões arquitetonicos do sr. Ventura Terra, sentado á mesa de casa de pasto estreiante, onde dolosamente o seu estomago de avestrús se instalava, para consumir todo o recheio culinario ao desventurado debutante da arte de Plantier.

Adicione-se a este sugestivo perfil a fala rouca e algaraviada, misto de português e catalão, com que descompunha os serviçaes e obteremos o retrato completo do *noble caballero catalan* D. Juan Peres de Luñiga.

Não era senhorio cruel nem tirano esta figura de velho caserneiro e antes procurava com as suas condescendencias tornar-se simpatico e atraente aos seus locatarios, levando a amabilidade ao ponto de concordar na sublocação de todo o primeiro andar, sem comissão ou estipendio que dificultassem o contráto que D. Isabel ha muito trazia *in mente*.

Conhecedora da resolução da minha dedicada amiga, propús-lhe a compra, a pronto pagamento, de todo o mobiliario e roupas, por soma conveniente e elevada.

Decaída em materia financeira, a sua aquiescencia foi rápida e eu consegui, assim, tornar-me detentora unica dos ambicionados salões, onde pudería dar largas á minha sonhadora esperança de colhêr, como dona de casa, o sorriso d'este, as boas palavras d'aquele e de, emfim, dar realidade e consistencia ao meu sonho de tantos anos.

As instalações, d'um luxo asiatico e se-

véro, foram rapidamente espanejadas e eu marquei a primeira *sauterie* para um sabado proximo.

Os convites foram espedídos em cartões *chics* de litografia e resumiam-se ao tradicional:

«Tenho a onra de solicitar a comparencia de V. Ex.ª á primeira reunião notúrna que realiso nos meus salões, na noite de 16 do corrente. Trajo de *soirée*, etc. etc».

A minha vulgar assinatura era substituida pelo pseudónimo elegante e vaporoso de Fernanda do Vale, visto D. Isabel me recordar que o nome de Andrêsa era muito aspero á pronuncia e o complemento de Nascimento, plebeu de mais para esigir ou firmar a solicitação de comparencia aos meus convidados.

As noites que antecediam o sabado inaugural passei-as em permanente insónia, com o trabalho indispensavel de tudo dispôr e arrebicar para que os futuros frequentadores não notassem qualquer falta, por mais insignificante ou pequena que fôsse.

O serviço de bufête tinha-o cometido ao apreciado Cócó da rua de S. Nicolau. O sestêto armónico e disciplinado, subordinei-o á regencia do novel maestro Pinto Leão, do qual confiadamente esperava

confirmasse, decisivamente, o ferós apelido, aplicando e esecutando, d'uma fórma vigorosa, todo o seu vasto reportorio.

Chegado, finalmente, o dia tão almejado, os meus salões foram inundados por jôrros de lús e a eles concorreu tudo quanto de mais elegante havia no mundo financeiro, aristocratico, militar, burocratico e artistico.

Fês-se musica, e ao piano tive o prazer enorme de ouvir a vóz melodiosa e estensa do joven tenor Evaristo, que com contorsões graciosas e elegantes dos quadrís, emitía notas graves e agudas, com a mesma prodigalidade com que o fás o nosso Banco de Portugal.

Nas salas de jogo, varios africanistas transformaram o seu oleoso e alimentar cacau em montões de placas de 500 réis, que rapidamente eram alçapremadas aos bolsos sem fundo do emerito banqueiro Julio Franguinho.

O meu trajo, de cauda abundante e interminavel, em sêda encarnada, revestida de aplicações achocolatadas, tinha produsido sensação em todos os convivas.

O meu colo de ébano, ornado com uma modesta fieira de coral, dava a impressão estonteante de um esculpido e entalhado

movel artistico de Leandro Braga, nas suas abituáes combinações entre o pau santo e o pau rosa.

A grinalda de penas, que me ornava o encarapinhado pêlo, fería a nota guerreira de uma barretina de capitão de engenheiros, em dia de gala. Os brincos da mesma materia do colar e que constituiam recordação de minha santa mãe, lançavam artistica mancha no escuro das minhas gôrdas bochechas, parecendo frútos maduros pendentes de viçosa cerejeira.

A alegria era esfusiante e os ditos de espírito prepassavam no espaço, volátil e embriagadôramente.

N'um grupo discutia-se a magestade radiosa da minha figura e em certo momento um africanista, de bigodana enorme, gritava a plenos pulmões que o meu logar era no museu oficial da Sociedade de Geografía, afirmação que, devo confessar, me desvaneceu bastante.

Era chegada a ocasião de dançar a quadrilha de onra. Foi-me destinádo para par o vulto atarracado de um major de infantaria, cuja pêra branca, inserta no queixo gordalhúdo, me recordava a figura varonil e réclamatoria impressa nos pacotes da farinha ferruginosa de Franco.

Ao energico *En avant* pronunciado pelo meu companheiro correspondeu de toda a sala um arrastar de pés que me evocou, com infinita saudade, os batuques infantis da minha mocidade.

Enleada n'esta dôce recordação abandonei a cauda do vestido que, indo enganchar-se no esporim inconveniente e dispensavel do meu major, fês-me dar um enorme e sensacional tranbulhão que foi saudado por gargalhada impertinente e ruidosa de toda assistencia.

Comecei a perceber que o meu joelho direito tinha ficado escoriado e que os concorrentes dos meus salões não poupavam nem a propria dona da casa, pois receberam esta revelação aos gritos retumbantes de que era impossivel, porque não podia ficar escuro aquilo que primitivamente o era já.

Arreliei-me e ordenei ao escudeiro a dissolução da *soirée*, e que, rapidamente, fosse a uma farmacia buscar um vintem de arnica para friccionar a luxação.

Na minha desventura momentanea só a meu lado encontrei o auxilio carinhoso e o oferecimento galhardamente gentil do seu prestimo, feito por um nobre e gentil alferes da guarda fiscal, que durante largo

tempo me susteve traseiramente pelos quadrís, dada a dificuldade que tinha de apoiar a perna bamba e combalida, no chão escorregadío do salão.

Foi a unica recordação afetíva que me deixou a primeira reunião intima, a qual devido a este incidente perdeu, para mim, muito do valor significativo que lhe tinha querido imprimír. A rótula do joelho tinha inchado e assumído proporções desmedidas.

As fricções eram constantes e o consumo do alcool camforádo e das compréssas de arníca arruinavam-me o exausto bolso, cançado de tanto abrir e fechar no despejar insistente do seu recheio.

A finança tinha sofrido rombo enorme com os pagamentos a D. Isabel e com as interminaveis contas do Cócó, da modista, do homem do gás e quejandas sanguesugas, aspiradôras permanentes do que tanto me tinha custado a acumular.

A mortificante quéda coreografica tinha para o meu cérebro o duplo martirio de, no remanso de alcôva, constantemente me perturbar com a resolução futura da minha situação economica.

A' tarde essa tortura era atenuada pelas visitas quotidianas do meu joven alféres,

que nas óras ociosas da fiscalisação do odiento real de agua, vinha junto a mim distrair-me as ideas, negras como a minha côr, que me perseguiam atrósmente.

Ele era terno nos afágos mas rispido, ostensivamente, para mim quando creaturas estranhas e curiosas, intempestivamente, interrompiam as nossas melancolicas tardes. Chamava-lhe, com doçura, meu Josézinho e correspondia, efusivamente, á afeição e cuidados que lhe tinha merecido.

Os seus dentes brancos d'uma alvura e tamanho impecaveis rasgavam-me, carnivoramente, os lóbulos das orelhas que ele teimosa e garôtamente reincidia em mastigar.

A sinistra ideia de que os meus recursos pecuniarios tendiam a decrescer n'uma intensidade progressiva e desalentadôra fasiam-me formigueiros de desespero e eu invetivâda pelo alféres confidenciava-lhe os meus receios e pedia, sofregamente, indicações para obstar ao *krak* asfixiante. Ele com a sua tês escura e o narís grôsso e voluntarioso, fasia-me *tagatés* e disia-me que não me apoquentasse porque todas as dificuldades financeiras se resolviam pelo tempo e só pelo tempo.

Duplamente a ele me apoiava, quer quando tentava dár algum passeio descentralisador da inação a que a minha perna andava submetida, quer quando confiáda no seu argúto olho fiscal, entregáva aos seus conhecimentos orçamentologicos a resolução do meu problema economico.

Um inferno que havia dias se vinha agravando com o impertinente aparecimento d'uma avalanche de crédores a quem a D. Isabel não tinha pago e que, não querendo saber do recente contráto de trespasse que entre mim e aquela se tinha celebrado, reclamávam grosseiramente em altos gritos, no patamar da escada, o pagamento dos créditos, sem atenderem ás ponderosas rasões que eu alegava, chegando á inconveniencia de provocarem, com as suas investidas, a dificil e quasi impossivel ruborisação do meu rôsto.

Era indispensavel caminhar e, com o vóto contrario do meu guarda barreira, convoquei novo e esperançoso *raout*, mas os crédores, irredutiveis, antecedendo-se com prestêsa aos convidados, tudo penhoráram devassadôramente, e eu contemplei, mercê das fórmulas rigidas da lei, todo o

recheio do meu palacete na pósse d'um escuro proprietario d'uma ainda mais negra carvoaria da visinhança.

Apressadamente e dados os factos estraordinarios que se desenroláram, chamei o meu oficial a um conselho intimo onde se tomassem medidas de carater conservatorio e resoluções imediátas tendentes a evitar a minha defrontação com o espétro terrivel da Fome.

Solícito acorreu ao meu apêlo e ali mesmo, entre a justiça e o carvoeiro se resolveu o abandono temporario dos meus salões e o esodo da minha pessoa para um modesto quarto recreativo que ele possuia, de sociedade com mais quatro ou cinco jovens na proxima rua da Barroca.

Devo confessar que se me tornou dolorosissimo o abandono d'aquilo que tanto carinho e sacrificio me havia custado, mas o braço vigoroso do meu alfandegario José equilibrava-me e impelia-me n'uma *embalagem* vigorosa que se tornaría mais facil e realisavel se a minha perninha garôta e luxada não teimasse em corroborar o sensaborão estribilho, então muito em vóga, de estar peor da perna.

Arrastadamente dei ingresso na mânsarda da rua da Barroca, que era confor-

tavel e possuía mesmo uns ressaibos de elegancia e bom gosto, dado o fim para que tinha sido alugada e que consistía, principalmente, n'umas sessões de voltarête noturnas e interminaveis, a que se entregavam os companheiros do meu José, e que então eram: o José Eloy, estudante crónico e inamovivel do 2.º ano médico, rapás de feições corretissimas, esimio no violão e possuidor de uns olhos de sonhadôr impenitente, velados um pouco pelo uso constante de uma miopica luneta.

Era o que se chama um verdadeiro cavalheiro pelo bem tratar e pelas atenções que sempre me dispensou.

À religiosidade de suas santas tias tinha-o impregnado de uma bondade e corréção inescediveis.

As companhias esturdias, porém, prejudicaram-no e levaram-no ao esquecimento do culto, que era a unica divisa d'aquelas senhoras

Compreendendo estas, um dia, que ele se afastava do sacrificio da missa domingueira de S. Roque, obrigatória para toda a familia, interrogaram-no, vivamente, sobre se tinha, como era de seu strito dever, ali comparecido. Ele, sem esitar, pecou mentindo e afirmando que sim e corrobo-

rativamente pormenorisou que os paramentos eram roxos.

As boas creaturas perítas nos assuntos do rito descobriram com facilidade a pêta, pois o santo sacrificio n'aquele domingo reclamava o uso de côres vivas e berrantes.

A escomunhão que lhe votaram foi bréve e simples, consistindo na suspensão imediata do subsidio que ele semanalmente consumia com a voracidade de um tigre.

Acolitava-o, sempre, o seu inseparavel companheiro, conhecido entre todos pelo Gonzaga pequeno, rapasinho janota e imbérbe, que possuía queixo afilado e saliente.

Era um conquistador terrivel e varias veses sentiram as minhas carnes a compressão terrivel dos seus beliscões, retorcídos com vigor e criminosa insistencia.

Não faltava a esse inseparavel grupo a figura órrida e avassalante do Fernando Pires, que era servida por um carão enorme e esquálido, aos lados do qual esistiam duas fundissimas e largas covas, que lhe davam deposito aos olhos. A sua miopia arrasava os oculistas de Lisboa com o diametro esigente das orbitas.

As pernas eram interminaveis e davam-nos a impressão de dois robustos encaliptos, no tôpo dos quaes se tivesse espetado uma cabeça decepada. As mãos pelo tamanho e estensão dos dêdos pareciam grêlhas de ferro aplicaveis a fogão de família. A cabeça, n'uma imitação perfeita da abobora porqueira, servia de ornamento esférico áquel Adamastor de recente especie.

Era bom rapás, mas muito sóbrio em contactos amorosos.

Perseguído, insistentemente, por uma fatalidade ou calistagem absorvente tinham-no os intimos apodado de Bilward, o desastrado, ao relembrarem as contínuas desgraças que sucediam a um *jongleur*, que déra por egual nome e que tinha feito as delicias dos frequentadores do Coliseu.

Pontificava em todos os assuntos e levando uma vida regrada e cheia de sãos principios, a sua unica preocupação, ao volterête, era que o *róque* estivesse bem feito. Não admitia os erros do pobre Gonzaga e martirisava-o cruelmente, mas este vingava-se em surdina com o fatal *carambolim* que aquele inalteravelmente apanhava.

O grupo era fechado pela cara terrosa e

cética d'um alféres de infanteria, a quem eu tratava por Manuelsinho. Era brusco, sacudido e violento, não levando a bem a minha imiscuencia n'aquele cenáculo. As diatríbes sucediam-se por parte d'este mal educado, alcunhando-me de escrava, preta domexilhão e outros deprimentes qualificativos para quem tinha brio de sua pessoa e qualidades.

O meu alféres bem indignadamente desembainhava a forte vóz em meu auxilio, mas de pronto a recolhia ao bucho após o côro omérico de gargalhadas com que eram recebidas as suas caritativas intenções.

Por mais tempo não podia a minha dignidade sugeitar-se a este dissolvente e pouco dignificante convivio. Ao meu José expús, com clareza, e lealdade os meus desejos de não permanecer, mais, entre elementos que pouco me consideravam e tão incorrétos estavam sendo para a companheira dedicada e estremosa do seu amigo.

Ele, desdenhoso e meio trocista respondia-me com um encolher de ombros e disia amistosamente:

— São bons rapases, tu é que não os compreendes.

Era demais, além de não ser energico em repelir o inconveniente chalaceadôr fasia pouca justiça á minha perspicacia e ao meu entendimento de mulher culta e educada e n'estas circumstancias fatal foi a resolução que tomei de, em desordenada fuga e pela calada da noite, unicamente acompanhada d'um ruidôso baú de folha, procurar abrigo tranquilo na «Fonda Andaluza» de D. Lola, estabelecimento acreditado e concorrido pela mais alta gôma do *demi-monde* lisboeta.

*

* *

A' esquina da estreita e lôbrega Travessa do Poço da Cidade, n'um predio caiádo de côr de rosa e que torneja para a Rua das Gáveas, encontrava-se instalada a réclamada Fonda.

Era casa nobre e acreditada e a ela andavam ligados factos tétricos e arripiantes — nada menos de dois tragicos assassinatos se tinham perpetrado n'aqueles casarões e o vulgo, misterioso, atribuía-lhe subterraneos úmidos e estensos que terminavam em pontos distantes da cidade.

Um d'esses crimes tinha sido descrito por

romancista inventivo e jasía ha longos anos nos arcânos poeirentos da istoria.

O outro, praticado em data recente por um sobrinho da atual dona da casa, levantára-me a epidérme de tal fórma que a minha oleosa cutis amedrontada com o brilho da faca omicida podia vender-se ao publico como autentica lixa de peixe.

Se ajuntar a esta tenebrosa narrativa a indicação de que uma anterior locataria, de nome Oliveira, tinha franqueádo ao publico o jardim do prédio, realisando bailes festivos e desordeiros, terei completado a descrição do edificio que mais tarde ha-de representar papel importante na minha acidentada vida.

Aceites com alvoroço pela reboluda ospedeira os meus projetos de instalação, prontamente fui posta em contacto com a Isabelinha Morrongo, antiga abitante da pousada.

As recéções eram tristes e sorumbáticas e eu, n'este decadente meio, subjugada á paixão exaustiva do meu nunca esquecido alféres, levava vida monótona e aborrecida. A casa, depois do orripilante assassinato, era pouco concorrida porque os frequentadores, acostumados ao riso e ao praser, não queriam o espirito detído em

miragens de sangue e de navalha. A insipidês era cruel por via d'este estado de cousas e eu procurava, ás noites, não me deter n'esta atmosféra deletéria e fugia espavorída na companhia da Isabelinha pará o vasto quintal que a, para mim, istorica firma Jansen, abria ao publico nas luarentas noites de agosto.

O terraço ficava situádo na Rua do Alecrim, nos terrenos brigantinos que brotam superiormente da antiga Rua do Tesouro Velho.

O pompôso titulo de Recreio de Lisbôa que os donos lhe tinham imposto e os escelentes concertos que a banda da Marinha esecutava no recinto chamavam concorrencia desmedida e *chic* ao local. Concorríam, egualmente, para esta fama os alterosos bifes que ali se esquartejam e frégem para os estômagos voráses e que são servidos em brancas travessas de pó de pedra, ornamentadas com louras batatas que o cozinheiro, caprichoso, frita com intensa dedicação e celeridade.

Acrescente-se a isto a dolorosa e acabrunhante revelação de que tudo era regado pela corrosiva e dissolvente *Pilsener* e ver-se-ha que bem andado era o meu caminho em procurar n'esse refrigerante am-

biente o entretenimento que dificultosa e aváramente buscava em casa de D. Lola.

A doença d'esta ia-se agravando dia a dia e o meu dolorido coração amargurava-se com o desenlace proximo d'essa rotunda creatura, a quem eu afetivamente já chamava «a minha senhora».

As coisas tomaram um aspéto cruel e o meu coração, ferído, pulsava desordenadamente em anceio libertador.

N'uma das costumadas recéções, o aparecimento do meu Jorge, acompanhado do seu inseparavel e chocarreiro amigo alféres Manuel, foram como a gôta d'agua trasbordante que havia de inundar o meu espírito, arrastando-me para caminhos novos e menos dilacerantes.

Precipitadamente, n'um rodopio estonteante e esporeada pela aparição d'aquele que tanto pungiu o meu coração, procurei no folguedo da epoca carnavalesca, que se ia desenrolar, o bálsamo olvidante dos meus interminaveis martirios.

*

* *

O Carnaval d'aquele ano aproximava-se a passos agigantados.

Haviam começado os primeiros bailes de mascaras e no ambiente pairava uma atmosféra de folía que me enervava e impelia o fogoso temperamento para as curvas e arabescos caprichosos da dança.

Pelas ruas movimentadas do Bairro Alto passavam bandos de esturdios, guitarreando descantes e começava de ouvir-se um ou outro dito soês, com que os *habitués* das tabernas do sitio empulhavam amigos e conhecidos.

Em casa de D. Lola reinava grande entusiasmo pelas diversões da época e as minhas alegres comensaes preparavam disfarces e trajos de mascara, originaes e vistosos, com que iriam abrilhantar os bailes publicos, no diser consagrado dos prospétos anunciatorios.

Os meus fundos marcavam a mais deprimente baixa de que havia memoria na Bolsa de Lisboa.

Todavia, não me consentia o orgulho natívo vêr as minhas colegas, pela simples vantagem de uma transitoria *performance*

monetaria, ofuscarem o meu natural donaire e brilho de tês, n'uma supremacía que se iria tradusir apenas na efabulação indumentaria.

(Este bocadinho saiu-me muito bom).

Pois elas, pelo simples prestigio de garridos trapos, iriam, no baile d'essa noite, conseguir os triunfos que só para mim deveriam estar reservados?

E, sobretudo, iriam faser a conquista dos garbosos moços que costumavam frequentar aquelas diversões?

Era i so o que mais me custava.

Eu não sou invejosa, porém, tudo quanto se relacione com as alegrias do amor, torna-me zelosa e transporta-me, com o mais acerado ciume.

A dificuldade parecia-me insuperavel e tanto que, em certo momento, raivosa, abandonei a mesa do almôço, na qual se debatiam tão graves questões, e refugiei-me no meu quarto, onde fundi em lagrimas, sobre a cama, que, no diser da sabedoria universal, é parte quente.

Estive assim não sei quanto tempo com o corpo sacudido por estremeções de chôro convulso.

Eu sou tão nervosa!

Uma criada, espanhola, que entrára ha-

via dois dias para o serviço da casa e que já me déra mostras de singular simpatía, passando proxima do quarto, foi atraida pelos meus soluços, veiu até mim e interrogou:

— *Que és eso, señorita? Está usted llorando? Y porqué?*

— Não tenho fato para ir ao baile, respondi eu, redobrando o pranto.

— *Pués por eso no se apure usted, yo la aconpañaré a casa de una señora que alquila trajes preciosos,* contestou-me a andalusa.

— Sim? perguntei eu, ainda duvidosa.

— *Ya lo creo. Pues se se lo digo, mujer. No llore usted más e vamo-nos á la calle de San Roque a casa de Doña Luiza.*

— Ai que bom, *ai-ué*, gritei eu, saltando do leito e batendo as palmas.

As lagrimas enxugaram-se como por encanto e vesti-me febrilmente. Participei apenas a D. Lola que ia sair, guardando-me de o diser ás minhas companheiras, a quem queria acabrunhar com uma surpresa, que as faria rabiar de inveja.

Palmilhei a travessa do Poço e o bocado da rua do Mundo que me separava do guarda-roupa, emquanto o diabo esfrega um olho.

Penetrámos na porta n.º 61 e subimos com a pressa de quem vae livrar o pae da forca.

D. Luiza Morales era uma simpática senhora, já edosa, baixa, com o corpo um pouco alcachinado pelos ultrages do tempo, que lhe imprimira um gracioso desvio á coluna vertebral.

Como a minha criada, nascera nas planicies ardentes da Andalusia, tendo erdado dos seus ancestraes a propensão para o esagêro, que é peculiar áquela raça alegre e estrepitosa.

Quando a serva lhe esplicou o motivo da nossa visita, endireitou um pouco o alquebrado busto e disse, com grande esuberancia de gestos:

— *Tiene usted aqui lo que quiere. La question és de perras.*

E, eructando estas palavras, rolava o polegar no indice, no tregeito muito usado para significar dinheiro.

Percebendo o que ela queria, perguntei:

— E quanto póde custar-me um fato bonito para ir ao baile, pela noite toda?

— *Pués... unos quatro duros, pero és lo que hay de más chipen.*

— Está bem, refleti eu, vendo que podia atingir áquela cifra. Vamos lá á escolha.

A velha adela mostrou-me então uma grande parte do guarda-roupa, mas eu não encontrava o que tinha visionado.

Uns fatos eram simples de mais, outros muito complicados e dificeis de vestir, outros, ainda, de um uso incómodo.

Por fim, passada em revista toda aquela trapagem, esitava em pronunciar-me entre um trajo de pagem e um fato de odalisca.

O pagem encantava-me, com o seu gibão golpeado e os calções elásticos, que deveriam destacar, em grande relevo, as minhas fórmas posteriores, obumbrantes. E o pequenino casco? Como deveria ir-me bem, garbosamente inclinado sobre a carapinha, apartada por um sulco ao lado! E a capinha, caíndo em prégas nobres do ombro?!

Por outro lado, a odalisca atraía-me, porque me parecia mais consentanea com o meu estado e profissão.

O *quimão*, debruado a sequins relusentes, deslumbrava-me.

A velha, impacientada com as minhas longas esitações, disse-me, n'um gesto de enfado:

—*Escoja usted, señora! El precio és uno, y sea lo que sea, para mi lo mismo dá.*

— E' que eu gosto muito do fato de odalísca, porque é mais bonito, espliquei eu, mas simpatiso imenso com o de pagem, por causa dos calções.

— *Pero, señora,* miava a megéra, presentindo onde eu queria chegar, *con el de odalisca tambien usted puede enseñar el... saliente, vamos!*

— *Pués váya por el saliente*, berrei eu, sentindo-me já com quéda para lingua de Cervantes. Decído-me pela odalísca.

— *Enorabuena,* clamou alegremente a velhorra, *y ahora vamos á la prueba.*

N'um pronto, enverguei as largas pantalonas da vestimenta, vesti o quimão, puz o bonésinho e apertei os quadrís com uma larga facha asul. Mirei-me ao espelho; estava transformada.

Não me enganára a sagás espanhola; o meu quarto traseiro emergía, repuchado pela facha, como o astro noturno no plenilunio.

Então, a minha alegria não conheceu limites. Era a certesa do triunfo.

Deambulei pela casa, ensaiei *poses* e, vejam lá onde póde chegar a loucura da mocidade! até arrisquei uns passinhos do *rasga,* que animaram a minha figura, esoticamente.

Encontrara o fulcro a que d'ora ávante se apoiaria a esféra das minhas glorias.

Despí, emfim, com saudade, o lindo vestuario e, entrouxando-o cuidadosamente, desamarrei a caminho de casa, depois de haver desassimilado os *cassoquinhos*, o que foi como se me arrancassem um dente. Mas quem quer luxos, paga-os!

*

* *

Entrei em casa com a preciosa trouxa e encafuei-me no quarto, admirando os estonteantes atavíos até á óra de jantar, sem querer falar com pessoa alguma.

Os entes nervosos teem d'estas crises de isterismo aniquilante, que os levam a isolar-se, n'um delirio de solidão.

A' óra de jantar, porém, tomei logar á mesa, fresca, bem disposta e alegre, falando alto e rindo por qualquer coisa, com um fragor que espicaçava as minhas companheiras de pensão.

Eu estava anciosa por que viesse á baila o assunto baile, para poder meter uma colherada de arromba.

Efetivamente, a meio do jantar, levan-

tou-se a discussão sobre os vestuarios projetádos.

Eu esperava, com impaciencia, o momento oportuno.

Este chegou, quando uma das pensionistas, deitando-me um olhar intencional, disse:

— E' muito triste ficar em casa em noite de baile.

Eu percebi a ferroada e retorqui:

— Ai, é, na verdade, e eu lamento muito quem tem essa infelicidade.

— Então lamenta-te a ti mesma, tornou a minha interlocutora.

— Enganas-te, minha menina, porque hei de ir ao baile.

— *Anhonhe?* perguntou uma alta, esgrouviada, a quem chamavam o *Pau de Fileira.*

— A' Trindade, respondi eu enxofrada, tenho tanto direito como vocês.

— Então, meninas... interveiu, conciliadora, D. Lola.

— A senhora não vê que estão sempre a *esfrangulhar-me,* respondi eu, picada.

— Deixem lá isso, tornou a óspedeira, n'um tom autoritario.

O *Pau de fileira,* porém, voltou á carga:

— Queres ir ao baile? E fato?

—Fato? interroguei eu prometedora, espera aí, e larguei-me a correr em busca do meu pacóte.

—Olha, aqui o tens e, disendo isto, desdobrava triunfantemente o embrulho e esibia perante aquela assembleia invejosa o mimoso trajo de odalísca que alugára por quatro mil réis.

Escuso de pintar o efeito que o meu gesto arrancou; apenas posso dar uma ideia dos sentimentos geraes, se disser ao leitor que, d'aí a pouco, todas as anteriores maldisentes se declaravam minhas amigas e se ofereceram para me acompanhar ao baile.

Desgraçado mundo! Muito tendes...

*

* *

A' uma óra da noite, bem vestida, elegantemente calçada, em sapatos que disfarçavam as minhas protuberancias pedaes, melhor do que a mascara disfarçava a minha conhecida personalidade, perfumada, esbelta, linda, emfim, eu dava entrada soléne no deslumbrante baile de mascaras da Trindade.

A minha entrada fês sensação e d'entre

a multidão dos valsistas logo se destacaram alguns cavalheiros que vieram oferecer-me o braço e os seus serviços.

Recusei, contrafasendo e aflautando o meu abituál metal de vóz, o que provocou o seguinte comentario d'um basbaque:

— Esta mascara tem uma vóz que parece a da preta do mexilhão!

— Pois sim, respondeu outro, mas é bem bonita a subir a escada!

As senhoras da minha categoria não estacionam no salão, a não ser por estravagancia; tomam logar na galeria e, escecionalmente, dançam na pequena sala que á mesma dá ingresso.

Dirigimo-nos, pois, para aí e apressámo-nos a tomar posse das cadeiras que se encontravam devoluto.

Depois de bem instalada, circumvaguei um olhar pelo vasto salão e confesso que os meus olhos, já então afeitos aos esplendores das salas de baile, ficaram, todavía, maravilhados.

Ao fundo, no pequeno teatro, uma fanfarra ruidosa triturava, garrulamente, nos latões os compassos de uma valsa estonteante.

Em baixo, os pares rodopiavam, estreitamente enlaçádos, n'um fervor em que

se presentia o palpitar fórte das carnes, emquanto para as galerias se evolava o perfume capitoso que se desprende das multidões animadas pelo fremito sagrado do Desejo.

E eu, do meu logar, via prepassar, como n'um animatografo gigantesco, toda essa farandola das caras conhecidas, que constituiam a boémia de então.

Agora surgia o Silverio, grande frequentador de bailes, com a tês avermelhada pelos cruseiros do Club Naval, e o bigode de aseviche em fórma de arrebitado croque de atracação, o rosto escorrendo em suór, acostado ao seu par, a Maria de Lourdes, espinafrada, magra, de rosto anguloso e olhos ardentes, a rebrilharem por baixo dos *bandós* e a denunciarem um calvario de vicios.

Depois passava o Augusto Chaves, valsando com a Candida Camareira, fadista formosissima, que abrangia a sala n'um olhar desdenhoso de quem vale e sabe o que vale, com os caracoes empastados na testa e a boca contraída n'um *rictus* de confiança no *seu ómem.*

Em seguida, n'um turbilhão que abría clareira, com as pernas apertadas em esticada calça de parafuso, redemoinhava o

Carlos Lépes, esecutando curvêtas fantasticas, n'uma verdadeira patinagem de salão, que o guindava á categoria de primeiro bailarino, arrastando o par que o secundava, á maravilha.

Era este a Lidia, bonita sem ser formosa, cuja fisionomia estranha e picante interessava, vestindo bem o corpo esbelto e calçando com gosto, em botinas de salto apionado que a faziam assemelhar a uma cabrita saltitante.

Ventoinhava, empós, o Silva Passarinho, poeta e jornalista de pulso, mas que fraquejaria na dança se lhe não amparasse o corpo franzino o braço vigoroso da Marianinha Pirralha, sua amante oficial e oficiosa, que o rebocava aos sacões, aeroplanando com as abas da rabona, que se sentia tristemente deslocada entre aquela multidão, que envergava o jaquetão nivelador.

Na orbita do baile seguia o João Caldelas, sarrabulhoso e simpatico, esecutando passos de dança, lateraes, certos e automaticos, e tomando delicadamente a cintura da Palmira Boemia com o lenço, que esercia as funções de guarda-mão.

De repente, a cena agita-se, os bailados interrompem-se e surge uma *zaragata.*

O Brito Cacinha acaba de receber uma tremenda bofetada, cujo estampido deixa a perder de vista as pancadas do bombo, e lhe foi ministrada pelo Emanuel des Champs. Amigos comuns interpõem-se procurando afastal-os.

O Cacinha com a cara n'um bôlo, que o traumatismo insufla n'um momento, socega-os com gesto tranquilisador e procurando abrir caminho para o adversario, berra magnanimo:

—Deixem, deixem, que uma já o *gajo* lá tem!

Pasmei do descôco, mas já o chefe de policia intervem, fazendo espulsar os discolos e o baile retoma o seu curso regular.

A valsa foi agora substituida por um maxixe estridente, que desconjunta os pares n'um *quebrar* funambulesco. Alguns andam com os joelhos de rastos, nas esigencias da dança, caprichosa e tropical. E' o preito da civilisação aos esgares do ómem primitivo.

Eu não acredito que os nossos simpaticos irmãos cariocas se contorcionem de aquele modo nos alacres clubs carnavalescos do Rio!

Mas... é esta a moda de cá.

Admiremol-a e passemos adeante.

Entre a guarda avançada dos maxixeiros, adianta-se o Henrique Calvo, átor de um dos nossos primeiros teatros, simpatico e insinuante, de polainas claras e *veston* alvadio, sorridente, bailando com denguice, a cabeça calva encostada ao penteado *Tanagras* da Micas Gouveia, a qual, emquanto coleia, lhe namora os grossos aneis, empedrados no Brasil. Sucede-se um por que concita os comentarios, na passagem—a *Traga Batallones*, vestida de ómem, agarrada á Elvira Galega, n'um escandalo de maneiras que estimúla largamente o sexo fórte e invejoso.

E os pares rodam, sem cessar n'um delirio que se diria o cumprimento d'uma condenação.

Os que não dançam agrupam-se com os seus amigos, em nucleos trocistas.

Ladeado pelo inseparavel Fernandes jornalista, lá está o Mota procurador *in herbis* que, parodiando o antigo mestre sala Justino Soares, dís, em ar de escárneo, para os pares que volteiam: — Picadinho, meus amores, picadinho!

Em volta da sala, saltitando de grupo em grupo, tendo sempre uma *blague* para pôr em prática, ou um *truc* clownesco, o Edgardier, cultôr, entre nós, do velho

espirito gaulês, empulhava os pares, que se riam, das suas escentricidades simpáticas.

N'este momento, imitava ele uma d'essas rodas de fogo de artificio, que começam por um grande estampido e projétam em seguida uma nuvem de dragões fugidíos, que vão, assobiando, perder-se no espaço.

E a sala, toda, seguia interessada as evoluções, rebentando de riso pela gracinha, que o moço esturdio transformava, rapidamente, n'um acidente, genero Valbuena, para apreciar cavilosamente *in manu* os encantos das damas que lhe ficavam ao alcance.

A meio da noite dá entrada na sala um sujeito de cabelo grisalho, quasi branco e de bigode negro, vestido á *marialva*, com os dedos carregados de aneis de prêço e uma grande ferradura de brilhantes a morder-lhe a seda vermelha da gravata. O olhar é baço e mortiço e de vês em quando emite sons roucos que põem em movimento o queixo articulado, de titere e mostram a dentadura, saliente, de prognata.

Por entre a algaravía que se atropéla ao sair-lhe do labio descaído, advinha-se, mais do que se percebe, a espressão muitas veses repetida a proposito de tudo:

—Parece o cavalo do Vitorino!

E' o Tété, grande ricasso, cuja unica aspiração é ser considerado a primeira mão de rédea de Lisboa e que possue equipagens celebres na capital.

Vem acompanhado por dois ou tres rapasinhos muito novos e bonitos, que são como que a sua guarda de corpo e por D. Pedro d'Avila, o erdeiro d'um dos maiores nomes da nossa gafada fidalguia, que tem n'ele um esemplar de degenerescencia, revelada n'um rosto de garôto da rua, que parece feito de trapos arrebanhados, ao acaso, nos barris do lixo.

O Tété está muito pingado e n'uma ancia ferós de esibicionismo procura por todos os modos armar barulho, no que é secundado pelo Avila, emerito para os provocar, mas célere para a escapada, quando as coisas aquecem. Toda a gente, porém, conhece o Tété e por isso não lhe fasem o gostinho, limitando-se a encolher os ombros como sóe praticar-se perante os disturbios d'um irresponsavel.

Os pares continuam volteando ao som d'um *pas de quatre.*

E o desfile continua, ora lento, ora agitado, mas sempre semelhante.

Agora é o Salvinha, da Aduana, gôrdo,

roliço, o bigode loiro, á Kaiser, que vem gastar nos bailes, com as pécoras, o dinheiro adquirido, penosamente, em conciliabulos intimos com o Moreira Carvalhão, tambem empregado na Aduana e grande admirador de efébos bem metidos em carnes. Dança com a Leonor corîsta, cuja escrecencia sedatíva vale uma fortuna no Brasil.

E depois continua a estensa ronda, cujas ultimas personagens se diluem, como n'uma perspétiva.

E veem então as creaturas secundarias, que aparecem nos bailes, a denunciar a decadencia irremediavel: a Catalina, notavel no seu tempo, por ter rebentado quarenta contos n'um ano a um janota que lamenta oje a falta d'esse dinheiro, loucamente esbanjado; a Montrésor, que ainda defende, com sucesso, a sua decrepitude; a Angela Damasceno por alcunha a *Macaca*, assim apodada pelas suas visagens simiescas; a Branca Maluca, megalomana e insignificante; a Libania, que serviu de modelo á Verdade, da estatua do grande Eça; a Daria e a Amadora, duas irmãs espanholas, que Lisboa inteira admirou; D. Florinda, a *Barbuda*, aproveitando a embriaguês dos bailes para pro-

mover o recrutamento da sua escravatura de carne branca; e finalmente a Barbara dos Trapos, sempre em cabelo como uma genovesa, para esibir o brilho do seu penteado monumental.

E como figuras episodicas a eclipsarem-se na cauda da farandola que se esbate, vista á distancia de uns anos, os dóminós alugados a corôa e as pastorinhas de tacão cambado e *peacóck* nas faces.

Como isso vae longe e parece-me que foi outro dia!

*
* *

Em cima, no pequeno salão atinente á galeria e reservado á aristocracía dos bailes, que podia esportular a cédula suplementar de dois tostões, dançava-se com não menor animação e a intriga amorosa urdia-se talvês com maior intensidade.

A sociedade aí era, como é obvio, mais escolhida e melhor ataviáda.

Lá andava a Ciciliona, espanhola de avantajadas proporções que lembrava um granadeiro de Napoleão, possuidora de uma têsfresca e córada que desafiava ao beijo, trasendo pendurado, na valsa

doidejante o Sereno, que usava a taboleta de seu amante, e cuja figura minuscula transportada pela virago dava a impressão de a vermos dançar com a sombrinha; o Guilherme Canto, administrador de uma casa rica, ensaiava-se, por entre as damas, no cultivo da lingua de Canalejas, que ele julgava falar muito bem e oferecia dinheiro a todas as senhoras, no gesto automático e magnânimo de arrancar a carteira das profundesas do bolso e de arremessal-a, transformada em cornucopia fertilisante, emquanto o sorriso, que pretendia tornar intelectualmente espressívo, lhe brincava na comissura do labio, donde pendia o bigode tombado, de velho chinês.

O Brito, *Cabeça de Vitela*, segredava ternas endeixas ao ouvido de uma das *Pescadinhas*, estreitamente vigiada pela tia, que, com a mão a servir-lhe de pala ao ôlho ingrato, não deixava de prescrutar o orisonte financeiro, na esperança de poder um dia alijár a mantilha de algodão preto e o capindó surrado pelo uso.

A outra a Elvira, transbordava o seio opulento sobre o peito do Fernandes jornalista, que nos intervalos de cada bailado, condusía a dama ao balcão do *bar*,

onde lhe cascavam com firmesa, no que eram, sempre, solicitamente acompanhados pelo Mota procurador, o qual em seguida disía enormidades ao ouvido das senhoras, que se sacudiam em risadinhas istericas e prometedoras.

A *Dentinho d'Ebano* suplicava, a um canto da sala:

—O' Mota, junta-te comigo!

E o Mota, escarninho:

—O' filha, não pósso, tenho agora tanto que faser...

A Mercedes do Bastos, sentada, com as saias muito arregaçadas, mostrando as pernas até ás ligas, afiava a lingua na critica impiedosa. E as suas *charges* espirituosas, de andalusa facêta, arrebatavam o Têves que a ouvia, enternecido e sorridente.

Eu dancei toda a noite, atenciosamente convidada, por essa mocidade louca e vibrátil, cuja energia, dispendida irreflétidamente nos praseres, me punha crispações de entusiasmo na espinha.

O calor apertava e a pelica dos meus sapatos brancos começava a tingir-se de uma mancha sombria que bem revelava que os meus maiusculos pés de africana saudavel não haviam estado inátivos.

De vês em quando um cavalheiro amavel e presto encaminhava-me para o *bar*, onde o meu gorgomilo sequioso e indigena suportava as mais rudes graduações alcoolicas, com galhardia tal que levou um dos consumidores a supôr que eu teria as guélas estanhádas.

O resultado de tantas e tão continuadas libações, a ebriedade do baile e a escitação da dança, começavam a produsir os seus efeitos: andava-me a cabeça á roda e as luses multiplicavam-se.

Mais uma vês me trouxeram para o bufete e n'esta disposição vi, confusamente, desenrolar-se a seguinte cena:

Um rapás alto e córado, muito conhecido em Lisboa, das tardes triumfaes de tourada em que usurpára a gloria aos mais notaveis bandarilheiros, assomou ao balcão, e pediu um capilé. Depois, emquanto o serviam, aproximou-se um outro, tambem notado pelo feitio desordeiro e ordenou que lhe trouxéssem um copo de vinho.

Satisfeito o seu desejo, tomou uns goles, reparando, n'essa ocasião no primeiro. Parece que entre eles esistia rixa velha, e que o que depois chegára tinha resolvido n'essa noite desforçar-se.

O que é certo é que chegando-se ao primeiro, levantou o braço e aplicou-lhe um tremendo bofetão, que lhe fês rolar o chapéu por terra.

Todos nós calculámos que se iriam empenhar em séria contenda, mas nada se passou como prevíramos.

O agressor n'uma atitude espectante aguardava o ataque do adversario. Este, porém, depois de uns momentos de preplexidade, parecia refletir. Por fim, tomando uma resolução, caminhou para o chapéu que caíra, apanhou-o e começou a limpal-o socegadamente com a manga, em guisa de escôva, emquanto se voltava para mim e para os meus companheiros, disendo:

—Os senhores viram? Bonita educação! Sim, senhores. Bonita educação!

Entretanto o provocador retomára tranquilamente o seu logar ao balcão, esgotou o copo, pagou e retirou-se devagar, sem que alguem o incomodasse. Esta cena divertiu-nos muito.

Em cima o ruído recrudescia e presentia-se que o baile deveria estar no auge da animação. Novamente retomámos o caminho do pequeno salão, emquanto o meu par me sussurava ao ouvido propos-

tas gentís, a que eu correspondia pela pressão suave do meu braço:

—Vamos cear ao Silva. Comeremos coisas boas; delicioso vinho de Colares, *mayonnaise* de lagosta, belos doces, café e licores, sobretudo muitos licores!

A minha natural gulodice esultava e emquanto êle ía desferindo aquele rosario de petisqueiras ía-lhe eu detalhando as feições:

Sobre o cabelo, que usava apartado ao meio, o que lhe dava o aspéto de traser á cabeça uma espinha de bacalhau, atirava o chapéu ás três pancadas, n'um gesto estroina. Os olhos vivos e brilhantes, o narís grosso e o bigode encrespado nas guias, segundo a moda de então. Como sinal caraterístico, usava n'uma das ilhargas do pescoço uma méchasinha de cabelo, que se retorcia galhardamente. Mas o que, sobretudo, me cativava era o olhar, aquele olhar que se aguçára na contemplação das cifras, em cujo complicado jogo adquirira a reputação de contabilista perito.

José Riacho era considerado um dos primeiros empregados bancarios de Lisboa.

Quando voltámos ao salão os seus amigos felicitaram-no, calorosamente, pela

conquista que fiséra, o que me envaideceu estremamente, levando-me a pendurar-me com confiança no seu robusto braço, vestido da lustrina profissional.

A concorrencia agora enfraquecia, adiantada a noite nas evoluções fatigantes do baile.

—Vamos? perguntou-me Riacho meigamente.

—Sim, meu amor, respondi eu fazendo boquinhas.

Um amigo de Riacho, o Gramont, muito gordo e pançúdo, disse então para o Emanuel des Champs:

—Então o *gajo* vae levar a saca de carvão?

—Que gracinha! retorqui eu, vexada.

Então eles riram, todos, muito. Começava eu a compreender que tinha muito espirito, sem nunca ter dado por isso.

Envolta na minha *sortie de bal* alvadía, deixámos o teatro para nos dirigirmos ao restaurante Silva, onde posso assegurar aos leitores que se passou um resto de noite delicioso, cumprindo Riacho como cavalheiro, o programa anunciado, e acompanhando-me a casa, com carinho que d'essa noite em deante lhe dava

o direito de titular-se como meu amante oficial.

Oh! a deliciosa noite!

*

* *

Entregue aos meus novos amores deixei passar, esquecida tres longos e aprasiveis dias, sem restituir a D. Luisa o fato que lhe alugára.

Só na manhã do quarto dia me recordei, sobresaltada, de que poderia n'aquele momento dever-lhe oito mil réis, além dos quatro que convencionára entregar-lhe. Era uma atrapalhação de todos os diabos! Recorrer ao meu José? Não era viavel; em primeiro logar porque me custava a vencer os meus escrupulos e em seguida porque nas estensas conversas que com ele tivera n'esses tres dias, apreendi que embora auferisse um bom ordenado, este escassamente lhe chegava para satisfaser a voracidade irresistivel do seu estomago de esquálo, tanto para solidos como para liquidos.

N'estes comenos, uma solução unica se me anteolhou: enviar-lhe o fato e o dinheiro pela creada, e ela lá que se arranjasse.

Foi o que fis. Em seguida dediquei-me ao grato serviço de escovar o fato do meu Riacho, que n'este momento ingorgitava um bule de chá frio, unico alimento que abitualmente tomava até ao jantar.

Quando a creada voltou, interroguei-a, pressurosa:

—Então ela estava muito zangada?

—*No, señora, e hasta me encargou de decirle, que se vaya usted por alli, que la quiere hablar.*

—Que me quererá a mulhersinha? perguntei eu aos meus botões.

O José a saîr e eu a voar ao 61 da rua de S. Roque.

D. Luisa recebeu-me muito bem, dando-me muitas provas de agrado e esplicou-me o desejo de me falar. Disse-me ela que não lhe escapára a minha esbeltesa, quando ali fôra ensaiar o fato de odalisca.

Essa qualidade junta ao meu trato delicado e distintas maneiras haviam-na cativado a ponto de me oferecer, para meu aposento, três magnificas salas da sua residencia, que na ocasião podia dispensar a troco de redusida retribuição, isto, é claro, por ser muito minha amiga.

A proposta sedusia-me, não só porque

me afastava da pensão onde estava alojada e da consequente promiscuidade com as minhas companheiras, cuja educação rudimentar não podia comprehender a elevação da minha alma, como tambem porque aqui poderia receber o meu José, sempre que ele o desejasse, sem ouvir as reprimendas da dona da casa, o que já me sucedera na rua das Gaveas.

Não precisei de refletir muito para me decidir e regulada a questão, secundaria, do preço, instalava-me, imediatamente, no numero 61 da rua ôje chamada do *Mundo*.

Essa modesta abitação, a qual, além dos tres compartimentos que me eram reservados, tinha a faculdade de percorrer, estacionando onde bem me parecesse, ia ser teatro de novos acontecimentos em que eu me veria envolvida para gloria e lustre da minha terra longinqua.

CAPITULO VI

Flôr de S. Roque — A orgía — Uma noite no "Y" — A Avenida — O Grande Midões

A mudança para esta casa parecia ter sido a minha *mascotte*. As aventuras galantes sucediam-se com fertilidade e proveito, em que já não escrupulisava, desde que as circumstancias economicas me haviam forçado a assentar praça no esquadrão volante das sacerdotisas de Venus Cytherêa.

Além d'isso o meu José Riacho conservava-me uma fidelidade relatíva, de que me orgulhava. Quando ás veses eu admirava o seu belo procedimento, respondia-me:

—Então, ando na *rexinxa* até de madrugada e depois venho *asilar* para aqui!

Caminhava, pois, tudo ótimamente, quando um dia recebi convite para uma ceia, que se devia realisar na *Flôr de S.*

Roque, promovida em minha onra, pela roda de literatos e boémios que frequentavam a casa.

A *Flôr de S. Roque* é um restaurante situado na rua do Mundo, modésto mas confortavel, onde costumavam cear os jornalistas do *Colosso* e do *Petardo*, as duas gasetas mais lidas da Capital.

Aos jornalistas juntavam-se os notivagos de bom gosto, para quem a ceia não é só o que se come, mas tambem e muito, o que se ouve. As raparigas da vida galante que ainda não haviam galgado o cume da notoriedade, caíam ali como moscas em assucareiro, atraídas pela *verve* endiabrada dos jornalistas e pela alegria esfusiante dos boémios.

De modo que a *Flôr de S. Roque*, sem ser um restaurante *chic*, reunía em torno das suas mesas mais gente de espirito do que todos os cafés de Lisboa, juntos.

Fiquei satisfeitissima com o convite, tanto mais que essa ceia representaría a consagração dos meus merecimentos, por parte de pessoas que tinham firmada reputação de bom gosto.

Aceitei. A festa estava marcada para a véspera do Natal, noite em que a tradição reune, carinhosamente, as familias

em torno da vasta mesa patriarcal. Nós celebrariamos o nascimento do grande moralista, n'uma ceia de restaurante sobre a qual, decerto, planaría um perfume de sedutôra imoralidade.

Convencionára-se que o jornalista Romano Rois me iría buscar ao teatro Avenida, para onde n'essa noite me haviam oferecido um camarote.

Efetivamente o simpatico moço cumpriu a promessa e terminado o espetáculo esperava-me á porta do teatro.

Seguimos a pé. A noite está bela, limpida, constelada de estrelas, o ar seco, a brisa fria. Um verdadeiro tempo de Natal. Nas ruas ha uma animação desacostumada. Vèem-se pessoas que só se encontram uma vês por ano, áquela óra: beatas velhas, aos pares ou em grupos que voltam da missa do Galo.

A noite para elas, nas ruas de Lisboa, cheira a inferno que tresanda. Parece que toda a gente tem vontade de festejar o Natal. Das egrejas, rebrilhando com a lús de mil cirios, com o perfume do incenso, sóbem os canticos mais ligeiros, mais nutrídos, mais perturbadores do que nunca, para a abóbada asul.

O Menino recemnascido, estendido no

presépio, entrega-se á umanidade, alegre' ávido de sacrificio, com os braços prematuramente em crús,—e parece que a mulher, n'essa noite, tomada da febre de generosidade que enche a atmosféra, é mais terna e os seus beijos menos falsos! O Natal é para todos, a verdadeira noite de amôr!

De braço dado, chegámos á *Flôr*.

O restaurante está todo iluminado, mas tem as portas que deitam para a rua, fechadas. Fasemos a entrada pela porta lateral. A nossa aparição é saudada por palmas e vivas. Os convivas estão todos. As mesas foram aproximadas e sobre elas estendida alva toalha, em cuja brancura se destacam, como manchas policrômas, as flôres que pendem das jarras bojudas.

Ao balcão o gordo Camilo pontifica, dando ordens aos dois creados, galegos como o patrão—o Ivencio e o Benigno—que esperam o momento dos convidados se sentarem para entrarem, decididamente, em funções.

E' grande a assistencia. Da redação do *Colosso*, estavam: o Hipocrates, gasetilheiro celebre, de estatura eleváda, grande cabeleira e rosto descorádo, onde vegéta uma barbicha tenás; o Luís Capêto, chefe

da redação, muito corréto no seu *frac* bem talhado, de rosto fresco, mas cabelo grisalho; o Jorge Abel, cuja agudesa intelectual era notavel, surpreendendo sempre o que se pretendia esprimir antes de terminada a frase, e cujo estrabismo simpático despía, impiedosamente, as mulheres; o Carlos Claro, muito pequenino, vestindo sempre com esmero e atirando o dinheiro pelas janelas com a mesma facilidade com que esbanjava o espirito; o Fidalgo Martires, que imitava a linguagem da ralé com fidelidade inescedivel e produsía reportagens sensacionaes; o Vidal, campeão atleta e cronista sportivo; o José Cordeiro que, de face rapada e monóculo permanente, lembrava lord Chamberlain; e o Germano Naves, de perfil japonês, e tendencias alemãs, desde que estivéra seis anos em Berlim, a formar-se em medicina.

A redação do *Petardo* fasia-se representar pelo Fernandes, que no jornal desempenhava as funções de jornalista politico, acomulando-as com as de guitarrista, baixo, de olhos verdes, onde perpassava a chama do desejo, sempre que via femea pequenina; e pelo Romano Roís, em cuja face glabra serpenteava o buço mal im-

plantado e faiscávam uns oculos, que traíam no olhar inquieto e fugidío a ancia, mal represada, de celebridade.

Entre a seléta assistencia contava-se tambem o Mota procurador, alto, magro, narís grosso, olhos pequenos e vivos, impiedosamente mordás com as damas que o temiam como a sarna e dispondo d'uma imaginação fértil que fabricava os mais estranhos paradoxos; e o Enriques, por alcunha o *Velha-Guarda*, que nunca começava uma istoria sem dizer: — Aqui ha anos... ou, eu antigamente...

Isto pelo que toca aos ómens; quanto ás damas, alem de mim, tinham aparecido: a Lucinda tg tg, a Rosa Mentirosa, a Ermelinda, a Marianinha Pirralha, a Leonôr corísta, a Fátima, a Algramassa, a Laura Ouc e a Nazaret.

Verificada a comparencia de todos, deu-se começo á ceia, sentando-se cada um segundo as suas simpatias. Desde o principio que a Rosa Mentirosa não deixa de coxixar debruçada sobre o ombro do Jorge Abel.

Que palões lhe estará impingindo!

Noto que a Lucinda fás a côrte com firmesa ao Carlos Claro, porque lhe insinuaram que ele é generoso e ela não perde nunca o seu tempo.

Os vinhos começam a circular e põem nos copos chamas de purpura e reflexos de topasio.

As conversas aquecem. A Leonôr corísta—que contra os seus ábitos está esta noite muito escitada préga uma bolacha no Henriques porque este lhe conta ao ouvido uma istoria muito fresca, que ela, de resto, se apressa a repetir de rijo. O pequeno Claro já não está á mesa, desapareceu para debaixo d'ela: é a piéla mórna e silenciosa, a piéla á inglesa.

Ora toma! cá temos nós a Leonor no cólo do Enriques. Ha pouco embirrava com ele. Observam-lho; então ela esplica:

—Ora, uma vês não são veses e demais, se eu dormisse só na noite de Natal era uma *galinha* p'ra todo o ano!

O Vidal fasia olhos ternos para a Laura Ouc, emquanto a Pirralha se obstinava em lançar o busto para cima do Mota procurador.

Mas quem será que me está a pisar os pés?

Esta agora! é o sapato do Romano. E eu que não reparava n'ele julgando-o todo entregue á Algramassa! Pensando bem, talvês a coisa tivesse sua graça. Ele é feiosito, mas para uma preta...

A linguagem dos pés vae-se definindo:

—Dá-me um pouco d'atenção!

—Não me desagradas.

—Bem vês que me aborreço com a Algramassa.

—Como eu te compreendo! Achas-me bonita?

—Divina.

—Agrado-te?

—Não o lês nos meus olhos?!

—Tambem gósto de ti.

—Então?

—Queres?

—Porque não?

Ruído tempestoso. Ha cadeiras tombadas e pratos partidos. O Vidal está *agoniado*. E' preciso tiral-o da mesa e isso não se fás sem esforço nem dificuldade para os que se empregam n'essa tarefa intempestiva.

Durante esse tempo a Leonôr, completamente embriagada, agarra-se ao bigode do Benigno.

—Tu é que és o meu! Tu é que és o meu, digo-t'o eu!

E como o creado, corréto, procura soltar-se, ela raivosa:

—Ah! tu não queres ser o meu?

Bumba!

Com a bolacha de ha pouco, já são duas. Ah! ela tem a mão ligeira—e pesada, ligeira á partida e pesada á chegada—a inefavel Leonor.

De pé sobre uma mesa, o Germano Naves, com grandes gestos, fás sinal de que vae falar.

Obtém um silencio relativo, mas d'aquela boca, que se desarticula em vão, não sae som algum.

—Larga o ómem!

—Larga o ómem!

—Larga o ómem!

Entoam todos em côro, ritmando a musica com o cabo das facas, o que se torna o ponto de partida d'uma bacanal desenfreada.

Sós, o Romano Roís e eu, ficámos silenciosos e calmos. Com os cotovelos sobre a mesa, observamo-nos maliciosamente. Oh! como ele cóme os figos, o Romano! Tendo pegado n'um, abre-o e passeia os labios sobre a polpa sangrenta do fruto.

E' perturbante e perturba-me até á medula. Para lhe responder, tómo uma banana e como-a *em sua intenção*. Soltámos simultaneamente uma risáda bréve, logo abafada. E' o que se chama assegurarmo-

nos, de antemão, das nossas reciprocas capacidades.

Emquanto brincâmos assim, os outros despiram completamente o Vidal, cuja embriaguês está no paroxismo. Completamente nú, estenderam-no sobre a mesa e fingem a *lição de anatomia*, de Rembrandt e outras brincadeiras escabrosas.

Romano encolheu os ombros.

Fernandes empunhou a guitarra.

Sob a caricia envolvente do fado choradinho, que o dr. Felix não póde matar, melodia embaladora, a embriaguês geral apasigúa-se de pronto e abranda voluptuosamente. Os páres formam-se, definitivos. A Leonôr, que decididamente abandonou o Enriques, está agora nos braços do Mota.

A Ermelinda apoia a cabeça, sonhadora, no ombro do Fernandes.

A Fátima, muito nova ainda, com os seios minusculos saltando fóra do espartilho, enérva-se com uma indecencia ingenua no cólo do Ipocrates e pendura-se dos labios d'ele, como a cabrita do arbusto enflorado onde pasce.

Os sonhos esboçam-se nas imaginações superescitadas, os belos sonhos côr de rosa, e esvoáçam. Dir-se-hia que os olhos,

estasiados, os seguem em fuga no infinito do vago.

E o tempo vôa, ligeiro, sobre as asas armoniosas de ritmos fugitívos.

As notas da guitarra, pouco a pouco espaçam-se, caem como no vacuo, longamente vibrantes, e morrem. Silenciosamente, a sala esvasía-se. A dois e dois vão-se os amorosos da bela noite de Natal. Vão-se e nós ficámos sós, Romano e eu. Está sentado ao meu lado e as mãos d'ele escaldam nas minhas; a cabeça repousa sobre o meu peito, pendido como sobre a áste a flôr, cançada, ao findar o dia.

—Fernanda! ... murmura ele.

Dou-lhe os meus labios—; os corpos róçam; através da fazenda as palpitações dos nossos corações confundem-se... emquanto o velho relogio, indiscréta testemunha, sôa alegremente, com a sua vóz maliciosa, a óra do praser!

Amôr!... Amôr!...

*

* *

Uma noite levaram-me ao *Y*. Sob a designação da modesta letra, uma das derradeiras do alfabeto, ocultava-se o club carnavalesco mais antigo de Lisboa. Os clubs carnavalescos da capital só pódem pretender esta classificação, por viverem n'um perpétuo carnaval e não por se dedicarem, como os do Rio de Janeiro, á preparação das festas e mascaradas que se efetuam no Entrudo.

O *Y* estava instalado na rua da Barroca e entre os seus socios, em numero restrito, encontravam-se individuos pertencentes ás classes elevadas da sociedade.

Pela uma óra da noite dava ali a minha entrada, que foi saudada por grande algasarra, emquanto o Luís Ferreira tocava ao piano, com furor, um *rasga* monumental, que me não estimulou, por eu o considerar como uma ómenagem que me era prestada—o meu ino. Passadas as primeiras efusões que a minha presença provocára, tomei umilde logar a um canto da sala, para observar o que me cercava.

O salão não era grande, mas estava de-

corado com gôsto. Em toda a volta um lambri de côr sombria, a que encostavam numerosas cadeiras. No tópo, entre duas janelas, o piano e sobre o lambri, muitos quadros emoldurando as caricaturas dos socios.

As portas e janélas eram enfeitadas com sanéfas de veludo vermelho. Ao lado ficava a casa de jantar, com uma decoração semelhante á da sala, diferençando-se apenas pelos quadros que ornávam as paredes e pela mobilia, apropriada. Seguiam-se outras salas de proporções mais acanhadas, o *fumoir* e a cosinha.

A porta da entrada era mascarada por um guarda vento vidrado, ao pé do qual n'uma noite celebre se colocára completamente nu, um mulato, oficial do esercito, que se alugára para fazer de estátua, empunhando um candelabro.

Esta loucura espalhou-se e rendeu-lhe a refórma, cominada pela junta moral.

O presidente do Club, o simpatico Filipe, cumulava-me de finesas, sempre amavel com as damas. Uma coisa notei, que me esplicou a fama lisongeira de que o Club gosava, entre a gente que se diverte: os socios na sua maioria eram sugeitos de meia idade, tendo portanto adquirido,

n'uma longa e bem preenchida esistencia, o *savoir faire*, no trato com as senhoras, que os distinguia dos jovens inesperientes que constituiam a população dos outros clubs. Lá estava o velho Anes, que dividia o seu tempo na triplice ocupação de dormitar n'uma secretaria d'Estado, de jogar o *bridge* e dedicar-se a uma constante companheira, que nem sempre era a mesma, e de quem esigia grande respeito, aparente, pelo papá de ocasião.

Encostado ao alísar da porta o banqueiro Carvalhão soltava grossas inconveniencias ás senhoras que lhe passavam ao alcance, mas com uns modos corretíssimos e o cabelo muito bem penteado, enovelando-se n'uma pastinha sobre a tésta. N'um grupo o Mela do *Colosso*, fazia jogos floraes com a *madame* Pernod que o não podia suportar, mas que lhe temia a lingua desembaraçada.

D'uma vês, a Pernod, ao findar a ceia, dando-se ares, disse para o jornalista:

—O' Mela manda-me buscar uma carruagem!

Então ele, repentista:

—De colunas?

D'ahi a pouco, sentia-se na rua o rodar

pesado d'um veículo. Meia corre á janela e informa *madame*:

—Ai está a carruagem!

Madame Pernod debruça-se na sacada e olha: era a carroça do lixo.

Está tambem o Raul S. Marinho, envergando a jaleca com que o comboio o trás das propriedades, ao sabado. N'este momento joga a sardinha com a Maria, viuva, nova e bonita cuja predileção pelo lavrador lhe grangeou a designação de *Viuva do Raul S. Marinho.*

No vão d'uma porta o Frederico Mealhada, alto, espadaúdo, com a face crestada por uma mancha escura que lhe desfigura metade do rosto, flagéla as damas proferindo enormidades, de que elas se riem a bandeiras despregadas. A uma que se aproxima, toma-a pela mão e estasia-se perante o braço roliço e branco, que a manga curta deixa a descoberto. Então dís-lhe trocista:

—Ai que braço mais *rico!* Este é que é o *Braço de Prata?*

Nos intervalos da cavaqueira, dança-se e nos intervalos da dança cavaqueia-se. O dr. Centeio, passa a noite apodando o presidente de *velhote,* mas este para o desmentir vinga-se em dançar continuada-

mente, demonstrando um vigôr que o outro invéja.

Um sujeito da minha côr, a quem ouvia chamar *Chico,* entra com uma espanhola, alta e formosa — a Adelaide do Chico, — e logo se organisa uma quadrilha, que o *maestro* pianolisa com vigor, comandada pelo Luís Ferreira, que baila com a sua *Delirante,* inventando marcas sensasionaes.

No meu logar, converso agradavelmente com o dr. Centeio que, visivelmente, intenta a minha conquista. Já me fês dançar duas vêses e obrigou-me a prometer-lhe que, á ceia, ficaria ao pé d'ele, á mêsa.

Não sei que flúido magnético tenho comigo, mas a verdade é que não vou a parte alguma que não faça paixões.

O dr. Centeio sussurrava-me palávras ternas, a que eu correspondia animadoramente e confiado, aflorava com a sua, a pôlpa carnuda da minha perna, envolta, para a solenidade em brilhante vestido de sêda malva.

As figuras da quadrilha sucediam-se ás ordens enérgicas do Luís Ferreira, que berrava: — Todos ao centro, em ar de conspiradores! E os pares avançavam

para o meio da sala, levantando muito as pernas, emquanto ele ritmava o bailado, em gritos bréves e simuladamente abafados. — Ah! Ah! Ah!

As ultimas marcas perdiam-se n'uma casquinada de risos e n'esta ocasião o presidente, assomando á porta da sala de jantar disse: — Meninos, está a ceia na mêsa! Então foi a debandada geral e transposta a breve distancia, agrupámonos em torno da mêsa, onde eu, á minha parte, fiz uma devastação de mil demonios. Sempre tive um estomago vorás e no *Y* comia-se muito bem.

Emquanto ceávamos não parava o tiroteio de ditos. Entre o Mela e o Mealhada travara-se um verdadeiro duelo de espirito, cujos bótes eram recebidos á gargalhada pelos comensaes. Não posso reprodusil-os aqui. A minha memoria, á distancia de uns anos, fraqueja por vêses, mas posso assegurar aos leitores que ali havia *piada* e da bôa.

A certa altura o Mendanha dos pós, baixo e reforçado, disia para uma Carmen qualquer, em voz atenorada, que contrastava singularmente com o largo arcaboiço: — *Anda, vamos a cenar*. Ao que o Luís Ferreira, comentava em ar de

troça, prevenindo-a. — Olha, não vás com ele, que tem *vóz de pipia!...*

Ri muito e diverti-me a valer conservando esta recordação entre as mais apreciaveis da minha vida.

A noitada terminou, já dia claro.

O dr. Centeio, que por força me quís acompanhar a casa não consentiu que eu martirisasse as saliencias dos pés nas pedras da calçada e mandou buscar um trem para me fazer transpôr o curto espaço que me separava da minha abitação.

Em paga de tanta delicadêsa, que deveria fazer? Mandál-o embora? Ah! nunca eu me arrependa. Convidei-o a entrar e o maroto obedeceu, o que era a demonstração de ser pessoa de bom gosto.

Emquanto subía a escada um pensamento surgiu ao meu espirito: — Mais um p'rá enxovía!

E assim terminou aquela noite memoravel.

*

* *

No domingo seguinte fui passear á Avenída. Desde manhã cêdo preparava-me para aquela diversão, que eu muito apre-

ciava, porque aparecer na larga artéria, equivalía a enfileirar na grande paráda em que aos domingos fulgurava tudo o que Lisbôa possuía de elegante e de distinto.

Esse passeio, porém, não se podía repetir com frequencia, porque saía muito dispendioso, principalmente para mim, pois não me consentia o orgulho, apresentar-me duas vêses com o mesmo vestido e o mesmo chapéu. Depois vinha a despêsa da carruagem avolumar a carestia, sem falar na gorgeta ao cocheiro e no lanche no *Bijou*, que dava tom, mas era caro porque eu atafulhava-me ali de bolos e de vinho do Porto.

N'esse dia, porém, sentia-me abilitada em virtude das generosidades do meu ultimo brasileiro, que se desentranhára em notas do banco, como compensação do esforço penoso sofrido em caricias intimas e reversiveis...

A's três oras da tarde parava á minha porta, na rua larga de S. Roque, um *mylord* da Companhia, onde me instalei, de sociedade com a minha diléta amiga Fátima, depois de haver correspondido á saudação do cocheiro, que respeitosamente baixára até o joelho o chapéu alto de cópa mordida pelo *cocard*.

Ainda não disse que esta Fátima era uma das minhas fraquesas.

Muito nova, bonita, com uns olhos coruscantes, despertára-me um sentimento de atráção a que eu não podia resistir e tradusia o meu carinho para com ela em contínuas amabilidades, que íam desde o fornecimento de vestuarios farramalhudos até aos jantarinhos isoládos nos gabinetes escusos dos restaurantes. Levava mesmo tão longe a minha amisade pela pequena, que a aposentei em casa e apresentava-a a todas as minhas relações como filha, o que, de resto, ninguem acreditava pelo contraste violento das nossas péles.

O trem seguiu Chiado abaixo e a nossa passagem provocava um murmurio lisongeiro dos passeantes. O meu chapéu, largamente empenachado por uma *pleurese* branca, dava nas vistas a ponto de, quando passámos pela *Estrela Polar*, o Mota procurador, diser: — Bravo! parece o capacete do general da divisão!

Ao entrármos no Rocio, os transeuntes, por muito apressados que fôssem, detínham-se um momento para nos verem passar. Quando nos aproximámos da Avenida, notei que não era ainda a óra da animação e, para aproveitar a tarde amenissi-

ma, mandei bater para o Campo Grande, que n'essa ocasião devia estar concorridissimo.

Não me enganára. Pela rua destinada aos cavaleiros, seguiam em direção ao lago grupos de equitadores. Outros, isolados, *uniam* os cavalos com maestria, concentrando-os sábiamente, para *virem para a mão*, facilitando assim a direção que os donos lhes queriam imprimir. A par d'estes, porém, quantos outros revelavam nos menores indicios o seu desconhecimento da arte de Marialva!

Na larga rua central as carruagens corriam com fragôr, transportando aquela população ávida de praseres e de exibicionismo, apressando-se para gosar a suavidade do ambiente, lá ao fundo onde começa o desfile lento em que as equipagens se crusam, em verdadeira revista, que lembra uma batalha de flores, sem flores. E aí começa a exposição de caras conhecidas: o Sebastião e a Sebastiôa, anafados, oleosos e insolentes, ela vermelhusca e vulgar, ele, enfadado, mostrando no rosto, onde a pêra lhe dá um ar de comendador de torna-viagem, o desgosto de não esmagar esta sociedade pelintra e irreverente com o peso dos seus milhões;

a Maria Luísa de Colares, com os grossos brincos de safiras e brilhantes, invariavelmente vestida de branco, ocultando sob a larga aba do chapéu as primeiras rugas que veem recordar-lhe, implacaveis, que ser não é o mesmo que ter sido; o Tété, no seu *phaeton* puxado a quatro, disputando aos cocheiros de praça a gloria e o titulo de primeira mão-de-rédea; o Galgado, no seu *tonneau*, que nos dá a impressão de o ver metido n'uma das célhas em que o pae tinge as chitas, na fabrica de Alcantara; o Romarís, a cavalo, com os dois filhos, em grandes orças inglesas, com o ar *cavalier* de couraceiro á paisana; o Bregeiro, já antigo mas ainda com ar de rapasinho em rasão do buço raquitico, montado n'um *hunter* que traz as mãos entrapadas de vermelho, o que fás supôr ser um cavalo bem educado que usa peúgas; a Carlotinha, a quem a nutrição começava a prejudicar, sósinha n'uma *vitoria*, a perna traçada galhardamente, deixando ver o sapato de tacão alto á Luís XV e um palmo de bom tornoselo; o Estroncio, com os grandes bigodes encrespados ferósmente, sobre uma boca de creança inocente e loura, n'um cavalo andalús, de grandes braços, bem

movido, sobre o qual lhe é dificil manter a linha aprumada, preconisada por Boucher; a Yvonne de *mylord*, com um grande chapéu *à incroyable*, que lhe avulta o fulgor sombrio do olhar, no qual se reflete uma chama irradiante, de vicio; a Palmira Boémia, tambem de trem, de monóculo e colarinho, como as feministas, agitando uma ligeira *badine* de castão de prata e usando chapéu á Mazzantini, como os ómens; o Laura, vendedor crónico de predios, de automovel, com a senhora que vestia luxuosamente, parecendo que ía acompanhada pelo creado; o Frasão, estropiado, manobrando afanosamente os manipulos do seu *Water-closet* automovel; o Janelas, comprimindo nas pernas rijas os flancos do seu antigo cavalo-praça da guarda municipal; n'um automovel taximetro, a Zulmira e a Vitória, coristas, armadas em estrelas manhosas, falhas de talento e abundantes de dinheiro, estadeando ao sol a sua amisade inconfessavel; a Edith Mercês, amante do Romano Roís e do publico, com a tês caparosada pelo abuso da *maquillage*; o Chaby e a menina, arrombando, semanalmente, o *mylord*, da atrís Angela Pinto; o Amando Encrespado, perseguindo na motocicleta

a tipoia fugitiva da Leonor Faria; o José Cavalinho, na *charrete*, exibindo triunfantemente as rosetas das faces e as dos espelhos da cabeçada; o Virgilio Posta, em luta com o cavalo, de pão doce, que já uma vez o desfeiteára, raspando-se no Campo Grande e fazendo-o voltar a pé para casa; o Ricardo Silvano, a quem aconselharam que arejasse a *queixa do peito*, de *charrete*, espicaçando a garupa do cavalo com o seu narís de arára; o Ferreira Ribaldeira, de tipoia, com o ar preocupado de quem vae p'rás lebres ou vem das lebres. E o desfile continúa, lento, monótono, interminavel, lembrando uma correia sem fim, descortinando-se por veses o bocejo dos passeantes, que adormecem, quasi, nas carruagens, que se enfileiram sob as ordens da policia, superiormente dirigida pela pêra branca e pacifica do comissario Teixeira.

Mas, se eu conheço ali muita gente, pouca me conhece, a mim, e por isso espéro anciosa o momento da debandada para a Avenida, vasto campo onde, entre os peões, vou atraír largos cumprimentos que, se por um lado me desarticulam o pescoço, por outro enchem a minha alma de vaidade por pensar

quanto sou apreciada pela sociedade citadina.

Efetivamente, em dado momento, como ao sinal de uma vara de condão, estabelece-se o esodo, em estensa fila, os automoveis empestando o ar, os cavalos dos trens esgalgando os pescoços, n'aquela corrida vertiginosa que parece a esecução voluntaria de uma sentença ou a fuga, irrefletida, a temeroso perigo.

E, afinal, não será assim?

Toda essa gente foge, apavorada e louca de terror, ao tédio, esse inimigo figadal e irreconciliavel da felicidade, cumprindo os ditámes de toda a materia organisada que, instintivamente, busca o praser.

Uma vês na Avenida, muda a decoração, mas o espetáculo é, sensivelmente, o mesmo, aparte o arrastar das duas fileiras umanas que se deslocam viscosamente pelos talhões lateraes, na ancia de serem vistas e de verem. No fim de contas o quê? A mesma *fita* de sempre, esse desfile sensaborão e conhecido, que já não desperta novas sensações, por lhe estar fixado de antemão o programa. E, para os que se mostram nas equipagens, não ha tambem sombra de inesperado, pois sabem todos muito bem que vão encontrar os mesmos

tipos de sempre, desde os apagados e insignificantes até aos notaveis, como o Vertical com a sua vesania de elegancia, até á Rebolona, mártir do delirio da belesa.

Apesar dos inconvenientes que aponto, essas tardes são o meu Austerlitz, no qual triunfo em toda a linha, esibindo-me e mostrando que posso esibir-me, para o que é preciso dinheiro e para o ter é necessario ser rico ou que no-lo dêem e para que no-lo dêem é mister merecel-o e para o merecer é condição indispensavel ser-se formosa. Seguiram a raciocinio? Pois bem é o que eu ali vou faser: demonstrar que que sou formosa, o que, infelismente, parece não se reconhecer á primeira vista.

E' que ha muitos olhos que estão vendados!...

*

* *

Não resisto a contar uma desilusão que tive, entre muitas, pois a confissão dos meus erros possue, para mim, o sabor de uma penitencia que me imponho como sevéro castigo.

N'uma d'essas noites de boémia desenfreada a que me dedicava com a impe-

tuosidade propria do meu carater voluntarioso, conheci um rapás, de nome Manuel Midões, a quem se atribuíam sucessos picarescos que constituíam verdadeiras anedótas, que me fasiam rir até ás lagrimas e cuja celebridade me despertou o desejo de o jungir ao carro triunfal das minhas numerosas conquistas.

Vou referir algumas das suas partidas para que o leitor possa avaliar e, até certo ponto, desculpar o meu interesse por esse gracioso *blagueur*.

Contava Midões que, passando de uma vês por uma tabacaria no Caes do Sodré, vira anunciada a liquidação de importante saldo de charutos. Contemplou o mostruario e do esâme resultou-lhe a convicção de que era um bom negocio. Imagine-se — *trabucos*, enormes, a 10 réis. Entrou na loja e comprou um. Em seguida marchou em direção ao largo do Corpo Santo, onde parou, proximo a uma esquina, para o acender, mas, ao proceder a essa operação, notou que por minusculo orificio se escapava fumo, o que impedia a regular tiragem. Tapou o buraquinho com o dedo e proseguiu na sua tarefa; foi, porém, em vão, porque o fumo saía por outro lado, agora. Repetiu o remedio, mas

ainda bem o não fiséra nova chaminé se abria e á medida que o esforço aspirante se adiantava, de novas valvulas se evolava a fumaceira, a ponto que d'ali a pouco tinha os dés dedos ocupados.

Era um dia de calor intenso e Midões tirára o chapéu de côco, que segurou com o braço, contra o peito, a abertura para cima, para não distraír as mãos, da ineficás tarefa. N'esta ocasião passou por ali uma familia inglêsa, que andava visitando a cidade, e vendo um pobre ómem empenhado n'um enorme esforço aspiratório, sem conseguir arrancar nenhum som, do que eles julgavam ser uma ocarina de nova especie, deitaram-lhe caridosamente um vintem no chapéu e seguiram tranquilamente ao seu destino.

D'outra vês, Manuel Midões quís dedicar-se, n'um domingo, a complicadas proêsas ípicas e foi alugar um cavalo ao conhecido alquilador Manuel Espanhol. Montou o rocinante, e seguiu pela rua do Arco do Bandeira mas, ao dobrar para a travessa de Santa Justa, em direção á rua do Ouro, o *penco* estacou e não houve esporadas ou pancadas que o arrancassem daquele sitio. Midões dava ao diabo o cavalo e já se preparava para o levar, á

mão, até á cocheira, quando repentinamente, ó milagre! o bicho começa a a andar muito satisfeito. Percorrido um certo caminho, nova parágem obstinada do bucéfalo e novas arrelias indignadas de Midões. Porém, passado um bom bocado, o cavalo movia-se outra vês. Midões reparou então, casualmente, que n'este momento passava um vendedor de ortaliça, apregoando. Esta circunstancia recordou-lhe que já ha pouco, quando o cavalo se pegára, tinha encontrado o mesmo vendilhão.

Relacionou os dois factos emquanto caminhava e tirou, pelo processo indutivo do Sherlok-Holmes uma conclusão: o cavalo já andára na venda de ortaliça. Esta ideia foi um achado e dahi a momentos, quando o cavalo tornou a deter-se, o Midões desatou a berrar:—Iá couve lombarda! o que teve o condão de o pôr logo em andamento. Escusado será diser que Midões conseguiu dar o passeio, mas ao voltar, á tarde, á cocheira, estava farto de apregoar.

Ainda d'outra vês, em que comprára um cavalo que persistia em recuar continuamente, resistindo aos maus tratos que lhe infligiam, engatou-o na *charrete*, com

a cabeça para a caixa e a garupa para a ponta dos varaes e subiu o Chiado com o cavalo ás vessas.

A ultima, para não enfadar. O bom do meu Manuel Midões, levantára-se um dia muito cêdo para pôr em ordem uns negocios. Saiu de casa ainda de noite porque o escritorio em que se empregava era longe, de modo que lhe amanheceu no caminho.

Ao passar em certa rua viu, parado a uma porta, um grande *char-á-bancs*, em cuja boleia estava acomulada grande porção de cabases cobertos por alvas toalhas, escapando-se, de alguns, os gargalos de garrafas. Midões palpitou logo que se tratava de um *pic-nic* e resolveu observar, para ver o que saía d'ali. N'um momento em que o cocheiro se apeára para ir á escada buscar novo cêsto, que uma creada lhe pedia que arrumasse, Midões trépa para a boleia e instala-se comodamente. Dali a algum tempo, desce uma familia, que toma logar no carro; Manuel cumprimentou respeitosamente aquelas pessoas, que suposéram ser ele algum dos convidados. Em seguida marchou o carro a buscar outra familia, a qual nada perguntou á primeira por julgar que Mi-

dões era seu convidado. Mais duas familias que se sentaram no carro, fiseram identico raciocinio, pelo que o Manuel Midões seguíu, despreocupadamente, até ao local préviamente escolhido, onde fês grande onra ás magnificas iguarías que as providentes senhoras escursionistas se haviam esmerado em manipular.

Devo disêr que Midões cativou toda a gente pelo seu fino trato e graça natural, de modo que, quando á tardinha, regressaram a Lisboa estavam todos encantados com ele: os papás, porque conversára acertadamente em assuntos que os interessavam; as mamãs, porque as ajudára no desfaser dos cabases e no estender das toalhas, das louças e dos copos e, finalmente, as meninas, porque lhes fiséra a côrte e dançára com elas. Quando, porém, se lembraram de se interrogar, mutuamente, para saberem a qual deles se devia a apresentação de tão apreciavel convidado e reconheceram ser um intruso, até o queriam comer vivo, do que Midões se livrou fugindo a bom fugir, não sem ter considerado que proporcionára a si mesmo um belo dia, mercê da sua astúta e sagás inteligencia.

Poís foi este interessante esemplar da

mocidade estúrdia, que o meu coração, n'aquele momento transitoriamente desocupado, escolheu para alvo das suas investidas.

O meu Riacho tinha-se passado com armas e bagagem para uma espanhola da rua da Atalaia e o meu amôr sangrava por falta de nova aplicação. Foi n'estas circumstancias que tentei a conquista de Midões, a qual se tornou muito mais facil do que eu previra.

Mas o grande rapioqueiro não satisfasia as aspirações do meu espirito sonhador, nem me dava as alegrias que eu visionára. Via-o sempre preocupado e absôrto, como pessoa que medita algum projéto tenebroso. Perdêra, quasi, a alegria e deixára de concertar aquelas formosas *blagues*, que m'o haviam tornado tão cáro. Eu sofria sem saber a que atribuir tamanha friesa até que um dia, increpando-o eu pelo seu desapêgo, respondeu-me n'estes termos:

— Acima de tudo, minha querida Fernanda, o teu Midões é um ómem de negocio. A ligação que temos mantido tem-me afastado das minhas ocupações abituáes e o patrão despediu-me. N'estes termos, necessario se torna encontrar uma saída para

a minha situação. Procurei muito e achei a solução: brevemente inaugura-se a feira de Alcantara; tu deves ter economias e então, como o teu carinho não póde, decerto, consentir que eu esteja desempregado, cumprete colaborar n'um projéto, que me parece viavel. Requeremos terreno á Camara e mandamos construir uma barraca, onde instalamos o Baile Africano, aproveitando para isso os teus conhecimentos do *rasga*, que dançarás para atraír a concorrencia, emquanto que eu me dedicarei á administração do bufête, do qual te prometo ser o principal consumidor. E' justo que tu trabalhes tambem um pouco para o teu Midões.

Assim falou o interesseiro.

Ah! Não sei, de nôjo, como o conte. A indignação esclarecera-me um pouco o rosto — fórma de córar dos pretos — e o furôr sufocava-me a ponto de não poder falar. Apenas lhe indiquei a porta n'um gesto energico, de espulsão, que eu vira no teatro.

— Ah! não queres? respondeu ele. Pois então por aqui me sirvo.

E, tomando o chapéu, desapareceu, sem que até ôje se lhe tornasse a pôr os olhos em cima. Viu-se nunca maior falta de respeito á lei? Tentar restabelecer o trabalho obrigatorio para os negros!!!

CAPITULO VII

Escritora dramatica! — A "Santa Casa" — O toureio a cavalo

A época abitual da abertura dos teatros aproximava-se com o mês de outubro, frío e chuvoso, e eu chamava a capítulo a minha modista, afim de se ultimarem os derradeiros pormenores das minhas *toiletes* ibernaes e a reparação das que, na estação anterior, tinham ficado em condições de, ainda, poderem vantajosamente lusir.

Creatura abituáda aos contornos esculturaes do meu busto, a tarefa tornava-se-lhe mais facil do que a que cabía ao perferido sapateiro Coimbra na fabricação das minhas botinas. Tornava-se operação impertinente e sudorifera esta do arranjo dos vestidos, mas onde o meu nervosismo se desencadeava violenta-

mente era ao transpôr o vestibulo, bem lançado, da aristocratica sapataria.

O meu pé acostumado, durante anos, a calcurriar os areaes ardentes da terra natal, não se encontrava ainda submetido ao uso doloroso do envolucro de pelica e de cabedal que reveste as plantas dos pés civilisados.

As deformações mortificantes que d'eles brotavam assumiam proporções de tragédia e o pobre encarregado da loja consumia resmas de papel no contorno das linhas dos meus pés, e qual engenheiro idrografo tomáva detída e paciente nota de todos os abundantes baixíos que assolavam aquelas paragens.

Se o calçado era de luxo centuplicavam-se os esforços na prova indispensavel e preparatoria que, na maioria dos casos, se redusía ao ajuste das tradicionaes botas de vernís preto com canhão alto, revestidôr dos grossos tornosêlos e, como lhe era impossivel a fixação certa, no papel, de tão minuciosos e prolixos detalhes, recorria, tardiamente, ao emprego de comprida e embolada tenás, a qual, manejada com diligencia deixava o novel calçado repleto de bossas, em concorrencia perfeita com relevado mapa orografico. Isto repre-

sentava a preparação para maior campanha, pois as forcas caudinas tornavam-se impossiveis de transpôr ao aproximar do capitulo *joanetes*.

Não me causava espanto este sofrimento porque devido ao esagero que o provocava se tinha dado o meu sossobramento na carreira publica.

Sómente agora encontrava a rasão de ordem que levava o meu capitão raptor Jeronimo Martins, a determinar da ponte do lugre aos seus marinheiros a caça do *joanete* e recordava, saudosamente, que se aqueles maritimos teem cumprido com rigôr estas previdentes instruções, não me veria agora a braços com tão desesperantes apendices.

Eram aborrecederes estes incomodos constantes, mas, escrava submissa da moda, tinha por dever sujeitar-me aos precalços e contratempos que em todas as épocas se deram, especialmente quando se verificava, como no caso presente, a importante circumstancia de ter de viver em permanente esteriorisação para o grande publico, para, chamemos-lhe assim, a grande massa anónima, que tudo critica, tudo comenta, sem contemplação ou piedade por tão grandiosos sacrificios.

*

* *

Obrigatoria era a minha assistencia a todas as *premières* teatraes.

Não havia motivo, por maior que fosse, que impedisse a minha comparencia entre o publico seléto e escolhido das estreias da época.

O pitoresco e interessante teatro do Principe Real, vinha havia dias gradualmente escitando a curiosidade publica com monumentaes *réclames* a uma nova revista de ano que se intitulava com o nome estridente de «O' da guarda».

Adicione-se a este espetáculo, para mim, tão querido d'uma peça d'aquele genero a circumstancia do debute como atôr d'um rapás conhecido na sociedade pela sua vivacidade e pelo endiabrado das suas convulcionantes e escentricas danças e facil será calcular a curiosidade e o desejo que havia em assistir a essa recita tão bem preparada e disposta.

Enverguei o meu trajo de salão que era constituido por um sólido vestido de magnifica casimira cinsenta escura com discretas e rendilhadas aplicações bran-

cas, ás quaes servia de destaque um amplo peitilho *rose-pále* envolvendo-me os enormes e abundantes seios que espirravam do tronco, d'uma forma provocadora e esuberante.

As botas em cabretilha amarela punham em evidencia os meus espalmados pés e a um espirito crítico acudiría a lembrança de serem construidos em madeira amarela de *pitch-pine* polido tal era o lustro que as distinguia. Os roliços e boleados ombros eram cobertos negligentemente por uma *bôa* de magnificas penas a qual devido ao uso tinha a sua brancura um pouco amortecida. Na cabeça, o penteado ciclopico e estonteante era sub-dividido em simetricas escadarias de cabelo, separadas ao centro por bem sulcado rêgo que só terminava no redemoinho do cucuruto.

O tom natural escuro e a artificial vaselina neutra de Dorin procuravam, á compita, impôr-se n'uma mescla de laivos baços ou brilhantes; as repreguinhas ou bandós dos lados eram sustidas, a custo, por dois gróssos prégos ornados de pedrarias finas, mas falsas.

Foi, garridamente composta com estes elementos, que dei entrada sensacional na

sala de espetáculo, viva e animada, do atual teatro Apolo.

A platêa estava repléta de espétadores e os camarotes e frisas detinham aos peitoris verdadeiros formigueiros de gente.

Faltavam quinze minutos para as nóve quando o conhecido maestro Filipe Duarte ocupa com a sua cabeça monumental o *fauteuil* da regencia e, empunhando a batuta desproporcionada para o seu corpo minusculo, sacóde o torpôr dos musicos, dirigindo-os a compasso certo e seguro na esecução das suas originaes e irrepreensiveis partituras.

O pano havia corrido sobre o primeiro e segundo áto n'um entusiasmo crescente, consagratorio da peça e dos seus interpretes.

Na sala imperava a alegria, provocada pelos ditos de espirito da revista e pelo brilhantismo dos numeros de musica.

O terceirô áto tinha começado e ia desenrolar-se o primeiro quadro d'esta ultima parte do espétaculo, quando uma cotovelada incivil d'um espétador visinho me prodús dôr aguda, ao mesmo tempo que toda a sala gritava n'uma apoteóse doida e convulsa:

— Olha a preta Fernanda, olha a preta, está tal qual!

Espantada com tão insólito fenómeno, os meus olhos mergulharam-se de novo, atenciosamente, no palco e descobrí as linhas da minha gentil figura superiormente imitadas por uma atrís vulgar que, n'uma *céga-réga* sem fim, se referia aos meus dotes fisicos terminando por afirmar que eu *rebolava a patrasana*.

Findo o *couplet*, o público, em pé, esigia ruidosamente que se bisasse o que tão grande sucesso tinha produsido no seu espirito.

Cinco ou seis vêses a interprete, estenuada, entoou a deslavada canção e os aplausos eram intensos e reparadores do esfôrço artistico dispendido.

Sentia-me porém envaidecida e lisongeada por ter concorrido com os meus dotes físicos para o triunfo d'uma peça puramente nacional e no dia imediato o meu primeiro cuidado foi recorrer á autoridade administrativa para que ela obrigasse os empresarios ao pagamento sagrado do que eu ainda oje classifico *de meus direitos de autora*.

O inspetôr policial compreendendo a minha isenção e o valor real da colabora-

ção espontanea que a peça tinha adquirido, ordenou esse pagamento.

Foi a primeira e unica vês que triunfalmente obtive a consagração como verdadeira co-autora dramatica, e arrependida não estou do esfôrço e sacrificio que á minha modestia tive de faser para a aceitação de tão carinhoso como comp eto esito.

Debutei para o palco com a mesma *chance* com que, vida fóra, tinha sido sempre bafejada em alternativas de grande e relativo consenso.

*

* *

Vou agora entrar na descrição de uma das noites mais bem passadas da minha vida, embelesada por tantos gósos, que me dão autoridade para apreciar e distinguir.

Efetuou-se esse facto saudoso e aprasivel na *Santa Casa*, que foi o club carnavalesco mais notavel de Lisboa.

Além de estar instalado luxuosa e artisticamente e iluminado *à giorno*, era constituido por um nucleo de rapases adoraveis, unidos e bem educados, despejando

o dinheiro pelas janelas, com ancia de pessoas a quem restam poucos dias para viver.

Como eu estimava esses loucos sublimes, que no alvorecer da vida levavam esistencia de sibaritas, cuja unica rasão de ser era o praser!

E que tristesa sinto ao comparar, oje, esses estroinas simpaticos, energicos e desinteressados, em cujos corações palpitavam os sentimentos delicados e fortes d'esta boa raça lusitana, com os *pollos* da atualidade, precocemente calculistas e prematuramente envelhecidos, subordinando todos os átos ao intuito mesquinho e vil do lucro, com o ar desconsolado e triste dos vencidos, aos quaes a vida cerrou o sacrario do goso e a quem o Futúro reserva apenas desilusões.

A *Santa Casa* era situada na travessa do Cabral, n'um predio de bela aparencia, onde ocupava um andar completo e parte d'outro.

Das traseiras do edificio descobria-se o Tejo até á barra e parte da casaria da cidade.

Eu fôra ali apresentada pela minha amiga Ofélia, uma italiana imponente e decorativa, que mais tarde foi fornecer ao

Brazil a esuberante alcatra de que era dotada.

Preparára-me para a circumstancia com um mimoso vestido branco, cuja sáia *troteuse* caía graciosamente em prégas impecaveis e meudamente geometricas.

A minha chegada despertou a sensação abitual, que se manifestava em geral por espirros e ruidosos gritos selvagens, com que os circumstantes me mimoseavam, como querendo significar que não desconheciam os usos e costumes da minha terra.

Devo confessar que a entrada na *Santa Casa* me produsiu um deslumbramento, não só pelo brilho da generosa iluminação, como pelo luxo e bom gosto dos salões.

A sala de baile, enorme, era forrada de sêda malva e a decoração das janelas era toda em veludo vermelho, sombrio.

Proximo ao této corria uma delicada grinalda de rosas em *carton-pierre*, sustida de distancia a distancia por cariatides da mesma substancia, representando criancinhas núas e bochechudas.

Os frescos do této constituiam um docél onde estavam reprodusidos assuntos idilicos e campestres.

O mobiliario comodo e deleitoso parecia convidar aos longos abandônos de que se volta quebrado, mas felís.

Seguia-se o *toilette*, onde a alfombra amortecia, na sua alta espessura, o ruido dos passos, mostrando as paredes decoradas com grandes espelhos, sob os quaes largos tremós, eréctos, sustinham bocêtas de pó de arrôs, aneleiras a trasbordar de alfinetes e frascos de perfumes rescendentes e caros.

Depois o *fumoir* com largos e atraentes *divans* de mólas, o chão estendido a marmorina e, n'uma arrumação desleixada, as pequenas mesas de *bridge*, com os seus baralhos a postos, ao pé do cinseiro previdente e asseado.

Depois vinha o vestiario dos ómens, com os grandes cabides correndo ao longo das paredes, que d'aí para cima eram decoradas com *panneaux* em fundo verde ervilha, representando assuntos da vida no Japão·

Um d'eles pintava uma cena de costumes pastoris no grande imperio do Estremo Oriente: nas aguas limpidas e claras de um lago, duas rãs perseguiam-se nos jogos amorosos, emquanto nas margens numeroso grupo de japonêses, ómens e

mulheres, em promiscuidade prometedora e intencional, seguiam anciosamente interessados, pendidos para as aguas, sobre as mãos que apoiavam na areia, o desenlace, cujo inicio a pintura reprodusia fielmente. A porta d'este compartimento abría para a casa de jantar, que era um sonho.

Animada portentosamente pela claridade estonteante de vinte e quatro bicos de incandescencia, constituia a quadra mais vasta da casa, fechando ao fim por uma larga galeria envidraçada a chapas policrômas, onde se refletiam deslubradoramente as lúses dos candelabros dourados e artisticos.

O lambrí em cana envernisada á moda niponica, encrustava, de espaço a espaço, um que outro ladrilho, animando, alacremente, o tom sombrio do caniçado.

Por sobre este estendiam-se as paredes pintadas a oleo, com raro senso estético e nas quaes se representavam: um trecho de Sevilha, vendo-se ao fundo á Giralda, emquanto no primeiro plano uma andalusa acompanhava com palmas o zangarrear d'uma guitarra, tangida por um chulo; n'outro a figura da *Tosca* que, em vês de depositar sobre o peito do *Scarpia* o crucifixo piedoso, avançava com mão de-

cidida uma garrafa de agua de Seltz, emquanto, substituindo os cirios que ardem á cabeceira do lirico tirano, se vêem aqui duas botelhas de Champagne, cujas rolhas saltam alegremente, impelidas pelos gases.

No tôpo, dois pavões pousavam o pé sobre um missal medieval, ostentando as lindissimas cáudas, que tomavam quasi a parede, tão flagrantes de verdade que pareciam agitar-se ao sôpro de brisa invisivel.

N'uma das paredes lateraes abria-se uma formosa cascata, em que Fontana puséra todo o seu gosto artistico. No vão, que se cavava profundamente, caiam do této estalactítes encorpadas como as da *Gruta do Cão,* em Napoles, e por entre as pedras esburacadas que a formavam serpenteava uma rêde de plantas aquaticas e viridentes, refrescadas continuamente pelos jogos d'agua, cuja origem oculta estava disfarçada pela larga escarpa dos pedregulhos.

A meio, um vidro convexo e polído fechava o aquario onde nadavam peixes vulgares, encarnados ou brancos, mas que tomavam aspétos fantasticos e multicôres, pela incidencia de bicos de gás, colocados no plano posterior das estalactítes e cuja

lús era coada através de numerosos vidros coloridos.

Essa cascata constituia uma das raras curiosidades do Club e toda a pessoa que ali entrava não podia furtar-se ao estasis da sua contemplação, tão estranhos eram os cambiantes, tão invulgares as proporções que o desvio prismatico do vidro imprimia a esses peixinhos mirabolantes.

Em torno da casa, a mesa, em fórma de ferradura, desafiava aos grandes banquetes e ás ceias ruidosas.

Na sala dançava-se com estraordinario entusiasmo e, tal como nas *soirées* em que os donos da casa não deixam parar o pianista para não afrouxar a animação, os socios empenhavam-se em que não cessasse a musica.

Todos os generos coreograficos eram ali cultivados, desde a corréta valsa *boston*, até ao portuguesissimo *fado de chulipa*.

A' meia noite e meia óra já a concorrencia era numerosa, mas á medida que a noite avançava, parte da população dos outros clubs caía ali, como moscas, para auferir o que aqueles lhe negavam: pandega de rachar pedras.

O Fontana era o socio que se havia en-

carregado da decoração e desempenhára-se da tarefa com a competencia artistica de que atrás julgo ter dado uma palida idéa. As suas preocupações unicas, consistiam em manter a Santa Casa na altura dos seus créditos e em treser contente a Pépa, — uma espanhola insignificante com quem vivía e que se pelava pelo *pagode*. De resto todos os socios eram apreciaveis. O Esteves Pimenta, que mais tarde representaria um grande papel na Revolução, contribuía decisivamente para o regular andamento dos trabalhos, com um bom umôr inalteravel e um desamôr pelo dinheiro que era um verdadeiro incentivo para alargar os cordões ás bolsas dos consocios. O Augusto Chaves nas suas imitações «clownescas» arrancava lagrimas de riso á assembléa e quando por acaso aparecia o Edgardier, forjavam verdadeiros intermedios comicos. O gordo Gramont era tambem elemento de valor e tinha tal ancia de se divertir, que, em acessos de folia, chegava a regar a sala com *champagne*, não se esquecendo nunca de despejar uma garrafa no piano, ao qual estas periódicas irrigações pareciam dar cada vês melhores vóses.

Havia lá tambem um socio conhecido

pelo Fernandes da guitarra, de quem cheguei a gostar a valer, tendo-lhe até n'uma noite confiado a chave da minha casa que o ingrato porém me restituiu, á despedida.

Outro dos socíos com quem simpatisei a valer foi o Jorge Figueira, rapás da velha guarda que conservára alguns ábitos do outro seculo e entre eles o de usar calçado de córte estranho que lhe dava aos pés o feitio de ferros de engomar.

Tinha além d'isso o bigode mais bonito da Santa Casa.

Entre os convidados permanentes fixaram-me particularmente a atenção: o Mota procurador, que ao chegar ao club substituia sempre o fato da rua por *frac* curtissimo e calças idem que deixavam a descoberto o peito do pé, calçado em escarpins, que lá havia deixado em noite de carnaval, na qual se havia apresentado trajando á moda de 1830; o Cristovam Zaire, um alferes muito simpatico e divertido que trasia as mulheres em polvarós e chegara n'uma noite de pagodeira rija a pendurar-se para fóra d'uma janela; o Filipe Teles, que era o atleta da companhia e fazia *plum-puddings* como ninguem; o João Cegonha,

grande cantador de fados, assim como o Otavio Velho; e finalmente, o Julio Peres, gordinho, que trasia oculos mas embirrava com toda a gente que os usasse.

Na noite a que me estou referindo, por volta da uma óra já ninguem se entendia, tal a algasarra, taes as gargalhadas e os gritos de alegria, com que eram festejados os bons ditos ou as ideias originaes que os socios punham em prática. E a porta raro se fechava, pois de contínuo chegavam convidados, ómens e senhoras, que corriam para a «Santa Casa» em verdadeira romaria.

A's duas da noite puzemo-nos á mesa e aí redobráram o ruido e a alegria d'aquela concorrencia endemoninhada para quem tudo era pretêsto para a troça e para o riso.

Quando os criados trouxeram o primeiro prato — arrôs de peixe — o Fernandes apreciou irritado: — Lá vem o diabo do arrôs emassarocado! Estas palavras despertaram uma tempestade de gargalhadas, pois todos as conheciam como um estribilho, sempre que havia arrôs. Os vinhos eram bons e começavam a produsir os naturaes efeitos. N'um dado momento começaram as canções báquicas,

abituáes á casa, que aqueles energumenos entoavam a plenos pulmões:

O' giribau, giribau
Giribau, bau, bira
O' giribau; giribau
Giribau, bira, bira, bira!
Uh!

A silaba final era berrada em falsête, dando-me a impressão de estar ouvindo o grito de guerra da minha ilha.

Este estranho *refrain* era entremeiado por quadras como esta:

Foi no casal do Faustino,
Bem perto do Milharado,
Que tres malvados assassinaram
Mulher, marido e creado

Depois mudavam de canção para entoarem a seguinte:

Aqui se toca, aqui se dança
Aqui rebola a laranjinha
Eu conheço o meu amor
Só pelo nó da gravatinha.

Mas quando se chegava ao nó, sub-

stituíam a palavra por um gesto, indicando o laço da gravata, pois era proibído pronunciar aquela palavra, em virtude do seguinte patusco raciocinio: — Nó é ligação, ora aos socios, cá de casa, não conveem ligações! Ao terminar a *Laranginha*, o Mota levanta-se com ar modesto e agradece, cantando:

As palmas que recebi
E colhi
Da brilhante sociedade,
Sem vaidade,
São favores que não mereço
E agradeço,
Tanta generosidade
E bondade.

E os vinhos circulávam sempre com profusão até o fim das ceias, em que aqueles diabos só terminávam de comer, mas nunca de beber, pois levantada a mesa, os creados ajoujavam-na de garrafas contendo varios alcooes, á descrição.

Que simpática mocidade, na qual havia nervos, sentimento, alegria, á mistura com um pouco de loucura, que é, afinal, o sal d'este insôsso pitéu da vida!

Esses pandegos monumentaes chega-

ram por vezes a passar dois e tres dias, sem pôrem pé na rua.

E as damas concorriam muito para a animação d'estas orgíacas assemblêas, cujo éco resoava por toda Lisboa, creando á *Santa Casa* a reputação de um éden, para se ser admitido no qual se moviam grossos empenhos.

A Luísa Modelo, eu, a parteira de cavalaria 4, as trés manas Corrêtas, a Adelaide malhada, a Butes, a Barbara, a Maria Rosa velha, a Iluminada, a Georgete e tantas outras, quanto brilho não deram áquela santa casa, sem falar em muitas, para as não comprometer perante os ómens que as manteem e que ali íam ás escondidas, n'uma ancia doida de se divertirem. Quantas atrises, que estão oje no galarim, terçaram ali as suas primeiras armas, no campo do galanteio!

Por mim, confésso: tenho-me divertido muito, percorri todos os locaes de Lisboa onde o praser é um culto, conheço todas as capelinhas do goso; pois em parte alguma, auferi sensações mais fortes, mais delicadas e inolvidaveis do que na *Santa Casa*. E afirmo sem receio de errar: nunca houve, não ha, nem ha-de haver club nenhum que se possa sequer comparar

com aquela memoravel instituição, oje desaparecida, para meu mal!

A interessante diversão prolongou-se até as 10 óras da manhã!

*

* *

Habituei-me viciosamente ao uso dos chapéus modelos.

Primeiro franqueei a minha estética cabeça á ornamentação caprichosa do Mimôso, mas, este, absorvido pela ciosidade constante de conquistador impenitente não prestava atenção cuidadosa aos detalhes indumentarios que o meu nunca desmentido gosto artistico requeria e n'estas circumstancias forçoso se me tornou procurar em outro ambiente os elementos que não consegui obter n'aquele.

Assim, percorrendo a ingreme ladeira da Rua do Carmo, encontrei estabelecimento modesto na aparencia, mas grandioso nas concéções dos seus modêlos, que feriam a ultima palavra da arte gentil e aláda cu os componentes principaes são o dócil arame de ferro e a graciosa plumagem inocente de avesinhas sacrificadas

aos requintes luxuosos de todas as mundanas, sabedoras do que devem ao publico afavel das grandes capitaes.

O meu presado e adiposo amigo J. J. Segurado era o dôno d'esta bocêta onde se dava culto a tão vistosos artefactos e, disposição parodoxal do destino, acumulava, com a graciosidade do seu comercio, a rude industria de empresario da Praça de Touros em Algés.

Do nosso convívio mútuo formou-se uma amisade sólida e n'uma tarde das muitas em que o nosso cavaco interessante derivava para os lucros respetívos, obtive d'ele a revelação de que o seu espirito se encontrava absorvído na resolução e levantamento da decadente arte tauromaquica. Os seus projétos eram vastos e grandiosos e propunham-se principalmente ao estabelecimento d'um curso prático aonde a precoce *aficion* recebesse o ensino indispensavel á bôa esecução da arte de Montes.

Dividída essa escola em aulas práticas para cavaleiros, bandariiheíros, moços de forcado e campinos, os alunos que não mostrassem senão aptidões teóricas seriam relegados para o curso subsidiario de *inteligentes* ou diretores de corrida.

A ideia apresentava-se-me vasta e ao meu cérebro civilisado acorreu a lembrança, logo ali revelada de que talvês na própria Praça de Touros se podesse instalar uma como que Universidade Livre do Toureio Português!!!

Alvoroçado recebeu a minha lembrança com jubilo e aquiescencia e solicitou de mim a valiosa adesão do meu nome para a formação d'uma corrida demonstrativa que levasse ao publico, indiferente, o conhecimento diréto e realisavel d'uma ideia tendente ao rejuvenescimento da decadente taurômaquía.

Era dever imperioso anuir e o nosso pacto ficou seládo com um sacudido aperto de mão.

Não me envegonhava do áto porque seguindo, como sempre, a róta que ao meu espirito tinha imposto, não esistia o vil interesse material apesar das promessas de lucros, partilhaveis, que o meu amigo antevía na realisação d'essa corrida.

Comquanto bom arranjo fisessem á minha avariada finança esses presumiveis réditos, eu, caso eles se tornassem efetívos, destinava-os, desde já, ao emancipadôr saldar de alguns pequenos *bicos* financeiros que me alfinetavam o brio.

Todas estas poderosas rasões tinham concorrido para conferir ao meu irmão de ideias a alta missão de armar cavaleira a modesta autora d'estas sinceras memorias.

*

* *

Fixado o domingo mais proximo para a realisação do projéto, inundadas as esquinas com berrantes cartases anunciadores do meu debute artistico, pôsto na rua o estridente bando corroboradôr, chegou, finalmente, o dia em que tinha de mostrar ao grande publico de Lisbôa as minhas aptidões tauromaquicas.

A tarde calorosa e poeirenta do mês de setembro, o guisalhar cascavelico das tipoias de praça, o tenir ímpertinente e constante dos replétos elétricos, tinham-me determlnado um esgotamento nervôso ao dar entrada triunfal nos corredôres que cintavam o taurodrômo.

O meu mal estar datava do dia anteriôr e bastas vêses, desde a óra em que enverguei o *traje de luces*, alquilado no velho Crús de S. Roque, vinha acentuando-se n'umas picadas fundas e dolorosas que me martirisavam o baixo ventre.

Recorri ao emprego, infrutifero, do detentor salicilato de bismúto, mas a rebeldia do sofrimento não cedia e antes se agravou, ao defrontar a arena do triumfo. As corridas impertinentes que fasia para o meu camarim, onde dava alento á tripa medrosa, obrigavam-me a não poder prestar a devida atenção a todos os gentis admiradôres que me procuravam para a fraternal saudação. A óra aproximava-se e de repente o meu letárgo foi despertado pela voz retumbante do meu socio Segurado, que a plenos pulmões gritava:

— D. Fernanda, D. Fernanda, ande, avie-se que tem de se preparar para as cortesías.

Concheguei os calções e esitantemente começo a sêr arrastada, em conjunto, com as pesadas e interminaveis botifárras que nos meus pés produsiam os efeitos do calçado de mergulhadôr.

Era êle que, com o seu braço vigorôso, me rebocava, grítando-me ao ouvido.

—Avie-se, o pateo do cavaleiro é o seu pôsto, não ha tempo a perder; o Batísta Dinís vae mandar saír a azémola».

Eu nada ouvia; o ruido que das bancadas da praça se escapava fasia-me zumbi-

dos e ao passar, receosa, junto ao curro, o mugir prolongado de um touro pouco correto ia-me fasendo cambalear.

O dócil e magro cavalo negro já estava a póstos e eu dificultosamente procurava, sem o conseguir, escarranchar-me no selim. Felísmente, para Segurado, que os forcados previdentes já vinham no retôrno de pavonear a garrida mula das farpas e com o esforço d'aquelles e das forquilhas tornou-se mais facil a empresa.

Nada via, nem sentia em volta de mim; o proprio ventre, assustado com tanto ruido, mantinha-se reservado e coacto, simplificando-me assim o trabalho e a igiene.

O espaço é cortado pelas notas vibranteis de bem compassado cornetim e o meu cavalo é empurrado, violentemente, para o meio da arena, pelas mãos pouco limpas dos moços de cavalariça. O meu cérebro não discernia e eu entreguei-me ao raciocinio prudente e receoso do rocinante. O que êle germinou não me lembra, mas só me recordo que mal se apanhou encostado á trincheira, desatou n'uma carreira louca á procura de porta aberta que lhe désse fuga cauta e previdente.

O publico, n'uma vosearia acompanhada

de palmas, saudava o meu aparecimento e a garbosidade e desenvoltura com que o bucefalo caminhava, esclamando ruidosamente:

— Parece um cavalo elétrico!

Esta alusão era, certamente, ditada pela forma elegante e mexida com que êle procurava o refugio salvadôr.

A musica pára de tocar e o caduco administrador de Oeiras procura instalar-se, comodamente, no desengonçado *fauteil* privativo.

Estava cumprida a primeira formalidade sacramental das cortesias. De novo, rapidamente, vibra o cornetim e eu sou arremessada, segunda vês e com redobrada violencia para o meio da praça. N'esta altura uma mão grosseira espeta-me na minha déstra um pau comprido e enfeitado com um ferro na ponta, gritando-me:

— O' sua lêsma, pegue na farpa!

Mais dois ou tres minutos decorridos, seguidos de eguaes vertigens presagiosas de terriveis acontecimentos e eis-me em pleno *ruedo*, defrontando-me com o carão enorme de um touro negro e endiabrado que revoluteava as ástes vingadoras e contundentes no espaço inocente e amplo.

O cavalo, em perfeita autonomia de mo-

vimentos, precipita-se de encontro ao taboádo da trincheira, cuja vermelhidão tomava a meus olhos proporções de sangueira interminavel.

Nas bancádas grita-se assustadoramente:

— A' tira. A' tira! Procuro satisfaser a ardencia do publico, mas entregue aos movimentos prudentes do animal deixo-me ir na corrente precitáda e que julgo salvadôra. De repente sinto embate enorme e violento e, como caracoi receôso, côso-me nervosamente, ao longo do pescoço do cavalo, mas duas bombadas vigorosas se seguem e sinto-me despejada, estrepitosamente, na areia pouco macia da praça.

O que se tinha passado era simples e de mais facil narrativa do que esecução.

Imprevidentemente tinha, pela primeira vês, cambiado, com notavel prejuiso para o meu corpo, os terrenos que afinal, digam o que disserem os entendidos, ao touro e só ao touro pertencem.

Gargalhadas colossaes e desengonçantes, acompanhadas de assobíos estridentes, tinham coberto, aclamadoramente o triste acontecimento.

Abandonei a posição a poder das invétivas de um intervaleiro da minha côr

que me incitava, para ergulho da raça, á desafronta de tão traiçoeiro animal.

Forcados, capinhas, espétadôres, vendedôres ambulantes, tudo carinhosamente corria em meu auxilio, comprimindo-me, passando-me de mão em mão até que conseguiram fixar-me novamente no selim espelidor.

Grato ficou meu espirito a todos os bons e modestos auxiliares que n'esta conjuntura dificil me prestaram seus inolvidaveis serviços, mas a todos sobrelevou o meu conterraneo e companheiro de côr, o intervaleiro Antonio Preto. Aos sinceros agradecimentos que lhe transmiti, respondeu-me, modestamente :— nada fis, o que corre préssa é em salvar a dignidade e o prestigio da raça. Urgia, pois, portar-me com destresa.

Qual outro ómem de ferro, aparafuseime á sela e nervosamente contraí as pernas na barriga do cavalo.

Escitada com as objurgatorias que o publico espelia n'uma gritaria infernal e louca, avancei, resolúta, para a desafronta, procurando castigar, sevéramente, aquele que tão pouco corréto havia sido para comigo.

O meu plano foi simples; caminhei

galhardamente para o bicho e provoquei-o bem de frente, chamando-o: — Eh! touro. Eh! covarde!

A sorte era dificil, mas eu nenhum receio, n'este momento critico, tinha. Citava bem de cara para rematar á garupa, n'um magistral ferro curto, a minha vingança. Repeti: — Eh! covarde —, alegrei-o ainda com a frase graciosa: — «olha que tens aqui uma mulher! mas êle correspondeu á minha gentilesa, cortando-me os terrenos que sempre foram sua pertença n'aquella tarde memoravel, e identificando-se com as minhas tenções, toma precipitadamente de assalto, com as ástes, a garupa do pobre cavalo, não me dando tempo senão a rematar, com as ventas no chão, a sorte emancipadôra! O que succedeu foi indiscritível e inenarrável. De todos os lados da praça, n'uma chuva nutrida, eram arremessados os mais desencontrados projéteis: almofadas, garrafas, batatas, laranjas e, cumulo de prodigalidade, até sapatos. O sucesso tinha sido ruidoso, mas negativo.

A féra, propulsôra e unica responsavel de toda esta insânia, continuava em louca carreira, varrendo a arena. Eu cambaleava de susto, e aturdida, tento esboçar a

fuga redentôra mas, ao querer pôr-me de pé, sinto uma forte e aguda dôr na canela da perna direita e um vulto enorme elevando-se no cabedal da bota anunciava, ao meu transtornado cérebro, a fratúra da tibia.

Grito: — acudam-me que estou ferida! mas a assistencia indisciplinada dos espétadores corresponde ao meu apêlo com redobrada furia de projéteis.

Mãos caridosas tomam-me em pêso, a casaca rasgada em dois pedaços, o chapeu, como o meu prestigio tauromaquico, perdido para sempre, os calções em frangalhos rescendendo pouco agradavelmente, emfim, o caminho doloroso e socegado da enfermaria é percorrido n'uma febre intensa e sou deposta n'uma modésta mesa forrada de oleado negro.

Solicitamente, médico jovem inquire da minha frátura e léstamente, empunhando um bisturi, rasga, devastadoramente, de alto a baixo, a bota que guarnecia a perna fraturada e, então, oh! Deus! revela-se, em toda a sua nudês, á pasmada assistencia, uma enorme batata a qual, tendo sido projetada, violentamente, por mão agressôra, tinha encontrado caprichoso albergue nas vastas bótas, á

Marialva, que me abrasavam os pés, determinando a dôr intensa que eu tradusira, precipitadamente, n'uma complicada rutúra da tíbia.

Soceguei um pouco mais com este pronuncio revelador de melhores momentos e então nas caras risonhas e bondosas da assistencia fixei a d'um velho e conhecido aficionado que a plenos pulmões me dísia:

— A estreia foi rasoavel e sería mesmo um sucesso se v. ex.ª não tem precipitado o seu trabalho com a dificil esecução da sorte de marrar no boi!

Compreendi então que estava principiada e terminada a minha carreira tauromaquica e que só me restava recolher as benéficas e modestas desenas de mil réis, refrescativas do meu crédito, que se encontrava um pouco abaládo pelo seu abuso.

Porém, desengano cruel para a minha onradês e especialmente para os meus crédores, esses magros vintens tinham de ser consumidos todos na botica, a que tive de recorrer para restabelecimento da côr natural da minha péle que tínha sofrido nodoas, como direi? redobradamente negras, mas d'um negro fixo e só destrutivel

ao poder enérgico de fomentações e, como cumulo e para suprema afronta do meu orgulho, ao emprego da alvaiade branca.

Dias depois, segundo amigo procura-me em casa, informando-se gentilmente do meu estado e espõe as suas recentes ideias aerostaticas que consistiam em faser-me subir n'um glôbo ás regiões sideraes, em companhia d'um individuo da minha côr, que oje eserce papel retintamente importante na politica e que teve sempre a veleidade, — que eu aproveito o ensejo para publicamente repelir — de se intitular meu irmão. Como era de meu dever e educação escutei-o, mas um simples e energico *não vou no balão* deram-lhe a impressão nitida de que eu não queria mais terçar armas com o publico pouco sportivo d'esta capital.

Os sofrimentos fisicos tinham-se atenuádo mas as dôres moraes eram ainda intensas e sangravam orrivelmente. O desapontamento e o insucesso da minha estreia apoquentaram-me e a amargura redobrára com o facto insólito de ás manifestações ostís e deprímentes do meu talento se ter associado o valoroso alferes da guarda fiscal, aquele a quem eu afetíva e carinhosamente tratei por meu José,

aquele que bem recentemente me tinha apreendido o coração.

Ele lá estava no dia da corrida sentado provocadora e facêtamente em companhia d'uma magriséla que andava por Lisboa insultando o burguês pacato com o escandalo das *toilettes* e a côr acenourada dos cabelos encarnados.

Ora mostrava presumidamente a fieíra dos alvos dentes quando eu, suplicante, da arena lhe dardejava o fogo do meu olhar, ora dava encontrões monumentaes no seu par, chamando-lhe a atenção para as ridiculas posíções acrobaticas que eu era obrigada, pela força das circumstancias e do touro, a praticar.

Não contente com esta incorreta atitude, perdia-se minutos inteiros em riso convulso, de sociedade com a dama que, com a sua penugem fulva, parecia um frango saloio dos arredores de Loures.

Mais uma terrivel desilusão que o meu amantético e dôce coração tinha de sofrer com a crueldade nunca desmentida da bêsta-féra-*ómem*.

CAPITULO VIII

Uma ceia de onra — A lúta greco-romana — Roís, bailarino oriental — O banho de Cleópatra — A morte do gato — Volto ás Gáveas — A Feira — Zig-Zag — Desastre

Sentia-me esgotada com a intensidade da vida um pouco livre que ultimamente fasía e ambicionava encontrar tranquilidade para o espirito cançado.

Ao meu albergue da rua de S. Roque ía amiudadas vêses uma creatúra de meia edade, rolíça e gôrda que esercia o mistér de modista de chapéus, a quem me afeiçoei com amisade pelos termos do seu pórte e pelo interesse que mostrava ter pela minha pessoa.

Acicatáda pelas ambições que lhe espús de reverter á vida tranquila do *demi-monde*, instaláda n'uma casa que fosse minha

e onde podésse dar pousio a mais tres ou quatro sacerdotisas da minha especie, ela com reservados intuitos que mais tarde esclarecerei, prontíficou-se, amavelmente, a custear as despesas de instalação e do aluguer da casa.

Alegrada com o auxilio que tão inopinadamente me aparecia, com atividade procurei casa propria e na, ainda casta, travessa da Queimada, encontrei prédio apto aos meus projétos

Tudo se mobilou, com modestia mas artisticamente e eu tive a alegria de inaugurar as minhas salas com uma soberba ceia, oferta gentilissima d'um grupo de admiradores, constituido pelos principaes frequentadores da *Flôr de S. Roque.*

A esse numero não faltavam os metódicos irmãos Barros a quem o asinino Ivencia, da *Flôr*, diferençava as edades pelos ápodos de Barrinhos e Barrão; o simpatico e pequenino Carlos Claro, com a irrepreensibilidade do seu trajo de diplomata *manqué*, acompanhado do seu chefe de *bureau*, que o galego Martins insinuava ser pae d'aquele pela persistencia da companhia.

O rosto, onde despontava uma barba branca, que parecia feita de algodão idró-

filo e o pórte davam-lhe o aspéto de aposentado dono de loja de chá. Usava os apelidos de Vera Ferreira, e, á noite, a dificuldade das digestões, produsida pela ingestão de toneladas de comida, regadas por contínuas botelhas de *Colares*, tornava-o asêdo e insuportavel para a privança dos seus conhecidos.

Era d'um satirismo assombroso e as narinas dilatadas, que evocávam os escovens da amarra d'um transantlantico, confirmavam esta observação. O Sapedra, tão abundante de bigode como acanhado de talento e que, tendo sempre uma prolixa istória para contar, jamais lh'a deixaram chegar ao fim, pelas descabeladas e irritantes pêtas que continha; o Vidal, de avantajado corpo de ómem, que não condisia com os seus proposítos infantís; o Armando Zipfel a quem o sport do *foot-ball* tinha fragmentado, em paragens longinquas, uma das pernas e cujo narís avermelhado e lusidío dava a impressão d'uma discreta lamparina de alcôva; o dr. Schuchman, notavel pela sua plástica impecavel e pelo premeditado silencío, carregado de espressivas reticencias, e finalmente o dr. Fontes, nos seus anêlos constantes de conquista, procurando ostensivamente multi-

plical-os para as meter á bulha e depois rir-se á sucapa, o brégeiro!

Nem a mim poupou!

As minhas amigas ajudaram-me a fasêr as onras da casa, e ás 10 horas o creado Martins, animado pela confiança fraternal dos convivas, gritava inconvenientemente:

—*Eh! caraças, benham para a mêsa que eu já sirbo a palhada!*

Despedi-lhe um olhar de censura, mas ele apressou-se a reagir disendo: *onde está gente branca não mandam escrabos!* Que besta!

Decorreu tudo n'uma alegria louca e ás 2 horas da manhã os cérebros encontravam-se escaldantes. O Carlos Claro, apoiado a duas convivas, a quem obstinadamente não largava, chamando-lhes as suas frangas, berrava:

—Isto é Bangkok puro! Não se apoquentem porque eu tenho aqui, para consumir, 83 tostões que a ipotéca do relogio me rendeu!

O contentamento era geral, mas os olhos e a côr trigueira do Barrão tinham-me aguilhoado o sentimento amoroso. Meigamente, d'ele me aproximei mas, n'uma vóz rude de marinheiro, sou repelida por um:

— Está descançada! Não querias mais nada? Farto de Africa estou eu!...

A manhã vinha clareando e os convivas, estenuados, procuravam escapulir-se em busca de falso repouso, com os seus pares.

Só eu, triste e abandonada, fui para a janela receber o fresco álito matutino e então meus olhos preguiçosos de sôno contemplaram o retirar esturdio e despreocupado da caravana, em agonisante contraste com a entrada para o trabalho inglório, do sapateiro que, duplamente, revestia a entrada da escada com a oficina modesta e o estoirado cabedal das minhas botas com a tomba económica.

Não me desagradaram a tranquilidade e repouso encontrados, tanto mais que eu, confésso, tinha a *paixão do mando*. O meu praser era ordenar e sêr obedecida.

Determinar, dar orientação aos pequeninos nadas que são o trabalho domestitico d'uma bôa dona de casa, constituiam para mim um prasêr nostalgico. De admirar não era a esistencia d'estes sentimentos que se fundavam principalmente no atavismo da minha raça, a qual não dispensa a eleição de régulos orientadôres dos usos e costumes nativos.

Assim vivia felís e contente quando mais

uma vês os meus delidados sentimentos amorosos são, dirêi assim, cintados de frente pela imponencia di acerante do lutador de profissão, Schackman.

O arruivado do seu escessivo bigóde, a abundancia espirrante das suas sobrancelhas, tinham-me sucumbido.

Certa noite no Coliseu, não resistí.

Dirigí-me a ele e balbuciei-lhe, em arrancos de fôgo, um:

—Amo-te meu lindo criminoso!

Ele deu um arrôto monumental, que não percebi, mas pelo movimento afirmativo da cabeça depreendi que não teria nenhuma dificuldade em me assentar as espáduas no tapête, dado o recurso que possuía de abusar, na violencia dos seus ataques, de todos os golpes proibídos.

Lêstamente percebi que a sua fogosidade era restrita aos braços e ás pernas e, ainda assim, só quando se encontrava perante o publico, na esecução do permanente *chiqué*.

Com o seu bigode de barbas de milho não passava d'um charlatão em materia de amôr e de força no que se afastava, por completo, do nosso simpatico compatriota, o atléta Rui da Cunha, cujo corpo lindissimo me levou desenas de noites ao circo.

Quanto a Schackman, relegueí-o com facilidade ao consumo do empresário.

Dissuadida, procurei no cultívo da minha dôce amiga Esperança o alívio a tantos desenganos. Ela era baixinha, atarracada, e de origem côrsa. Falava uma triplice mistura das linguas francêsa, portuguêsa e espanhola. Era muito bisárra e recebia-me com interminaveis atenções.

Achando-me em principio de carreira, facultára-me as suas joias caras para eu com o uso d'elas arreliar as dessorádas que invejavam o meu progresso. O seu amplo salão do largo da Palmatoria era conhecidissimo, pelos encantos aspiratorios e antipodas que prodigamente facultava aos seus admiradores.

Esta tranquilidade aparente era entrecortada pelo bulício das minhas reuniões, agora mais ameudadas, em virtude da chegada da quadra de inverno e ás quaes compareciam muitos cavalheiros já conhecidas do leitor.

Certa noute sou procurada pelo jornalista Romano Roís que me espõe o seu projéto coreografico de esibir, nas minhas salas, varias danças orientaes, nas quaes me afirmava ser perito. Esigia a minha anuencia e impunha como condições uni-

cas que os convites fossem restrítos aos intimos da casa e que eu, como era natural e justo, aceitasse a presidencia de onra da festa. Assentou-se em que a concorrencia sería limitada ao Fernandes da guitarra, ao Mota procurador, ao jornalista Fidalgo Martires e finalmente ás minhas amigas que quisessem colaborar na realisação da *soirée* com a sua graciosa assistencia.

Na noite marcada, o Romano, abandonando mais cêdo a redação, entrou animadamente na minha casa, sobraçando o embrulho onde trasia o indispensavel fato de odalísca.

Chegada a óra e a redusida assistencia, deu Romano principio aos seus réclamados bailes que consistiam n'um desengonçar desgracioso dos quadris e na elevação das mãos á nuca, o que nos dava a impressão de estar disfrutando urso obediente, bailando ás ordens do dono e ao som da pandeireta.

A risonha assemblêa, apesar de amistósa, rompeu n'um côro unanime de reprovação a tão desensabídos bailados.

Romano, rapasinho de pequeno buço e oculos encavalados na naríguêta, proeminente, com os dentes límosos, era um menino que, havendo recebido educação n'um

colegio de jesuitas, tinha a avaresa de viver e de tornar-se engraçado.

Retine a campainha da porta e informo-me de que está ali com as latas da ceia o possante Pisca, bicho de cosinha na *Flôr*. Era personagem familiar aos circunstantes e possuia justificada fama de ter o braço direito mais grôsso e comprido que esistia no mundo.

Foi o que valeu para não dar a sonolencia nos presentes.

O Mota lembrou-se de o mandar entrar e em energicas vóses de comando militar ordenou-lhe esercicios de recruta.

Ele, com a sua estupidês natural, cumpria e marcava passo com tal vigor de encontro ao sobrado, que o lustre tremia assustadoramente e o mobilario estremecia em convulsões de terremoto. A assistencia ria, mas eu suplicava ao Mota que não continuasse no que ele intitulava—os seus 28 dias de Clarinha.

Um inferno a que pôs termo a intervenção amistosa do carão bondôso do Martires.

Os estomagos fracos ingeriram com sofreguídão e praser a ceia modesta mas abundante. Eu, como de costume, não comi, devorei.

Os quatro ou cinco *pudings* que apareceram sacrifiquei-os á minha gula. Tive sempre uma admiração especial pelos pasteleiros.

O assucar adoça-me a esistencia e sou doida por pêras cobertas. Ao contacto da compota de ginja o meu véu palatino rasga-se em estalidos gulósos de praser.

Pastelinhos de nata, quéques, e arrôs docé familiar, amendoas torradas, chocolate e quartinhos de marmelada causam-me vertigens.

Ao licôr, confésso, abusei e o cérebro toldou-se n'um estasis côr de rosa.

As conversas tinham-se tornado ruidosas, os ditos de espirito sibilavam no espaço, cortantes e alacres.

O Fernandes pedia autorisação para se marcar, em meu preito e omenágem, uma coisa esdruxula que ele intitulava danças natívas. Concordei e logo o Romano, com a sua costela africana, sugeriu o ruidoso *rasga*. Os berros de — ao rasga! ao rasga! entonteciam e escitavam. No meu torpôr, não tinha coragem para reagir e melancolicamente, n'uma nostalgia da patria natal, murmurei: — ao rasga, pois!

Os instrumentos unidos pela direção e mão nervosa do Fernandes zangarreavam

loucamente. Todos gritavam já de pé, com o ventre recolhido e as nadegas salientes:

— Ai! ué! Ai! ué! quebra bunda, toma terra!

A voz pastosa e funda do Martires entoava rijamente:

O cabinda, na borda do rio,
Ficou espantado de vêr o navío.

O guarda noturno, funcionario notivago encarregado de velar pelo socego e tranquilidade dos moradores da sua área, tinha intervindo, solicitando menos ruído; mas, á invocatoria do Martires, afirmando-lhe tratar-se d'uma manifestação colonial, espeliu, n'um bafo aguardentado, a declaração patriotica de que se todos procedessem assim já as colonias não sofriam tanto.

Rendeu-lhe esta pacifica atitude tres copinhos de anís espanhol, que ele festejou com outros tantos estalidos de lingua.

A's 5 da manhã, o Fernandes, sedento de igiéne, reclamava que todos tomassem um banho coletívo e para isto solicitava o emprestimo d'uma banheira e dos lençoes respetívos, declarando que as abluções

deviam realisar-se ali em plena sala e cometendo-me o encargo de ensaboar todos os corpos. Irritantemente, insistia em transformar a sala de visitas em balneario grandioso.

Reagi, fís vêr a falta de compostura que o caso representava, aleguei a minha delicadesa de espiríto e a repugnancia de concorrer para a prática de um áto em que a promiscuidade era o principal fatôr, mas a nada atenderam. A ideia ateára e já o Mota, períto em buscas domiciliarias, trasía aos ombros, o cantaro com a agua e a banheira aos rebolões pelo corredor fóra.

Exaltei-me e, fula, declarei que o facto não teria realidade.

Com admiração vi compartilhar de minha negativa o jornalista Romano. Desde que a igiénica ideia tinha sido lançada, este havia-se isolado do grupo, atirando-se para um canto do salão e n'um ataque de aborrecimento e tédio disia:

— Isto é abusar da ospitalidáde; vocês sejam corrétos com esta senhora!

E cautelosamente acrescentava:

— Eu, por mim, desde já declaro que não cumpro a resolução da ideia patusca e incivil do banho!

Fernandes, convincente, proseguira no

seu designio e afirmava-me os seus desejos de, n'uma esforçada tentativa de reconstituição, faser resurgir os banhos de Cleópatra.

O entusiasmo que punha nas suas palavras, o acerto com que fasia citações istóricas e, por ultimo, a invocação comparativa dos poucos escrupulos d'aquela rainha com o esagero dos meus melindres, demoveram-me o adormecido cérebro, esausto de fadiga pelo intenso pagóde da noute decorrida.

O Romano perante a minha anuencia, fês-se mais lívido do que abituâlmente era e lançou-me um olhar suplicante, de envolta com dois:

— Pst! Pst! é urgente falarmos.

Arrastou-me para o vão d'uma janela e introdusindo-me na mão uma placa de prata de 500 réis, exclamou suplice:

— D. Fernanda! D. Fernanda! afirme ao Mota e ao Fernandes que eu já tomei banho, na cosinha...

Percebendo tratar-se d'um suborno, atirei-lhe com o dinheiro aos pés e n'uma carreira de alegria doida fui prevenir o grupo de que o porcalhão não se queria lavar.

Recebida a denuncia com uma gargahada geral, todos de pé deliberaram ir ao

encontro do Romano para o coagirem ao uso da agua.

Ele procurava escapulir-se, correndo em volta dos moveis mas, apanhado, prontificou-se, contrariado, a aceder ás esigencias de todos e vagarosamente começou a despir-se.

O que se seguiu é repugnante relatar. Mal o Romano Roís despe o casaco e o colête, o ambiente é impregnado d'um cheiro deletério e insupurtavel.

As exudações acumuladas nos sovácos, n'uma permanente e longa falha de igiéne, esalavam um cheiro pestilencial, comparavel ao que deitam os cadáveres das baratas n'uma casa velha e mefítica e eram em tal quantidade que, transpondo-lhe a lã da camisola, deixavam-na embebida de laivos esverdeados que nos davam a impressão d'uma alastradora camada de azêbre.

— Arre, que é porco! berrava-se com repulsa.

— Quem é tão sujo necessita d'uma barrela! e disendo isto empurravam-no, com violencia, para a grande banheira onde eu, piedosamente, empunhando um naco de sabão preto e uma luva de banho, esfreguei com valentía aquele corpo que ti-

ritava de frio e receio pelo emprego desabitual da agua.

— Quanto lhe estou agradecido! murmurava ele, batendo os dentes, que eu me recorde, é a senhora a segunda mulher que, depois da minha parteira, me lavou todo o corpo.

Baixei os olhos, pois esta ablução tinha, pela segunda vês, feito naufragar o meu coração a seu respeito.

A morte intempestiva d'um modesto gato, a algasarra permanentemente noturna dos meus salões, agravada com o batuque da véspera, tinham servido á maravilha para o condimento dos trópos inflamados de envenenado manifesto que a visinhança dirigiu ao Governador Civil.

Bem se via que a civilisação ainda não tinha entrado com a maioria dos abitantes da capital. Uma minha amiga e pensionista, n'uma crise banal de nervos que os contínuos miares do felino esacerbavam até ao esagêro, deu morte violenta a esse insignificante animal de tres meses de edade esmagando-lhe o craneo nas pedras do passeio fronteiro, para onde o arremessára.

N'uma terra decente este vulgarissimo caso, quando muito, afetaría apenas a

dona com o presagio de que a vida encolhe ou recúa 7 anos, quando se mata um gato e nunca serviria, como no caso presente, de pasto aos *reporters* sedentos de escreverem um massudo artigo a que, empiricamente, puseram o escandaloso titulo de «Assasinio d'um gato ou a tranquilidade da Travessa da Espera!!» E' onde póde chegar o cúmulo da invenção.

Léstamente me arranjei e sem detenção procurei na redação do *Colosso* o amavel Mártires a quem expús a indignação e revolta que o mexeriqueiro artigo tinha produsido no meio artistico do *demi-monde!* Fís-lhe vêr que nas minhas salas não havia ruídos ou *banzés*, como o jornal afirmava.

Ele, pacientemente, tudo ouviu e quando, estenuada, conclui, n'um gesto indicativo da porta, berra-me grosseiramente:

—Vá enganar outro! Então você sua pateta já nem se lembra que eu fui um dos assistentes das ultimas danças gentilicas que ali se realisaram? Gire e não me masse! foram as derradeiras palavras que a perplexidade dos meus olhos lhe conseguiu arrançar.

Aborrecida por na imprensa não en-

contrar o látego da verdade com que fustigasse a visinhança esigente, no dia seguinte peregrinei para o Governo Civil onde um inspetôr de policia, rude, me notifica sem mais preambulos que tenho redusidas 48 horas para mudar de poiso.

Aos meus rógos, ás minhas suplicas, comprime o botão da campainha e dís á ordenança:

—Ponha esta preta lá fóra.

Estava consumada a vingança traiçoeira, porque a incivíl autoridade fasia causa comum com o mal intencionado jornalista.

Sucumbi e quando vinha subindo a Rua Larga de S. Roque, n'uma crise de nervos colossal, avistei a figura gentil e graciosa do meu velho amigo Artur Estofador que, n'um balancear de quadrís, rapidamente atravessa a calçada ao encontro da minha pessoa.

Era meu dedicado amigo e um cavalheiro em toda a acéção da palavra. Profissão não lhe conhecia, mas sabía de fonte limpa que todas as minhas amigas, d'ele se utilisavam na ajuda das arrumações domesticas.

Ninguem melhor do que ele fasia a dobra d'um lençol, ao terminar o arranjo

d'esse quarto; ninguem melhor do que ele passava a ferro a roupa branca sem lhe deixar mancha ou préga arrelienta que depois contundisse a cutis da dona. Era gordinho e andava sempre barbeado de fresco. As ancas salientes, em contornos de pêra flamenga e o pé pequenino e bem calçado davam-nos a ideia d'uma figurínha gentil de pagem a quem apetecia meter na mão rosada um sangrento ramo de cravos que produsisse ruidoso contraste com esse fisico tão fino e delicado. A penugem loura que lhe roceava a pele evocava-nos gulosamente a recordação d'aqueles saborosos frutos de caroço que as Caldas tão ciosamente reteem e a vetusta Alcobaça prodigamente esporta.

— Porque vem tão arreliada, sr.ª D. Fernanda? foi a pergunta discreta e solicita que ele me lançou, acrescentando, preciso e serviçal:

— Tem alguma cousa que a magôe? Vejo-a tão raladinha!

Descrevi-lhe sucintamente a perseguição que me afrontava e ele passando a mão direita pelas aparadas e graciosas melenas, dís-me n'um rebolar engraçado do corpo:

— Ora, não se apure. Casas ha muitas

e eu esta noite ainda lhe vou tratar de todo o serviço!

Pela noute apareceu-me efetívamente o amavel Artur, o qual, cansado, se apressa a dar-me a informação de que a unica casa geitosinha era aquela que eu já abitára na Rua das Gaveas.

Como isto representava uma ascenção na escala das *Pensions*, pois a minha primeira estada ali tinha sido como modesta pupila e agora reentrava n'aqueles salões com o sonoro nome de proprietaria, concordei alvoroçadamente no aluguer do prédio.

O meu dôce colaborador n'um continuo corropio tinha concorrido com o seu trabalho e arranjos para que eu não caísse nas desagradaveis malhas d'uma desobediencia aos poderes constituidos. Em 48 óras estava tudo mudado e eu instalada no meu nôvo palacio o que fasia com que o galego Alonso, encarregádo dos frêtes, esclamasse:

—Raio, este Dom Arturio é uma *bentoínha* e não um *óme!*

Escaldada e aborrecida com estes sucessos, ímpús a mim mesma a supressão das reuniões e assim o decretei.

Como o meu espirito carecia d'outra

distração compensadôra volvi minhas vistas para o compo vasto do teátro.

N'essa calida época de verão as casas de espetáculos da capital encontravam-se quasi todas fechadas. E que o não estivessem; nem todos os teatros me serviam! A S. Carlos, fôra uma noite, ricamente vestida de sêda clara, já se vê, — os pretos teem tendencia para as côres berrantes — e constelada das preciosas joias da minha amiga Esperança.

Confésso que tive de dispender esforços sobreumanos a fim de não adormecer, pois aquela musíca não era para os meus ouvidos, feitos da mesma rija substancia que se adóta na fabricação de pentes e de botões.

Os teatros de declamação, não os entendia por causa dos jogos malabáres de palavras com que os autores, a pretesto de realisarem obras literarias, atrapalhavam tudo.

A operêta mesmo, atabalhoava-se um pouco no meu cerébro, sólido no envólucro, mas fragil no miolo.

Do espôsto resultava que apenas um genero teatral me convinha: — a revista. Com o seu perpassar constante de figuras, sem fio de ação, quasi, ou tão ténue que

não me era dificil seguil-o, agradava-me em estremo e conseguia saír do teátro sem dôres de cabeça e com a certesa de passar noite tranquila e livre de maus sonhos gerados pelo que vira.

Mas, por meu mal, em nenhum dos teátros de Lisboa se representava então a revista. Tive porém, uma inspiração: na Feira havia casas de espetáculo e representavam-se ali aquelas peças.

Iría pois á Feira d'Agosto, que no topo da Avenida abria ao alfacinha, encalmádo, o piso suave dos seus arruamentos, pitorescamente ingremes e bem iluminados.

Tomando o eletrico da carreira do Rio de Janeiro, apeei-me na rua Alexandre Erculano.

Vista d'ali a Feira, atrâi, n'um deslumbramento. Os numerosos renques de lampadas elétricas, põem na escuridão da noite rosarios de fogo. Os grôssos glôbos de lús Osram jórram claridades cruéis sobre o saibro das ruas e reflétem no firmamento clarões de incendio, que de longe nos apavóram com a ideia de que a Feira se tivésse transformado n'um vasto braseiro. E' o réclame pela lús, um dos mais eficâses e que maior poder de áção tem sobre as multidões.

Ao aproximarmo-nos pensamos que *aquilo* deve ser bonito lá dentro e quantas vêses esta sugestão não terá chamado, n'um apelo violento, o passeante que camínha n'um rumo de acaso!

Entrei. O ruido ensurdecia-me e o movimento de gente dava-me tonturas. Nos balcões das barracas de argolas e nas tômbolas acumuláva-se uma multidão anciosa de esperimentar a sorte.

As barracas de quinquilharias e de brinquedos atraíam as creanças que suplicavam a compra de um bonito, com sofreguidão comparavel á dos frequentadores, sequiosos, das cervejarias.

As carreiras de tiro, os teátros de fantoches e os animátografos uniam-se n'um pandemonio infernal para fasêr ruido e desentranham-se em musica bárbara, em barulhos estranhos e no incomodativo troar do canhão, que parece ser uma necessidade para sacudir os nervos lassos d'esta raça cançada, que se dessóra e só vibra com as comoções violentas.

Na atmosféra páira um cheiro pestilencíal feito de carboreto queimado, do fartum das sardinhas assadas e do aseite requeimado na manipulação da infecta pestisqueira que dá pelo nome de *farturas*.

Mas, apesar de tudo, o local é frequentado pela rasão, simplissima, de ser um ponto de reunião onde se vae para vêr e ser visto.

N'aquele vasto recinto da feira, em barraca puchativa a fóros de civilisação, encontrava-se instalado o teatro usufruidôr do nome da desventurada artista Julia Mendes. Uma peça a que a juventude irrequieta dos autores tinha posto o nome de «Zig-Zag» chamava todas as noites publico abundante e buliçoso.

Na ancia de distráção, foi impelida para aquela platéa e ao levantar do pano os meus olhos fixaram-se no corpo sádio e cheio do *compère*, que era desempenhado pelo atôr Alvaro Cabral.

Este artista possuía o segrêdo captadôr das multidões e, assim, com facilidade apreendia a amisade dos *habitués* de teátro.

As graças sêcas e muitas vêses esageradas que pronunciava eram por ele ditas com tal vivacidade e realce que lhe garantiam o sucesso.

A fertilidade do seu espirito e a insistencia com que me arremessava o que, vulgarmente, se chama piadas indirétas — tinham estabelecido entre nós um fluido amorôso que se esteriorisáva de todas as

vêses no segundo espetaculo, a que eu nunca faltava.

Vinte e seis noites sacrifiquei o meu repouso ao culto intimo d'esse fluído, na assistencia maquinal a recitas que, para mim, se sintetisavam, apenas, no aparecimento d'aquele que me tinha estonteado.

Abandonei n'esta crise comtemplativa o governo da minha casa e como consequencia fatal começaram de aparecer os ralhos, as disputas e as censuras d'aquela gordanchuda modista de chapéus, que apesar do seu viver recatado, não tinha tido escrupulos, n'uma vertigem de interesses ambiciosos e mal reprimidos, em associar-se comigo para a esploração da nova *Maison Meublée*.

Não considerava esta creatura que a parte mais odiosa e dificil da administração da casa estava distribuída á minha pessôa e que eu, dia a dia, avariava a minha saude e o meu físico na luta estenuante de interminaveis noites perdidas, na conquista pessoal dos sórdidos mil réis que lhe iriam atulhar o insaciavel e avarento estomago.

Não considerava que a minha educação, conquistada no convivio da civilisação, reclamáva, de braço dado com a ardencia

do meu temperamento, a distração e os prasêres necessarios a uma permanente bôa disposição de espirito. A resposta era simples e fácil. Ela só vivia para os cúpídos patácos que queria pontualmente receber e n'isso se resumia a onestidáde do seu agiotico proceder, tapando tal torpêsa aos olhos papalvos do mundo com o rótulo modésto e onrado de esimia modista de chapéus.

Ah! eu vim ao mundo gerada sob um *signo* de perseguidora fatalidade e até esse inteligente e graciôso artista se olvidou de que, com a séta despedida todas as noites pelo seu olhar bréjeiro, eu podia ter sido fulminada para sempre.

A rôlha de cortiça, quanto mais a recalcam para o fundo insondavel do mar, mais ela, teimósa e revoluteadora, vem ao de cima. A minha vída equipára-se a esse pequenino e util objéto.

Reagi, orgulhosamente, e disse á gananciosa modista:

— Governe a sua vida, que eu procurarei faser o mesmo.

E, n'um assômo de independencia, abandonei-lhe a casa da rua das Gáveas, com tarécos e tudo.

CAPITULO IX

Um caráter—Bailarina negra—Paris!—Um guarda civico—A minha gramática

O Luís das Camisas é um personagem baixinho, raquítico, com a espinha curva, a quem os pés, avantajados, servem de base ás pernas trôpegas.

Sempre bem vestido, os olhinhos pequenos e buliçosos revelam-nos creatura espérta em manhas encapotadas e saloias.

A fala em falsête, a que dá abundante uso, justifica plenamente a fama que possue de invertido e de creatura dada a mexericos de senhoras visinhas.

Nada fás. A sua unica distração é corropiar diariamente pelas casas que mobíla e aluga ao tráfico indigno da escravatura branca.

Os seus sistemas e espedientes são sim-

ples e resumem-se a *trabalhinhos*, sempre dentro do Codigo.

Senhora que queira ascender ao miser de dona de casa, encontra n'este vampiro o seu permanente martirio.

Vende o mobiliario velho e caduco, aluga a casa para a instalação, tudo pelo preço esorbitante do comerciante que contrata com individuo de quem pouca solvabilidade espéra.

Decorrido este primeiro áto, como a compradora não tem dinheiro, de pronto, para o pagamento, aluga-lhe todos esses objétos e a casa pelo preço diario que se fixa.

Feito isto, o negocio instála-se e á proporção que os lucros da esploração aparecem, o primeiro dinheiro é para pagar a locação ao nosso eróe.

Como o preço da venda é esagerado e fantástico, se a *senhora* sucumbe na tentativa, ele toma conta do crónico mobiliario, guardando em si o que poude apurar.

Se o negocio dá e o seu olho, perspicás e contrariado, vê aproximar-se o final do pagamento e, como consequencia, a pósse definitiva de tudo para a sua vítima, não lhe recebe, por esquecimento, ou por falta de tempo, as derradeiras prestações e

apressa-se egualmente a tomar conta do que ele, continuamente, chama seu.

Esta verde creatura conseguiu descobrir o que até oje tem sido impossivel a muios sabios: o verdadeiro motu-contínuo.

E' o que se chama um autentico cigano em negocio e a alcunha de Luis das Camisas vem-lhe da sua velha consorte ser mestra ábil no fabríco d'aqueles artefactos que ele egualmente impinge á sua freguesia por preços ultra remuneradores.

Foi a esta figura, a esta limpida consciencia, que eu me entreguei pela força das circumstancias.

Espús-lhe a situção e ele, entre amavel e dedicado, prestou-se a auxiliar-me, n'uma saraivada de protéstos, de soléne e nunca esistido desinteresse.

Não havia mais remedio senão conformar-me, entregando o meu declinante futuro a esta arpía.

Não tinha outro recurso a esgotar e era urgente instalar-me n'uma derradeira tentativa de resurgimento, tanto mais que a edade ia avançando, sem obstáculos.

Na afunilada rua dos Mouros, em rés-do-chão e primeiro andar, confortaveis, de

um predio interminavelmente cinsento e de boa aparencia, instalou-me o meu pretavel Luis a casa.

A mobilia, de valor discutivel de réis 400$000, foi-me vendida por ele ao preço pechinchoso de 1:500$000 mil réis.

As despêsas de renda de casa, gás, água, etc., adicionadas ás do mobiliario, davam uma quota fixa diária de 3$000 réis, que eu tinha e tenho de entregar a tão clemente negociante.

A estreia das salas foi animada e uma interminavel bicha de automoveis, com o ruído das suas busínas e a lús branca dos faróes, alvoroçaram a triste e socegada rua.

As evoluções que estes veículos tinham de esecutar para se afastarem da estreita e suja artéria, recordavam-me, no escuro da noite, navios monstros em manobras de guerra.

O Luis, com escessivo cuidado, comparecia diariamente, n'uma perseguição delirante, em busca do que ele classificava de *seu rico dinheirinho.*

O negocio ia rendendo e eu, mais reservada, olhava cuidadosamente o seu desenrolar.

Tinha posto um frágil dique ás corren-

tes devastadoras e desordenadas do meu coração. N'um retraimento íntimo, impunha a mim propria o odio e o desprêso pelos meus semelhantes e só procurava no interesse o bálsamo compensador de tanta amargura.

Assim condusia a vida, n'um isolamento a que era necessario dar distração, mas de ordem e categoría pacáta,

Um dia, estava eu em casa sofrendo as consequencias de cruel aborrecimento.

Sabe o leitor o que esse estado representa, em geral, para a mulher?

A platafórma d'uma tolice.

De que me havia de lembrar?

De aprender diferentes bailados, a fim de ir dançar para Paris.

Porque não?

Nas danças carateristicas da minha terra ninguem me deitava a barra adeante.

Aproveitando, pois, as disposições naturaes, desenvolvidas pelos aturados treinos em que me empenhára e que haviam tido a vantagem de me desenvolver os músculos e cartilagens dançantes, podia facilmente atingir as culminancias da Arte.

Pensado e feito.

Mandei chamar uma professora de baile

e eis-me aprendendo os passos, requébros e tregeitos que a *maestra* me insuflava com enorme dificuldade, ao contrario do que se me afigurára, porque os músculos tinham perdido a agilidade, nos movimentos pesádos do *rasga* e nas voltas langorosas das *mórnas*, danças um pouco diferentes do agitado *bailar por lo fino.*

Entretanto, proseguiam as lições, mas os progressos eram negativos, porque a verdade era que eu estava um pouco antiga para aquelas contorsões, que requerem a agilidade d'uma rapariga, ou melhor, de uma criança, pois é na infancia que se preparam as mais notaveis bailarinas.

Nunca tive tão bom ensêjo de verificar a veracidade do proverbio: — «Burro velho não aprende linguas».

O que eu intitulava a minha *aprendisagem de baile* tinha, desde já, uma utilidade imediata: não ia ninguem a minha casa que lhe não anunciasse o grande acontecimento e o projéto que acalentava de ir dançar para París, com um contrato rendoso, pudéra!

Aqui para nós, eu começava a duvidar um pouco da sua realisação, mas deixal-o! o efeito estava produsido e nos centros

de cavaco, onde é costume passar-se em revista os acontecimentos da atualidade, falava-se de mim e do meu famoso projéto.

Era o que eu queria.

O que pósso garantir ao leitor é que não havia nada mais interessante do que a ostentação dos meus progressos, que exibia, perante os frequentadores da minha casa, em roupão e chinelas de marroquim, ao som d'uma pseudo *petenera*, que eu entoava com este fiosinho de vóz que possúo, pequenino, mas muito desagradavel, e que dá a impressão de que acabei de beber vinagre.

Só lhes digo que o policia de serviço na rua, ao ouvir entoar a minha *petenera*, até rangia os dentes, com o entusiasmo.

E os espéctadores?

D'esses, uns riam a bandeiras despregadas, outros mostravam uma cara de quem acabou de engulir um marmélo asêdo.

E' que não percebiam.

Frequentava eu a minha aula de dança havia seis mêses, sem resultados muito apreciaveis, quando um dia, ao esecutar um passo dificíl, terminei-o antes de tempo, estatelando no chão a parte mais carnuda do meu corpo.

Então a *maestra*, furiosa berrou-me:

—*E's usted mui torpe y con una discipula asi, yo me escapo, su burra!*

Saiu pela porta fóra, como uma malcreada, que era, e nunca mais voltou.

Seria esquecimento?

*

* *

Já não parecia a mesma. A ancia de esteriorisação que durante a mocidade me tinha espicaçado, amortecêra e eu transformára por completo os meus ardôres espetaculosos em vida modésta e tranquila, n'um apuramento permanente de recursos que fossem saciar o tonel das Danaides do roceiro Luís.

Intuitivo, pois, se tornava alterar o meu físico e o aspéto das minhas *toilettes* imprimindo-lhe um cunho de reservada seriedade e compostura.

Uma amiga intima, Ana Cienfuegos, gaditana legitima e cançada em esgotamentos amorosos, residia no 3.º andar do prédio e era creatura assisada que no negro dos seus vestidos tinha encontrado a côr cauterisante para as desilusões que largamente a apoquentaram pela vida fóra.

Era a minha confidente, era como que o cofresinho secreto onde mergulhava o capital das minhas amarguras.

Identificada com os meus intuitos regenerativos e transformadôres lembrou-me o recurso ás *toilettes* negras e que, como nota de destaque a tanto escuro, recorresse ao emprego de tintura loura, para transformação da côr nata da carapinha. Concordei porque não queria arriscar-me á confirmação irrisória e classificativa que um esturdio qualquer me tinha conferido de parecer um sofá revestido de crina, quando envergava trajos escuros.

Assim, como me sugeria, ficava bem. O alourado contrastava com a severidade do fato e da côr. Ela, perita em matérias córantes da zona pilósa empunhou lestamente a garrafa do oxigenio e o frasco do incomodo amoníaco e com uma escova de *toilette* vá de esfregar a emaranhada e arâmica cabeleira.

O emprego esageradamente esuberante do amoníaco produsiu-me tonturas orriveis e o cabelo, em vês de louro, ficou n'um tom fulvo, alaranjado, de *manga* brasileíra. Não me aborreceu o facto porque assim o destaque tornava-se vivo e fóra do vulgar.

A sociedade dos frequentadores era escrupulosamente escolhida e amavelmente prevenida de que o ruído escessivo não era do meu agrado.

Um mocetão formoso e de apolinea estampa, que esercia o mistér de banqueíro n'um luxuoso casino da Avenida, tentava, com uma paciencia beneditina, tecer a teia envolvente do meu coração. Inabalavel ás minhas resoluções graciosamente me recusei. O meu reservado aféto tinha agora ambições restrítas e patriarcaes e era dirigido, cautelosamente, para um gentil guarda civico que todas as tardes pacientemente patrulhava a rua.

Não tinha o cunho das grandes aventuras, mas possuia a segurança individual d'uma tranquila e intima lua de mel que ele, pela onra do seu cargo, estava inibido de revelar.

Abandonei-me cautamente a estas relações, mas ele, n'um crescendo assustador de esigencias, quís traiçoeiramente atacar-me em pontos vulneraveis, mas reservados, do que vaidosamente se foi gabar para a esquadra a que pertencia.

Dei-o ao desprêso insultante que esta atitude incivica requeria, despedindo-o n'uma locução vibrante e cheia de sinceridade.

O incidente não merecia mais importancia, mas constituia um prudente aviso para recuar prontamente ao retraimento primitivo.

Influenciada ainda pelos conselhos dedicados da Cienfuegos, que não se cançava de me insinuar delicadamente que era urgente e inadiavel que educasse o meu espirito inteligente no aperfeiçoamento e pronuncia da lingua e da escrita, resolvi entreter os ocios n'uma aprendisagem vernácula e correntia do que uma dama do tom não deve ignorar.

Os meus principaes e unicos defeitos consistiam em não saber lêr e escrevêr, agravados com a forma errónea e desagradavel com que esprimia alguns vocabulos, confundindo e misturando tudo, infrigindo elementares regras de concordancia e abusando esageradamente do emprego do calão.

Assim era vulgar para os meus familiares ouvirem-me disêr convictamente — *vou dar ar á pluma*, em substituição do comum — vou passear. — N'uma inconsciente mescla arreglativa d'uma lingua impossível de classificar, eu, desabaladamente, ao despedir-me de qualquer indivíduo de categoria esclamava: — ó *rivaréche massiú!*

—em logar do correto e italiano, *ó rivedére* e do vulgar francês *monsieur*. Descabeladamente, em pequenas classificações de estrangeirados mistéres e objétos eu era fértil em chamar *chanfur* ao *chauffeur* — *chassôr* ao *chasseur* — *sotenur* ao *souteneur* — *penantif* ao ornamental *pendantif* — *escadéra* á vulgar cadeira — *almirante* quando queria referir-me a construção elévada e revestida de sacadas que dá pelo nome de mirante—*pitrolino* em troca corrupta do popular e fedento petroleo—o *encanalisador* ao indicar o classico trabalhador de canalisações — e até, d'uma vês, vendo uma pupila desfasêr uma réstea d'alhos eu esclameí:

— Não *escangaia o zaio.*

N'outra ocasião, parafraseando a minha amiga Cienfuegos, eu disse, n'um dia de nervosismo: — sinto-me *cachonga*, e recordo-me das seguintes frases que proferi, e fiseram as delicias dos frequentadores da casa:

— O' Dôres, vae ali á do *Ramis*, que é ao pé do *Mundi*, e trase-me uma dusia de *alpercigues*; não deitem para a rua *ortelice* por causa da *murta* do *pelice*, e finalmente, referindo-me a moda que então fasia furôr: tras-me as minhas *prainas*.

As regras da concordancia sofriam tratos de polé com a construção de frases d'este jaês:

—Estou *paixonada* pelo Perninhas de *Arame* que fas o *compasso* da peça—e realmente estava-o pelo simpatico Perninhas de Aranha, o *compère* da revista *Zig-Zág*; a lingua de Cabo Verde *são* como a lingua portuguesa.

Mas, onde estas diabruras atingiam um aspêto de inescedivel chuchadeira era quando, n'uma ínsistencia ridicula, eu suprimia as silabas iniciaes das palavras, tornando-se vulgar eu diser: sôpa *petitosa*, quarto *pendente*, estou *demirada*, o *tomóvel*, o *baixo sinado*, etc.

A significação dos termos tambem merecia alguns reparos. Estive durante muito tempo convencida que o *roast-beef* de que ouvia falar nos *restaurants* não era mais do que o caseiro arrôs de bife, de cuja manipulação eu possuia tambem o segredo.

Duraram, porêm, pouco os meus anceios educativos porque não havia forma possivel de me entregar pacientemente aos estudos.

O temperamento esigia-me distração e eu, escrava toda a minha esistencia d'ele,

não podia resistir a vida intensa dos grandes centros.

Como o leitor atento viu, durante a minha esistencia demonstrei que o prestigio da farda não é indiferente ao meu espirito.

Não sei em que fenómenos psicologicos deva estribar esta modalidade do meu ser, mas creio que não andarei muito longe se lhe procurar filiação na tendencia acentuada que os individuos da minha raça teem para as côres brilhantes e vivas.

Dedicára-me, porém, sempre ao Esercito, não contando ainda no meu ativo nenhum membro da Armada.

Não que eu não ambicionasse redúsir á impotencia, pelos grilhões do amor, algum individuo da garbosa corporação, mas ainda o não conseguira, porque para essa classe não representava eu a novidade, que era o principal triunfo dos meus jogos gloriosos, pois quando manifestava os meus arrebatamentos, todos á uma me declaravam estarem saturados da Africa.

Um encontro furtuito, n'um café, trouxe-me o que eu desejava.

Certa noite em que me encontrava no *Suisso*, a saborear um refrigerante, notei um mancebo que, n'uma mêsa ao lado,

falava em vóz alta n'um grupo de consumidores.

Eu não percebia muito bem o que ele disia, porque se esprimia n'uma linguagem pitoresca, embora portuguesa.

Alguem que intorroguei, informou-me:

— E' um rapás muito valente, da marinha. Tomou parte na Revolução.

Ao ouvir estas palavras, tratei logo de pôr em pratica os meios de sedução de que dísponho, e tão bons resultados obtive que d'aí a pouco estava o gracioso rapás sentado junto a mim e convidava-me a repetir o refresco.

Entabolámos conversa e gostei d'ele.

Era baixo, delgado e simpatico.

Toda a sua pessoa respirava energia e corágem.

O bigode, fino e escuro, encaracolava-se nas pontas, e o olhar era vivo e ardente.

Para encurtar, direi que manobrei de tal maneira que d'ali a pouco dirigiamo-nos a minha casa, n'um *coupé* que ele, dispendíosamente, alugára.

No caminho estreitei-lhe a mão e perguntei:

— Como se chama?

Ao que ele respondeu, simplesmente

— João.

Subindo a escada, recordei-me, porém, de que devia lá estar, esperando-me, aquele a quem eu chamava o *meu cadete*.

Era um estudante militar da Politécnica, que me entusiasmára por possuir um bigode arruivado que disia bem com o fulvo oxigenado do meu cabelo e me recordava a côr de identico ornamento do meu Schackman.

Que resultaria se se désse o encontro do meu cadete, que eu sabia têso e irrequieto, com a minha conquista de ocasião, em quem presentia um carater indomavel?

Confesso que me percorreu a espinha um calafrio de receio.

Mas, para grandes males grandes remedios, e eu sou a mulher das ocasiões.

Bati, e logo que a criada, a Dôres, me abriu a porta, eu, vedando-a com o meu grande corpo, perguntei-lhe, baixando a vóz:

— Está cá o cadete?

Ao que ela respondeu:

— Está.

Então ordenei, alto:

— Acende a lús da casa de jantar!

E para o meu companheiro:

— Vocencia tem a bondade! Por aqui...

E condusi-o pelo corredor.

A Dôres, logo que o gás iluminou a face do meu novo capricho, chamou-me de parte:

— Então a senhora trouxe o João Lucifer?

— Qual *Lucifra*, contestei eu, é um oficial de marinha!

— Não é, não senhora, teimou ela, o que ele é, é marinheiro!

— Não é tal! gritei eu, já enfadada.

— Pois bem, retorquiu, faça a senhora o que quisér, depois não se queixe. Olhe que ele é danádo.

Não fís caso, e depois bem me arrependi de não seguir os conselhos da minha fiel Dôres.

Voltei para ao pé do *meu* João e embebi-me com ele n'uma conversação interminavel.

Entretanto iam chegando os abituáes frequentadores da casa.

A certa altura, eu não sei como aquilo foi, parece que um desconhecido, embriagadissimo, tentou forçar a entrada, chegando mesmo a lançar as mãos ao pescoço da Dôres.

Esta gritou, os concorrentes da casa

acudiram e, na tentativa de espulsarem o intruso, embrulharam-se todos â pancada.

Os gritos das pensionistas atroavam os ares e a escada começava a encher-se de gente, atraída pelo ruido.

N'esta ocasião é que tive ensejo de apreciar que não era usurpada a fama de valente que fasiam ao meu João.

Ao ouvir aquele tremendo barulho, galgou o corredor em dois pulos e em ceroulas.

O cadete, que tambem correra e que tinha percebido a minha traição, disse-lhe qualquer coisa desagradavel; engalfinham-se, e este novo duelo avultou o enorme tumulto.

A batalha generalisou-se no acanhado corredor e só terminou pela intervenção da policia, que, a muitos rogos, acedeu em não manter as prisões que efetuára nos primeiros momentos, devido á muita consideração que a minha casa lhe merecia.

O resultado, porém, d'este escandalo monumental, foi a indignação da visinhança, invejosa da brilhante concorrencia dos meus salões, e o consequente abaixo assinado ao senhorio, que prontamente lhe deu deferimento, notificando-me a intimação de despejo até o fim do semestre.

CAPITULO X

Volto ao local do sinistro — Um autógrafo — «La arte de ser bonita» — Casamento simulado — O "Pae Paulino" — Avisinha-se a decrepitude — Finis

Desde que pude avaliar as vantagens de se ter o nosso *home*, nunca mais quís prescindir d'essa comodidade.

Estava farta de saber o que era a peregrinação pelos quartos de aluguer, aturando patrôas gananciosas, que procuram o maior ganho a trôco da menor prestação de serviços.

Abitações acanhadas e quasi sempre pouco igiénicas, com um mobiliario do tempo do arrôs de 15, que me vexava, quando ali queria receber algum cavalheiro que a sorte providencialmente me deparava, nos meus passeios, sem itinerario, pela cidade.

Mas, acossada pelo decreto irrecusavel

do senhorio da rua dos Mouros, eu via-me forçada a procurar alojamento fôsse onde fôsse, para não cair sob a alçada das leis, que cominam, para o delito de vadiagem, uma forçada escursão até á minha terra, onde eu não tinha vontade alguma de tornar.

N'estas circumstancias, fui avisada de que se encontrava devoluto a casa das Gáveas que eu já por duas veses abitára, a casa fatidica, com a sua istória tenebrosa, a que se ligavam dois crimes, e que, decididamente, era para mim fatal, pois ia ocupal-a pela terceira vês, á falta de outra.

E conheci, então, a semsaboria de uma mudança feita no final do termo, com o chocar dos tarecos que sóbem e dos tarecos que descem, por entre os impropérios do inquilino que entra e do que sae.

E tudo isto á meia noite d'esse dia arreliador de 31 de desembro, no qual, em régra, a chuva burrífa, desoladoramente, o arranjinho de cada um.

No dia 1 de janeiro de 1911 encontrava-me, pois, de novo, instalada nas Gávas, tendo de defrontar-me mais uma vês com o terrivel problema de canalisar para ali a clientela dos meus salões, o que não era

facil, dada a sistemática oposição que a imprensa fás contra réclames d'esta naturêsa.

Havia apenas o recurso á tradição oral e á destribuição furtiva da *carte à visite* onde ao meu nome, litografado em fino cursivo inglês, se seguia a designação elucidativa de *artista de baile*.

Sentia-me satisfeita por estar na *minha* casa e portanto em arredar a contingencia de ter de pernoitar por vêses na travessa do Fala-só, nome que é um contrasenso, pois tal áto, n'aquela rua, pratica-se, em régra, de companhia.

Não mais veria, pois, a porta de um só batente, onde o puxador pôe um traço que relús cruamente na treva; essa porta que se entreabre cautelosa, para deixar enxergar a figura doméstica do Caldeira, em roupão, que mal disfarça a ceroula vulgar, de flanela e as babuchas mouriscas de cordovão pataqueiro, estendendo a mão oleósa e rapáce, ás duas rodelas, onde se estampa a efigie do ultimo, penultimo ou antepenultimo monarca d'este país, que gostosamente os dispensou. E não mais contemplaria a pletórica galeria de quadros, aproveitados de coloridos jornaes galegos, o que levava um amigo

meu a diser que aquilo não era uma galeria, mas, sim, uma *galegaria*.

Considerava-me, pois, senhora do meu naris e da minha casa, se bem que o meu forçado socio Luiz Camiseiro se não esquecesse de demonstrar-me que o estabelecimento era mais d'ele do que meu, pela captação obrigatoria dos tres mil reis diarios, em cujo pagamento não tinha licença de me atrasar.

A sórte, porém, bafejou-me e os réditos mantinham-se n'uma cotação elevada, que me permitia fasêr a vida elegante do *demi-monde*, sempre acompanhada de algumas das minhas pupilas, a cuja desenvoltura e petulancia não fasia falta a carencia de instrução literaria, porque de toda a outra tinham elas, e da melhor.

A visinhança mordia-se da mais vêrde e vêsga invéja por vêr que os meus salões eram grandemente concorridos, por tudo o que o Brasil e a Africa esportavam de mais elegante e endinheirado, tradusindo-se essa romaria no estadear de carruágens e automóveis, que formavam bicha á minha porta.

As minhas comensaes concorriam tambem, decididamente para o brilhantismo das recéções.

Nunca tive de lamentar-me da sua convivencia, excéto de uma vês em que uma, de nome Julieta, me causou a grande semsaboría que consta da seguinte carta:

Sr.ª D. Fernanda

Escrevo-lhe esta com o fim unico de lhe participar que tem em sua casa uma pupila que francamente me causou admiração com o seu procedimento da noite passada; o que lhe vou contar.

Como combinámos levei na minha companhia as suas duas pupilas a ceiar, francamente uma d'elas, (a alta) que penoso é escrever-lhe n'este sentido, mas como a D. Fernanda tem tido sempre em sua casa pupilas educadas e que dão gosto de passeiar com elas como prova a pequenina que foi conosco, admiro-me bastante que a mais alta logo que lá chegou, fosse para a cosinha brincar com os criados e tirar frútas e amendoas torradas, o que me custou bastante, depois lhe ter dito que podia pedir tudo quanto lhe desejasse.

A scena passada no trem foi unicamente para que ela nos não comesse por tolos.

A unica que perdeu com isso foi a senhora; que me custará bastante a senhora não me abrir a porta quando lhe fôr procurar.

Sem mais creia-me

Sempre Am.º e Ob.do

F.

P. E.—Esquecia-me contar-lhe que ela se portou tão indelicadamente para comigo que tive que lhe atirar com uma galinha á cara, scena esta com que fiquei magoado; não fui ficar a sua casa, em todo o caso se tem perdido alguma coisa qúeira escrever-me para o Café Martinho

Sou

F.

Por outro lado, as forças vivas da nação enviavam-me tambem os seus delegados, que em minha casa encontravam compensação ás agruras de uma vida trabalhosa.

E posso disêr com vaidade, os meus vestuarios ombreavam com o que de mais distinto e *rafiné* tinha Lisboa, mercê de um segredo que vou desvendar, n'este intuito de sinceridade que tem constituido esta minha *confissão geral.*

A minha modista, que alguns frequentadores da casa se obstinavam em denominar, plebeiamente, de *contrabandista*, gosava da privança de senhoras da alta sociedade, as quaes lhe relegávam, por preços ridiculos, formosos vestidos que ela me canalisava, com modesto lucro, o que me permitia figurar com vantagem em todas as féstas, embora em segunda mão, o que ninguem sabía.

Este segredo foi avváramente guardado durante muitos anos por nós ambas e só o revélo agora, que me sinto no declinar da esistencia, para ser util ás debutantes, que na sua ingénua incipiencia, são, em regra, pasto da voracidade interesseira de todos os vampíros das regiões orisontaes.

Uma noite levaram-me a um club conhecido pelo nome de *Instituto*, modesta

agremiação de rapases simpaticos e insinuantes, cuja instalação, se bem que cuidada, não merece menção especial.

Passei as óras que ali estive agradavelmente e mais uma vês o meu pobre coração era trespassado pela séta erváda do capricho.

Apaixonei-me, doida e muito transitoriamente, segundo o meu costume, por um rapás chamado Peres, o qual me declarou que eu jámais partilharia do seu tálamo, se, em um dia marcado para simulado casamento, me não apresentasse entrajada em fresca *toilétte* de noiva, a que não deveria faltar o tradicional véu e a respetiva corôa de flôres de larangeira. Nem um momento pensei na loucura que semelhante esigencia poderia conter e tendo selado o pacto com um monumental *Aihué*, emquanto apertava a mão do meu tirano n'um espressivo *shake-hands*, recolhi a penates, resolvida a levar o projéto por deante.

No dia seguinte chamei a *contrabandista* a capitulo.

A velha megéra concertou comigo o fornecimento de uma vestimenta de virgem, usada, que me deveria ir a matar e de uns sapatos novos, que o sapateiro, de-

tentor da medida das minhas toêsas, teria de fabricar para a noite da cerimonia, tudo a troco de cincoenta mil réis que me vi grega para arranjar. Ai, amôr a quanto obrigas!

Correram as coisas muito bem até ao almejado dia, tendo os fornecedores cumprindo integralmente os seus compromissos.

Quatro óras antes da marcada para a apresentação já eu, cercada de três servas, procedia á minha *toilette*, para o brilho da qual muito concorreram os conselhos e colaboração das minhas pupilas e amigas, perítas na arte dos enfeites.

O que principalmente me agradava, no áto de envergar o candido vestido e inerentes atavíos era a ideia de que não morria sem ter sido noiva, facto que se não déra nem na ocasião do meu rapto pelo bojudo capitão de navios, Jeronimo Martins, nem a quando do casamento com o trangalhadanças que dava pelo nome eufónico de Frederik Wilhelm von Kremps.

E' bem certo que nunca ha felicidade completa!

Lá estava a „pelica branca dos sapatos nóvos a comprimir os meus pobres *catrunhos*, fasendo-me vêr as estre-

las, apesar de ter a janela fechada. Emfim, lá se acabou o inglório trabalho e eis-me a caminho do *Instituto*, em fôfo *coupé* que eu mandára buscar á praça e á pressa, para n'ele albergar das vistas indiscrétas o intempestivo vestuário, que, áquelas óras e em mim, podia ser tomado por trajo de mascara.

Recebida pelos socios do *Instituto*, que, só agora, se convenciam de quanto eu era capás, pois nunca tinham chegado a acreditar que désse cumprimento a uma combinação feita n'um momento de alegre desenfado, fui muito felicitada por eles e, assim vestida, tomei parte na opípara ceia que devia preceder os meus esponsaes. Terminada esta, dançou-se, — eu com dificuldade por causa dos pés; sempre estes malditos joanetes!—até que soou inesorável a óra da retirada. Procurei por todos os cantos o meu Peres.

Tinha-se passado!

*

* *

Esta nova desilusão, lançára no meu espirito a primeira duvida sobre o valor real do que eu convencionára, no fôro intimo, cognominar de — os meus encan-

tos. Dias depois, porém, restabelecia-se a confiança abitual, ao ser-me declarado pelos consocios de Peres que a fuga d'este fôra motivada pela dissensão intestina, travada entre a acidês do Colares e a brandura láctea do pudim de Flan.

Cada vês procurava alargar mais a minha esféra de influencia e o circulo das minhas relações, pelo que aceitei o convite que graciosamente me fiseram para gosar uma *soirée* no *Club dos Ratos.*

Esta agremiação, a despeito de mascarar os seus intuitos com a taboleta de club carnavalesco, não passava, porém, de uma tavolagem onde os pontos eram atraídos pela promessa de brilhantes diversões, a que não era estranho o galanteio, cujas carateristicas, aleatorias como as do jogo, lhe davam logar, que não era usurpado, n'um templo sagrado sob a égide do deus Asar.

Este arranjo não era isolado em Lisboa, onde mais esemplos frutificavam, quasi nas barbas paternaes da policia, como o *Club Universal*, apesar da campanha intentada para a sua estinção, pelo *Petardo*, o rijo orgão d'um partido que inscrevera no seu programa politico o combate sem treguas contra o jogo.

Ao meu espirito frivolo de mundana acudia todavia a idéa de verberar em apóstrofes indignadas, o procedimento de certos socios, encarregados pelas bancas de angariarem patos, cuja plumagem, embora na sua maioria fosse avultar a aurea almofada em que se recostavam os da empresa, deixava no entanto algumas penas nas algibeiras dos intermediarios.

Recusei sempre a minha mão a estes industriaes pouco escrupulosos e cheguei a pensar em constituir uma sociedade com o mesmo fim, que se denominaría *A mão negra.*

Feita esta digressão, que é, por assim diser, o natural desabafo da minha indignação, passo agora a faser a critica d'essa *velada* na parte coreográfica galante e alimentícia, unicas que me interessavam e que fasem mover, de casa, o meu espésso corpo de creôla isteróide.

O club está ínstalado com um luxo pesádo e sóbrio que revela a prosperidade da lucrativa empresa.

E' dificil senão impossivel, suspeitar-se, da rua, o que se fás ali dentro. Pelas cálidas noites de agosto o passeante que transite descuidado pelo largo do Picadeiro, verá apenas um grande casarão, cujas ja-

nelas se iluminam largamente, excéto as do ultimo andar.

No vestíbulo, um guarda-portão de bom estilo afasta o guarda-vento sempre que entra alguem, n'um gesto corréto. Dois lanços de escada a subir, uma porta a transpôr e eis-nos na sobre-loja onde está instalado o bufete, a casa de jantar e os escritorios. O serviço do *restaurant* foi adjudicado ao velho Lopes, do Sílva do Chiado, que se desempenha do encargo com lucros certos, agora, em que as ceias foram impiedosamente relegadas para os clubs carnavalescos, que não teem, assim, de temer a concorrencia das casas de pasto. Os pseudos intuitos de morigeração de costumes, afixados por um governador civil de estomago raquítico, tiveram apenas este resultado: — conceder um monopolio disfarçado aos clubs, que lh'o devíam agradecer, nomeando-o socio de mérito, com inauguração de retrato e foguetes.

Por oculta escada de caracol, tambem vedada por uma porta, sóbe-se ao primeiro andar, onde estão as salas de baile, o *smoking-room*, o *toilette* das senhoras e uma sala para jogos.

Em cima, no outro andar, o tal que

não ilumina, estão os salões de jogo, que não posso descrever porque nunca ali pús os pés. Apenas notei que os sujeitos que para lá entravam, saíam em geral com o ar contristado de pessoa a quem não corram bem as coisas.

Outra observação que me chocou foi que os cavalheiros que estavam comnosco nos salões de baile, não se divertiam francamente, mas, sim, com o aspéto de quem está sempre de ouvido á escuta, e de tempos a tempos escoavam-se para a portinha que dá acesso ao andar superior, a qual se abria rapidamente para os tragar, como um alçapão de magica. Estas idas e vindas envolviam as diversões n'uma atmosfera de tristesa, que se não conseguia dissipar, nem mesmo com os sabios acordes que o pianísta — o Teodoro Costa, arrancava ao melodioso instrumento. Devo confessar que não passei mal a noite, mas não achava termo de comparação para as minhas saudades da *Santa Casa* e do *Y*.

Depois, as senhoras parece que não iam ali para se divertir, mas sim para *poser*, ou tratar de negocios. Ali vi a Filó Mira, uma atrisíta que ia fasendo carreira, mercê d'um fiosito de voz e d'uma plastica suculenta, que ainda é uma *mascotte*

das que maior influencia esercem n'este publico, para quem a suprema espressão do talento reside no recheio d'um *maillot* bem retesado.

O jornalista Fernandes já ha muito tempo presentira a vocação da artistinha, quando ela era ainda aluna do colegio da sua omónima na rua do Ferregial. Estava tambem a Barcarola, muito loura e insôssa com os ómens, mas cativante com o seu sexo. Tenho autoridade para faser esta apreciação.

Era inseparavel da Filó, que ali a apresentára. Além d'estas, foram lá n'essa noite: a Maria Amelia, que afixava um cinismo de bom gosto apreciando, cruamente, os vicios das mulheres e dos ómens; a Maria do Carmo, que apesar de antiga estava ainda muito bem conservada... em alcool; a Parzelos, esimia cantadora de fados, que tirava orgulho da sua origem alfamista e da alta estatura, de porta-machado; e varias espanholas insignificantes e ruidosas, que não sei se fasiam mais barulho com os pés se com as mãos. Quanto aos ómens, calculo que deviam estar muitos, mas... lá em cima.

No salão apenas vi: os irmãos Barros, corrétos e amaveis com as senhoras; o

Cal, miudo tenente, sempre metido em paixões tenebrosas; o Domingos Garcia, alto, bonito, simulando um despreso pelas mulheres que estava muito longe de sentir e sofrendo por elas como um catita; e mais dois ou tres que eu não conhecia. O Costa matraqueava no piano, como a convidar os dançarinos, que não vinham

Mal aproveitámos a musica e ás 2 e meia os Barros convidaram-me para cear.

E' esse tambem um dos inconvenientes d'aquele club: a ceia não se toma geralmente em comum, mas em grupos, á medida que cada um tem fóme, ou quando os acasos do jogo permitem uma escapadela para prover ás necessidades do estomago.

De tudo isto provém uma desanimação que não está em armonia com o bom gosto e conforto do mobiliario.

Conservámo-nos á mêsa até ás cinco da manhã e a essa ora já, relativamente, bastante gente cercava a mêsa grande. A refeição aqueceu um pouco e as garrafas esgotaram-se com uma certa regularidade.

Pela minha parte *chumbei-lhe* bem, de modo que para o fim já apreciava os factos por um prisma côr de rosa.

De repente levanta-se uma mulher que não reconheço através do nevoeiro, que flutúa por deante das minhas palpebras. Segundo me parece, tem uma taça de *champagne* na mão. A voz é doce como a brisa que aflora as ervas tenras e géme como o vento do outono na rama das carvalheiras. Dir-se-ia longinqua, vinda do Além.

Esses sons encantam-me e quando ela termina o brinde, que eu não compreendi, abraço-a e beijo-a longamente nos olhos. E, pouco a pouco, sentia-a enlanguescer-me nos braços...

Não saí sósinha dos *Ratos*...

*

* *

A sala do teatro das Variedades. São dés e tres quartos. A casa está á cunha. Na platéa, nas frisas e até na geral destaca-se a *péga,* essa ave indispensavel á vida das civilisações. Os espétadores ostentam figuras felises, como é proprio de pessoas que vão mergulhar o espirito no banho reconfortante das frivolidades.

A revista *Pae Paulino* — letra de João Bastos e Alvaro Cabral, musica de Delne-

gro, cenarios de Pina e E. Reis, cabeleiras de Vitor Manuel, etc., etc.,—atrae toda a gente que se empenha em não pensar emquanto digére; de maneira que chega a haver quem fique sem bilhete.

A sinfonia de abertura acaba de findar e o pano sóbe para o «Côro das Banhistas.»

Eu bem percebi que o espetáculo já principiára, mas preferi esperar no salão, para não perder o ensejo de uma entrada sensacional, incomodando toda a gente e atraindo para mim as atenções, o que não era dificil, dadas, a minha avanjada estatura e côr, e o berrante *marabut* vermelho que me flutuava no alto da cabeça, como a bandeirola d'um paiol de polvora.

Efetivamente, quando atravessei a sala para ir ocupar o meu logar na 2.ª fila da orquestra, levantei um murmurio de simpatía e ouvia coxixar com insistencia: —«Olha a Fernanda!» ou «Olha a preta!» E eu sorria desvanecida, fingindo uns tregeitos de quem estava muito vexada por incomodar, mas no fundo contentissima por poder respirar, emfim, as delicias da popularidade.

Depois, do meu logar, dei-me a observar a sala, desinteressada do espetáculo

do palco, que para mim nada valia em comparação com aquele. Na primeira fila uma linha de *yankees*, muito novos, a face desbarbada, o monoculo petulante e o chapeu côco de aba larga á *quaker*, acompanhavam os córos em gaitinhas, onde assopravam com falta de ritmo e por um modo deslavado, comparado á cara d'eles. Eram quasi todos aspirantes á conquista das *divas* da companhia. No resto da plateia e nas frisas toda a Lisboa das primeiras, das segundas e das outras representações. E lá tínhamos outra vês a parada das caras conhecidas: o mesmo Ricardo Sylvano, mas agora não acicata a anca do cavalo, pelo contrario, é ele o esporeado pelo espinho acerado do ciume; o inevitavel Tété, cujos olhos mortiços e baços dificilmente dístinguem o que se passa no palco, apenas interessado em detalhar a linha magrisela e angulosa dos *yankees*; o sempiterno Romarís, sempre flanqueado pelas duas vergonteas e agora acompanhado pelo irmão, o Bregeiro, de *smoking* e chapeu alto, como se estivesse n'uma recita do Republica; a mesma Maria Luiza, de Colares, com os mesmos brincos de safiras e brilhantes e o grande chapeu de telha, que é a *defesa* das pri-

meiras rugas, que despontam já; a mesmissima Carlotinha, agora mais *estucada* com o vermelhão que suporta melhor a cruesa das lâmpadas elétricas; o Estroncio, com a larga bigodana brilhando como fios de ouro torcidos, em que o tempo houvesse posto a *patine* valorisadora; a Edith Mercês, atrís sempre na disponibilidade, o que lhe valia as melhoras do eczéma que se lhe alastrava nas faces; n'uma frisa a Angela Pinto, o Chaby e a pequenita; n'outra o Virgílio Posta, com um grupo de republicanos istoricos, como ele; ainda n'outra o Brilho, gerente do *Petardo,* cavaqueia com uma espanhola que está no camarote ao lado, n'um andalús tão puro que ela o toma por compatriota, emquanto o Fernandes e o dr. Corvina se acotovelam, á socapa, e soltam, em voz baixa, repetidos: — Olé por tu madre!; o Ferreira Ribaldeira, com um grupo de socios do *Taurino,* estendem-se por uma fila, desdenhosos, como entes superiores transplantados violentamente do *boulevard* para esta aldeia; e finalmente, essas caras que nós não conhecemos, a que não seriamos capases de conferir um nome, mas que encontramos todos os dias e nos são tão familiares como as esquinas da cidade.

A enorme sala do teatro está mergulhada em sombra, o que me não impede de distinguir os olhares dos ómens crusando-se, ardentes, com os meus, mas não sei o que tem toda esta gente, pois parece-me notar-lhes, efeito de lús, com certesa! uma préga de escárneo a sublinhar o labio inferior.

O espetáculo decorre sem interesse para mim, até á entrada de um átor de nome Rosa, por quem eu estava apaixonada, o que me obrigava á despesa diaria de 520 réis. Que são 15$600, mensaes, para quem ama?!

A aparição do Rosa foi, para mim, um deslumbramento. Amára-o desde a noite memoravel, em que o vira faser um dueto sugestivo com a gentil atrís Rafaela Fons, cuja esbelta figura, olhar ardente e insinuante e graciosos movimentos, em que ha arte a valer, levantaram no meu peito uma tempestade de ciume, por a vêr ocupando junto do Rosa o logar que eu considerava meu.

Rosa mal me olhou, no intúito louvavel de ocultar o nosso segredo, mas o Cabral, judeu, logo se aproveitou da liberdade concedida aos *compères*, para inteirar o publico do que eu tanto desejaria que ficasse oculto.

Então senti pesarem sobre o meu pobre vulto os olhares de toda a sala, que se desentranhava em gargalhadas com as facécias do tal sr. Cabral, a quem aproveito o ensejo para diser que não acho graça nenhuma. E na minha reprovação envolvo tambem o basbaque do publico que se ria sem ter de quê.

Em suma, a gracinha só terminou quando Rosa, depois de espetorádo o seu numero recolheu a bastidores.

O espetáculo seguia emquanto o largo arfar do meu exuberante seio demonstrava aos malévolos observadores a violencia da comoção sofrída.

Entretanto tinha entrado em cena o simpático cançonetista Geraldo, artista corrétissimo e cultor de um genero inteiramente novo, que consiste em transformar a languida *modinha* brasileira na cançoneta parisiense e irrequieta. O modo como o cantor enverga uma casaca constitue um desmentido formal á acusação de inadaptabilidade que os brancos assacam aos ómens da minha côr.

O publico aplaudia-o com entusiasmo e com justiça e Geraldo, bem esticado nas pernas, corréto e expressivo, entoava á boca da cena:

O' minha Carabú,
E's a minha paixão,
Dou-te o meu coração,
Para mim só tu
Minha Carabú

E a orquestra, ao findar o ultimo verso, atacava, com vigor, o *ritornello* saltitante de um «cake-walk» norte-americano.

Então, adeantou-se o Cabral e anunciou em vós de stentor: — A minha Ferdinanda! em seguida ao quê cantou com a musica de *A minha Carabú*, uma insípida cançoneta da sua composição, em que eu era clara e cruelmente visada, e á qual não reconheci o espirito que o publico festejava em estrepitosos aplausos.

As gargalhadas retumbavam, principalmente, quando o incivíl ator cantava o *refrain:*

O' minha Ferdinanda
Minha curucucú
E's uma *ingratatussa*
Papussa, a mim não enganas tu!

E o publico ria até ás lagrimas emquanto eu, toda dengue, soltava umas risadinhas istéricas a fingir que achava muita

piada, mas, no fundo, furiosa. Se fosse ómem, esbofeteava-o.

Levantei-me e saí, para significar com a ausencia, o meu protesto e então aquela turbamulta de energúmenos redobrou a risada, que me perseguia pelas escadas, como um anátema vociferado por milhares de bocas.

No vestibulo, um grupo de autores dramaticos muito festejados, cavaqueava e ao verem-me tão agitada interrogaram-me:

—Então que e isso? já?

—Pudéra, respondi fula, o sr. Cabral entendeu que se havia de divertir á minha custa!

—Não faças caso, disse-me carinhosamente o Ernesto Rois

—E' uma brincadeira! conciliou o Rino, que era tambem empresario.

—Ele é bom rapás, o que gosta é de faser a sua judiaria, perorou o Bruno, a ver se me abrandava.

—Nada, aqui ha coisa, insinuou o Oliva Soares, muito janota, de luva branca, tu fiséste alguma partida ao Cabral. Não se esplica d'outro modo a intenção de ser desprimoroso para contigo, que ele continuamente revela!

—Despeito, meu amigo, despeito! tor-

nei eu. E' certo que estive apaixonada por ele, mas então não me quís. Agora, não quero eu! E ele vinga-se. Mas não, eu era incapaz de atraiçoar o meu Rosa.

—Vae-te deitar e toma juiso, aconselhou-me o Ernesto.

—Juiso não me falta, respondi, já refeita da comoção, toda risonha e revirando os olhos, com um leve inclinar de cabeça e sofraldando a sáia o que punha em grande evidencia o quarto traseiro:

—Meus senhores... *ó revoada!*

Aprendèra a frase com a Esperança e dava-me bom resultado porque sempre que a proferia ficava toda a gente na persuação de que ía ali uma estrangeira.

Em seguida, tomei o elevador da Gloria, onde um cavalheiro atencioso me pagou o logar e fui para casa refletír nos sucessos d'esta noite tão cheia.

*

* *

Alguns meses passaram. Não cheguei a auferir Rosa, porque no primeiro chóque das nossas paixões ele me declarou, o ingrato! que a pele sarrabulhosa dos pretos

lhe produsia a mesma desagradavel impressão que o atrito de uma grosa.

Talvês fosse melhor assim. Quantas veses tenho notado que os sentimentos que nos requeimaram no passado, quando insatisfeitos, são precisamente os que mais tarde maior perfume de saudade rescendem.

E a verdade é que a minha vida começa a ser um calvario de saudades. Isto que prova? Que tem sido longa e bem recheiada de acontecimentos. Um d'estes dias dei-me á observação do cabelo, pela primeira vês, depois que retomou em grande parte a côr natural que as constantes abluções com agua oxigenada lhe tinham tirado.

E que vi eu? Por entre a carapinha que se anéla graciosamente, sem necessidade de recorrer aos artificios da cabeleireira, um fiosito de prata insinuára-se serpentínamente, pondo um traço claro na massa sombría do pelo. Essa primeira e subreptícia branca é o aviso que o Destino me fás de que a decrepitude se avisinha e que é tempo de abandonar os praseres para começar, embora tarde, a cuidar dos meus interêsses que eu sempre afastei, imprevidentemente, para o segundo plano. Toda-

vía a ameaça da Naturesa, se bem que por veses me apavore, não tem no entanto o condão de sufocar em mim, os pruridos que ainda sinto de amar e de ser amada e sobretudo de que todo o mundo o saiba. Tem sido este o traço mais saliente do meu caráter e já agora duvido que possa mudar.

De resto eu sou fatalista e entendo que não podemos eximir-nos aos decretos do Fado, o que muito concorre para que me não incomode. Tenho confiança na minha estrela que nunca cessou de lusir, atravez de todas as contingencias da minha vida aventurosa.

Depois de um periodo de prosperidades, presinto que vou ter agora uma fase deprimente.

Basta para isso observar o que me cérca. A minha casa começa a ter aquele aspéto vetusto que caraterisa as grandes decadencias. O mobiliario que reuni tão carinhosamente e com sacríficios que só o Luis Camiseiro poderia relatar se quisésse, começa tambem a resentir-se dos ultrajes do tempo; as poltronas mostrando eventrações por onde a estôpa se escapa de envolta com a espiral das molas; os leitos, encovados como a face de um tuber-

culoso, denunciam o longo e aturado serviço a que teem sido obrigados e que se as circumstancias do tesouro o permitissem, deveriam grangear-lhe a reforma, com a pensão por inteiro; os espelhos riscados a diamante, pelas mil imbecilidades que n'aquele emaranhado de traços puséram a assinatura da sua vaidade; as violinhas sem braços claudicam n'uma manqueira assustadora, para os cavaleiros de tão avariados corcéis idráulicos; o papel das paredes esfarrapa-se em tiras, que caem tristemente como as folhas de um chorão; as creadas, cloróticas, verdes, miseraveis, arrastam-se pela casa como sombras dantêscas, errantes, no cumprimento de uma condenação fulminada por um deus cruel e empregam as ultimas energías que lhes réstam para balbuciar aos visitantes d'esta necropole:

—Sr. F. dá-me um tostãosinho?

As pensionistas, magras e brancas como um sudário, ocultam sob o alvaiade as rosêtas da fébre que as devora. Pelas paredes da cosinha ressuma a umidáde viscosa dos logares inféctos e pela chaminé o vento ruge e desce com o estrondo tenebroso que nos contos de Hoffmann anuncia o aparecimento de um génio mau.

E esse poder oculto baixou efétivamente sobre a minha pobre casa, assentou aqui arraíaes. Sinto-o em tudo, até na alegria falsa que afixo por veses e que já não tem o poder de galvanisar as tristes pensionistas, como outr'ora. E' que elas sofrem a influencia do ambiente. Até o átrio da casa está condenado. E' aquele o logar maldito escolhido pelos gatos da visinhança — ia jurar que acompanham bruxas a algum *sabbat* infernal, — para depôrem as oferendas pestilenciaes, com que veem escarnecer o descalabro da minha esistencia, sobre a qual plana a ruina iminente.

Mas, como disse, a confiança na minha estrêla não adormece. Esta segurança nasce da observação nunca desmentida de que, quando estou mais em baixo é a ocasião que se avisinha de uma nova época de esplendor. Tem sido sempre assim e assim continuará a se[illegible] tanto, coração ao largo e tratemos [illegible]s divertir emquanto é tempo. [illegible] maldito cabêlo branco!

As linhas que aí ficam, foram escritas sob a influencia nefasta de tão triste encontro. Mas passou já o momento de desân[illegible] e eis-me pronta, de novo, para a

lúta, para os praseres e para os embates deliciosos da paixão.

Esgotêmos a taça do goso até ás féses.

N'este momento apenas uma preocupação me domina: o que a posteridade pensará de mim.

Nem outra idéa tive, ao traçar as modestas descrições que aí ficam, além da que indico no prefácio senão pôr em fóco a minha fertil esistencia para que me não seja negado o logar, que de direito me pertence, nas paginas imorredoiras da istória.

*

* *

Terminam aqui as minhas memorias, mas antes de concluir, seja-me permitido repudiar a solidariedade que alguns despeitados, de pessimo caráter, se teem atribuido, de contato com os meus encantos.

A esse [illegible] vou esmagal-os com todo o p[illegible] que se ségue e que constitue a [illegible]tese da minha vida amorosa.

Esses zoilos que se enfeitam com pênas de pavão, que lhes não pertencem, merécem apenas o asco da sociedade, como severa punição á repugnante e c[illegible] de

tarefa de denegrir a reputação de uma senhora que outro defeito não possue senão o de ostentar uma tês a cuja coloração não é estranha a intervenção da fuligem nativa.

Seja qual fôr a apreciação da crítica imparcial, eu quedar-me-hei tal como esse santo apostolo de raça negra, o grande S. Benedíto, que não comía, nem bebía e estava sempre gordíto.

Lisboa, 1911.

Pela copia,

A. TOTTA.
F. MACHADO.

FIM

Indice dos capitulos

I — De como decorreu a minha infancia — O «Granzá» — Superstições — A «Cachupa»..... 5
II — O amor em cena, ou o naufragio da virgindade — A viagem — Dakar — O casamento — Dez mezes perdidos!.... 25
III — A chegada — Cataratas de cerveja — Divorcio forçado — Entrego-me ao esército — O meu ingresso na vida publica — O mel do louvor — Derrocada .. 71
IV — Do serviço do Estado ao serviço domestico — A atmosféra dos salões — Padeiro ou magarefe? — A Semana Santa — Do Nyassa ao Ultimatum — Paço d'Arcos, a bela — O regresso do «pionneer» — A Bucelas! — O primeiro degrau para a celebridade 99
V — D. Juan de Luñiga — Os meus salões — Entorse fatal — A pe-

nhóra — O cenáculo da Barroca — A casa sinistra — Mais «Pilsener»! — Vestiario modelo — «Un balo in maschera» 129
VI — Flôr de S. Roque — A orgía — Uma noite no «Y» — A Avenida — O Grande Midões 175
VII — Escritora dramatica! — A «Santa Casa» — O toureio a cavalo .. 209
VIII — Uma ceia de onra — A lúta greco-romana — Roís, bailarino oriental — O banho de Cleópatra — A morte do gato — Volto ás Gaveas — A Feira — Zig-Zag — Desastre 243
IX — Um caráter — Bailarina negra — Paris! — Um guarda civico — A minha gramática 269
X — Volto ao local do sinistro — Um autógrafo — «La arte de ser bonita» — Casamento simulado — O «Pae Paulino» — Avisinha-se a decrepitude — Finis. 287

Mapa sinoptico e des

NOMES	Pro
Jeronimo Antunes Martins	Capitão
Frederick Wilhelm von Kremps	Ind
Joaquim Antonio da Conceição	2.º S.
Antonio Gouveia	Manipul
Francisco Catita	Ma.
Manuel Barata	1.º Cabo.
Ramon Peres Alonso	Capitão
Roque Martins	Baln
José Liborio Fontana	Ap
José Riacho	Perito c
Manuel Midões	*Commi.*
Benigno Martins	Creado de
Galrão Armelim	Afri
Alvaro Poça	Fact
Romano Reis	Jornalista
J. Naves Vidal y Vidal	Redator
Shackman	Lu
Julio Soares	Jor
Virgilio Tromba	Adv
João Tainha	Amanuens
José Mendes Lopes	*Cr*
Amalhou	Lu
Antonio Rivas Alvár	Solicitad
Afonso de Pinho	Com
Pissiuti	Acroba
Julio Sapedra	Taq
João Lucifer	Mar
Antonio Sá	Cadete
Alves Cabral	
Joaquim Rosa	I.
Manuel Rebelo dos Santos	Guar
J. Fabião Domingues	Guard
Artur	Est

r de umas para ou-
telamento dos Pau-
pret.

p na escala militar.
dade!

o despreso dos pre-
va!... O idrofobo!

o que se póde ima-

ro que ele tinha de

Nota final — Devo declarar que, entre umas

a do Vale.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

CT
2648
V3A3

Vale, Fernanda do
Recordações d'uma colonial
(memorias da preta Fernanda)